

**Vivendo paradigmas alternativos**  
**Experiências *in-vitro* de sociedades futuras**

**Rita Vanessa Parente de Melo Azevedo**

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em  
**Engenharia do Ambiente**

Orientadoras: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Contente de Vinha Novais  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria João Prudêncio Rafael Canadas

**Júri:**

Presidente: Doutora Elizabeth da Costa Neves Fernandes de Almeida Duarte, Professora Catedrática, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutor José Manuel Osório de Barros de Lima e Santos, Professor Catedrático, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Doutora Ana Maria Contente de Vinhais Novais, Professora Auxiliar, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Lisboa, 2016

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar por agradecer às minhas orientadoras de tese, à Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Novais por ter escutado pela primeira vez a minha ideia para esta tese e ter aceitado orientar-me nesta aventura e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria João Canadas por se ter juntado a nós com tanto entusiasmo! As duas foram extremamente importantes para que eu conseguisse cumprir todas as etapas desta viagem sempre com motivação e confiança. Desde cedo compreenderam a minha forma de trabalhar e sempre respeitaram o meu ritmo, intervindo quando eu mais precisava, por várias vezes discutindo a temática comigo horas a fio apesar do cansaço de um longo dia de trabalho. Pela vossa dedicação e apoio estou imensamente grata!

Agradeço do mesmo modo a duas pessoas a quem recorri inicialmente quando ainda estava pouco confiante da minha ideia de embarcar neste trabalho: o meu tio Luís Leal e o Prof. Dr. Keith Halfacree, que me motivaram a dar o primeiro passo e a entrar em contacto com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Novais e sem os quais a minha dissertação não teria sequer começado.

Para além disso, o meu sincero agradecimento a todas as iniciativas que me receberam e se disponibilizaram a responder às minhas perguntas e sem o apoio das quais este trabalho nunca teria sido concretizado. Algumas delas alojaram-me e alimentaram-me com muito carinho durante o tempo que ali passei a entrevistar os seus membros. Fizeram-me sentir muito bem-vinda!

Um obrigado também à Catarina Capela e à Rosa Ruela (Revista Visão) por me terem fornecido vários contactos para a execução deste trabalho.

Agradeço ainda aos meus colegas de mestrado com quem partilhei tantas aulas, trabalhos, ideias e jantares e que foram a minha grande companhia nos primeiros dois anos de mestrado. Em particular agradeço a disponibilidade e a partilha de informação do Bruno Meneses que tão importantes foram ao longo do trabalho.

Gostaria igualmente de agradecer às minhas fontes de inspiração: os meus amigos Emeline Bécart, Konstantinos Haidos e Maud Romet. A eles devo infinitas horas de partilha e discussão de ideias, sonhos, convicções, dúvidas e petiscos, que tanto me enriqueceram nos 3 anos que passámos juntos. Esta tese é fruto da nossa amizade!

Finalmente, resta-me agradecer aos meus pais, cujos interesses moldaram os meus e me trouxeram até aqui. O vosso apoio e feedback foi muito importante em todo este percurso.

E agradeço ao meu companheiro de vida que suportou todas as minhas ansiedades, medos e irritações com uma imensa paciência e amor e tornou o meu dia-a-dia e todo este trabalho tão mais fácil. É a ele e à nossa princesa Sara que dedico esta dissertação!

## RESUMO

As sociedades humanas atuais regem-se pelo paradigma do crescimento económico. Perante as evidências de que este está na origem da crise ambiental e que as respostas oferecidas pelos governos são insuficientes, cidadãos têm vindo a organizar-se em iniciativas que visam desenvolver soluções locais e comunitárias para as alterações climáticas globais. Estas iniciativas de base podem ser entendidas como inovações sociotécnicas que emergem em espaços nichos protegidos, à margem da sociedade, e que podem expandir, influenciando a sociedade em geral e potencialmente desencadeando transições sistémicas.

Com o objetivo de conhecer as iniciativas de base do Portugal rural, entrevistaram-se líderes, membros, voluntários e estagiários (32 pessoas) de 9 iniciativas. Analisaram-se as visões do mundo associadas às iniciativas e aos entrevistados usando o *Integrative Worldview Framework* e as práticas ambientais e outras. Identificaram-se os fatores que contribuem para o sucesso destes projetos e mediu-se o seu potencial de expansão com base no modelo Perspetiva Multinível.

Os resultados mostram que, ao nível das suas visões societais, as iniciativas partilham elementos da visão do mundo da espiritualidade contemporânea. Esta visão guia também os entrevistados e traduz-se na vida concreta em comportamentos pró-ambientais, que promovem o desenvolvimento sustentável, e em práticas espirituais que respeitam a escolha e liberdade individuais. Contudo, no que respeita a práticas económicas e sociais encontra-se ainda numa fase embrionária e pouco inovadora. De acordo com os fatores e indicadores de sucesso, pelo menos cinco das nove iniciativas têm potencial para se expandir e influenciar a sociedade em geral.

Conclui-se que as iniciativas estudadas e entrevistados sejam uma expressão do surgimento de uma cultura da espiritualidade contemporânea em Portugal. Esta cultura, embora tencione oferecer uma alternativa, não se opõe em absoluto ao regime dominante, pretendendo, ao invés, funcionar em paralelo ou em conjunto com o mesmo.

**Palavras-chave:** paradigma do crescimento económico, inovações sociotécnicas, iniciativas de base, práticas ambientais, espiritualidade contemporânea.

## ABSTRACT

Current human societies are governed by the economic growth paradigm. Growing evidences show that this paradigm is behind the environmental crisis. With governments failing to provide adequate solutions to the long lasting environmental problems, groups of citizens have been organizing themselves forming initiatives which aim at developing local and community solutions for the global climate changes. These grassroots initiatives can be understood as sociotechnical innovations that emerge in protected niche spaces outside mainstream society. They can potentially expand, influence greater society and trigger systemic transitions.

With the aim of exploring the grassroots initiatives of rural Portugal, 32 people from 9 initiatives have been interviewed, amongst leaders, members, volunteers and interns. The worldviews of initiatives and interviewees have been analysed using the *Integrative Worldview Framework*. Environmental and other practices have also been evaluated. The factors which contribute to the success of these projects have been identified and their potential for expansion has been measured according to the *Multilevel Perspective* model.

Results show that the initiatives share elements of the contemporary spirituality worldview in regards to their societal visions. The same worldview guides the interviewees and translates into daily life in pro-environmental behaviours, which promote sustainable development, and in spiritual practices that respect individual choice and freedom. Economic and social practices are however at an embryonic, low innovative state. Based on the success factors and indicators, at least five out of the nine initiatives have potential to expand and influence wider society.

To conclude with, this study indicates that the initiatives and interviewees are an expression of a rising culture of contemporary spirituality in Portugal. Although this culture intends to offer an alternative to the mainstream regime, it does not oppose to it completely, rather seeking to work alongside or together with it.

**Keywords:** economic growth paradigm, sociotechnical innovations, grassroots initiatives, environmental practices, contemporary spirituality.

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	II
<b>RESUMO</b> .....	III
<b>ABSTRACT</b> .....	IV
<b>ÍNDICE</b> .....	V
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	VIII
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	IX
<b>LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SÍMBOLOS</b> .....	X
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
O nascimento de uma ideia .....	1
A relevância da temática .....	1
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	4
1.1. O PARADIGMA ATUAL.....	4
1.1.1. O paradigma do crescimento.....	4
1.1.2. Os limites do crescimento económico.....	5
1.1.3. O discurso do desenvolvimento sustentável.....	6
1.1.4. A crise económica e o questionamento do paradigma do crescimento.....	7
1.2. VISÕES DO MUNDO E TRANSIÇÃO.....	8
1.2.1. As origens da visão do mundo ocidental atual .....	9
O Iluminismo e o Romantismo .....	9
A influência do pós-Romantismo na relação entre o homem e a natureza.....	11
1.2.2. O surgimento de uma espiritualidade contemporânea .....	12
Caracterização da espiritualidade contemporânea (ou do movimento New Age ) .....	13
O potencial da espiritualidade contemporânea para o desenvolvimento sustentável. ....	14
Os riscos da espiritualidade contemporânea para o desenvolvimento sustentável ....	15
1.2.3. Medindo as visões do mundo .....	16
Integrative Worldview Framework.....	17
1.3. DA INOVAÇÃO TÉCNICA À INOVAÇÃO SOCIAL.....	18
1.3.1. Transições sociotécnicas e inovações de base.....	19
1.3.2. O modelo Perspetiva Multinível.....	20
1.3.3. Fatores de fracasso e sucesso para a difusão de inovações sociotécnicas.....	22
1.3.4. Indicadores de sucesso das inovações de base .....	24
1.4. TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE.....	25
1.4.1. Soluções radicais.....	26
As Eco-aldeias .....	26

O Movimento Transição.....	28
1.4.2. Soluções radicais no espaço rural.....	30
1.4.3. Movimentos de transição de base em Portugal.....	33
A Rede Convergir .....	34
<b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA .....</b>	<b>35</b>
2.1. A constituição da amostra de iniciativas.....	35
2.2. A elaboração dos questionários e a realização do inquérito .....	36
2.3. O tratamento da informação .....	38
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DE RESULTADOS.....</b>	<b>41</b>
3.1. Caracterização das iniciativas. Histórias, visões do mundo e práticas.....	41
3.1.1. Nove histórias na primeira pessoa.....	41
Economia e Finanças.....	41
Saúde e bem-estar espiritual .....	43
Regeneração rural.....	44
Gestão da Terra e Natureza_1 .....	46
Transição_1 .....	48
Permacultura_1 .....	49
Sensibilização e educação.....	50
Uso da Terra e Comunidade.....	52
Gestão da Terra e Natureza_2.....	54
3.1.2. As visões do mundo.....	56
3.1.3. Análise das práticas .....	58
Práticas ambientais .....	58
Práticas sociais .....	60
Práticas económicas .....	61
Práticas espirituais .....	61
3.2. Os participantes. Motivações e visões do mundo.....	61
3.2.1. Caracterização sociodemográfica.....	62
3.2.2. Motivações.....	63
3.3.3. Visões do mundo .....	64
3.3. Avaliação do sucesso .....	66
3.3.1. Fatores de sucesso .....	66
3.3.2. Indicadores de sucesso .....	69
<b>CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO .....</b>	<b>72</b>
Os novos paradigmas .....	72
O sucesso das iniciativas de base.....	75

As pessoas por trás das iniciativas.....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	78
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	79
<b>OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO</b> .....	83
<b>ANEXOS</b> .....	84
<b>Anexo 1</b> – Ficha de identificação e caracterização da iniciativa (em português).....	85
<b>Anexo 2</b> – Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário (em português).....	93
<b>Anexo 3</b> – Fatores que promovem o crescimento e expansão das iniciativas e do nicho (Fatores de sucesso).....	99
<b>Anexo 3</b> – Fatores que promovem o crescimento e expansão das iniciativas e do nicho (Fatores de sucesso). (continuação) .....	100
<b>Anexo 4</b> – Lista de indicadores utilizados para medir o crescimento e a expansão das iniciativas e do nicho (Indicadores de sucesso). .....	101
<b>Anexo 5</b> – Grelhas utilizadas na análise dos discursos dos líderes das iniciativas ou seus representantes.....	102
<b>Anexo 6</b> – Fichas de identificação das visões do mundo de cada iniciativa e respetiva representatividade no discurso do líder (ou seus representantes).....	107
(O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital). .....	107
<b>Anexo 7</b> – Fichas de apuramento dos fatores de sucesso de cada iniciativa e respetiva classificação. (O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital). .....	110
Ficha 7.1. – Fatores de sucesso e respetiva classificação da iniciativa Economia e Finanças.....	110
<b>Anexo 8</b> – Fichas de apuramento dos indicadores de sucesso de cada iniciativa e respetiva medição. (O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital). .....	114
<b>Anexo 9</b> – Resultados da avaliação das práticas ambientais de cada iniciativa. (O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital).....	116
<b>Anexo 10</b> – Quadro-resumo das práticas sociais de cada iniciativa. ....	117
<b>Anexo 11</b> – Quadro-resumo das práticas económicas de cada iniciativa. ....	118
<b>Anexo 12</b> - Quadro-resumo das práticas espirituais de cada iniciativa. ....	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Visões do mundo das iniciativas. Número de valores de cada visão do mundo presentes no discurso do líder em razão do número total de valores considerados. ....	56
Quadro 2 - Representação das visões do mundo por dimensão do IWF (Nº de valores presentes no conjunto dos discursos por dimensão). ....	57
Quadro 3 - Resultados das práticas ambientais (água, energia, resíduos e biodiversidade) de cada iniciativa (pontuação máxima= 1). ....	58
Quadro 4 - Número de iniciativas que utiliza os meios de transporte de acordo com a distância e tipo de transporte.....	59
Quadro 5 – Resultados referentes ao tipo de dieta, produção do próprio alimento e tipo de agricultura para cada iniciativa estudada. ....	59
Quadro 6 – Resultados referentes ao tipo de medicina praticada em cada iniciativa.....	60
Quadro 7 – Resumo dos dados sociodemográficos da amostra em estudo. ....	63
Quadro 8 - Lista de motivações para os indivíduos se juntarem ou fundarem a iniciativa, respetiva categoria e resultados (médias e desvio padrão). ....	64
Quadro 9 - As visões do mundo dos entrevistados, pontuações (média e desvio padrão) por fatores e dimensões do <i>Integrative Worldview Framework</i> . ....	65
Quadro 10 - Médias dos resultados obtidos para cada item dos fatores de sucesso. ....	67
Quadro 11 - Resultados gerais da identificação dos fatores de sucesso nas iniciativas estudadas e respetivas médias (ordenados por classificação geral obtida).....	69
Quadro 12 – Fatores que mais separam as iniciativas com maior potencial de sucesso das de menor.....	69
Quadro 13 - Média dos resultados obtidos para cada indicador. ....	70
Quadro 14 – Resultados gerais dos quatro tipos de indicadores para cada iniciativa, ordenados de acordo com a classificação geral. ....	71

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A perspetiva multinível das transições. (Fonte: Geels e Schot, 2007) .....	22
Figura 2 – Lista das iniciativas de base da amostra e sua localização aproximada. ....	36

## LISTA DE ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SÍMBOLOS

<b>CSA</b>	Community Supported Agriculture
<b>EDAP</b>	Energy Descent Action Plan
<b>EPA</b>	United States Environmental Protection Agency
<b>GEN</b>	Global Ecovillage Network
<b>GFN</b>	Global Footprint Network
<b>IWF</b>	Integrative Worldview Framework
<b>OCDE</b>	Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>PRODER</b>	Programa de Desenvolvimento Rural
<b>PROUT</b>	Progressive Utilization Theory
<b>CT</b>	Cidades em Transição

## INTRODUÇÃO

### O nascimento de uma ideia

A ideia para o tema desta dissertação surge de um interesse meu muito pessoal, que se foi desenvolvendo ao longo dos últimos anos, e que está também muito relacionado com a minha própria história de vida. Foi fruto de um percurso que passou pela minha introdução no mundo *New Age* desde muito cedo, nomeadamente através do contacto com as disciplinas de Astrologia e Macrobiótica proporcionado pelos meus pais, pelo privilégio de ter tido acesso a uma formação base multidisciplinar, bilingue e multicultural, pela escolha de seguir uma licenciatura na área das ciências exatas e, como não podia deixar de ser, pelo interesse transmitido pelos meus pais pelas questões sociais e ambientais. A minha incapacidade de aceitar o conformismo português com o *status quo* em ambiente de trabalho leva-me até à República da Irlanda, onde vivi quase 5 anos e durante os quais também viajei pela América do Sul por 6 meses de mochila às costas. E é durante estes anos que se torna ensurdecadora a insatisfação de muitas pessoas perante a crise económica, social e ambiental, perante as vidas vividas sem objetivos maiores, perante um mundo liderado por interesses económicos que se sobrepõem aos ritmos da natureza e dos seres humanos, perante a exploração desmedida dos recursos de todos e da desigualdade na sua distribuição, perante a manipulação das massas por parte dos governos, instituições europeias e dos *media*. E é também durante estes anos que, em paralelo, surge o interesse por aqueles que se recusam a aceitar de braços cruzados o que está a acontecer, que são ativistas - uns de forma mais óbvia, outros de forma mais subtil - e escolhem seguir alternativas, nem sempre bem vistas pelo resto da sociedade, muitas vezes sem o apoio familiar, porque acreditam que podem fazer a diferença. Na pesquisa bibliográfica efetuada no início deste trabalho deparei-me com estudos científicos realizados por cientistas também eles interessados nas transições sociais e técnicas a ocorrerem atualmente e nas experiências que indivíduos e comunidades levam a cabo tentando construir novas sociedades. Sociedades essas assentes em princípios mais humanos, mais em harmonia com o ambiente. Nasce assim o tema deste trabalho e o seu título *Vivendo paradigmas alternativos – Experiências in-vitro de sociedades futuras*, que abarca em si a história dos inconformados, dos que preferem agir, dos que escolhem viver de forma diferente e mudar o mundo.

### A relevância da temática

As sociedades humanas vivem atualmente de acordo com o paradigma do crescimento económico, associado à ideia de que este é desejável, imperativo e ilimitado, assumindo-se que o ser humano, ao contrário das demais espécies, não depende dos recursos naturais que explora, e que estes não são escassos e finitos. Existem, no entanto, evidências, acentuadas pela crise económica atual, de que crescimento económico não significa necessariamente progresso ou melhoria do bem-estar e de que o discurso do desenvolvimento sustentável, introduzido no sentido de aliar a dimensão económica às dimensões ambiental e social, não trouxe as mudanças necessárias para garantir o acesso aos recursos pelas gerações vindouras. Com os governos a falharem nas suas respostas à crise, especialmente a ambiental, indivíduos e grupos de cidadãos tentam por sua própria iniciativa

desenhar e implementar inovações sociais, técnicas e tecnológicas que consigam solucionar os problemas atuais e influenciar o resto da sociedade.

Nos últimos anos tem surgido interesse da comunidade científica em estudar as transições para a sustentabilidade promovidas por iniciativas de base, isto é, que surgem no contexto da sociedade civil. Estas iniciativas inovadoras procuram dar respostas locais e comunitárias às alterações climáticas globais e emergem em nichos onde se experimentam novos arranjos sociais, técnicos e tecnológicos. Os estudos científicos têm-se focado no desenvolvimento de ferramentas conceituais e de gestão para compreender e governar transições em direção ao desenvolvimento sustentável (Seyfang e Haxeltine, 2012), nomeadamente em modelos que representem como estes nichos podem crescer e influenciar o resto da sociedade (por exemplo Geels, 2002; Geels e Shot, 2007; Kemp, 2009), como criar e nutrir proactivamente os nichos por forma a desencadear transições sistémicas mais vastas (por exemplo, Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013), quais os fatores de sucesso para a difusão deste tipo de iniciativas (por exemplo, Geels e Shot, 2007; Seyfang e Smith, 2007; Middlemiss e Parrish, 2010; Seyfang e Longhurst, 2013; Feola e Nunes, 2014) e que condições externas ao nicho geram janelas de oportunidade para as inovações serem adotadas mais amplamente (por exemplo, Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013). Apesar da literatura de transição se centrar essencialmente nos fenómenos que ocorrem atualmente na Europa do Norte, também em Portugal se tem vindo a assistir à formação de variadas iniciativas de base. Muitas localizam-se nos meios rurais, atualmente desertificados, que constituirão provavelmente espaços mais protegidos onde experiências sociais poderão ocorrer à margem da sociedade. O objetivo deste trabalho é caracterizar o movimento de iniciativas inovadoras de base que está a surgir em Portugal no mundo rural, compreendendo os atributos, motivações e papéis envolvidos no movimento, mas também o perfil das várias iniciativas e qual o seu potencial para influenciar o resto da sociedade. Um enfoque especial é dado às práticas ambientais que as iniciativas executam. A partir deste objetivo visa-se aproximar a uma resposta a uma questão mais lata que foi o fio condutor de toda a investigação:

- Pode um conjunto de iniciativas de base onde se experimentam estilos de vida sustentáveis ter sucesso?

Desta mesma questão nasceram outras mais específicas:

- Que tipo de paradigma ou paradigmas se vivem nas iniciativas de base desenvolvidas em Portugal em meio rural?

- Que fatores podem contribuir para a expansão de uma iniciativa de base? Como medir esse potencial de expansão? As iniciativas estudadas têm potencial para se expandir?

- Em que medida as iniciativas de base têm práticas mais sustentáveis?

Ao longo desta dissertação e com base nos resultados obtidos tentar-se-á responder a estas questões. Para tal, a tese foi organizada em 4 capítulos:

O Capítulo I corresponde ao enquadramento teórico do trabalho. Em primeiro lugar, caracteriza-se o paradigma dominante atual, seus limites e questiona-se a sua validade. Em segundo lugar, faz-se

um levantamento das visões do mundo predominantes no mundo ocidental atual e como estas influenciam a relação que o homem estabelece com a natureza e o ambiente. É introduzida uma ferramenta conceitual e metodológica, a *Integrative Worldview Framework*, que foi utilizada neste trabalho e que permite operacionalizar o conceito de visão do mundo. Em terceiro lugar, segue-se uma secção dedicada à literatura de transição, em que é descrito o modelo *Perspetiva Multinível* utilizado para analisar a amostra de iniciativas de base estudadas, e são listados os elementos que apoiam a emergência e o crescimento do nicho e influenciam a capacidade destes projetos desencadearem mudanças sociotécnicas efetivas como resposta às alterações climáticas. Abordam-se ainda os processos através dos quais as soluções propostas e desenvolvidas pelo nicho podem ser adotadas mais amplamente pelo resto da sociedade. Em quarto lugar, referem-se exemplos de soluções radicais, muitas delas em espaço rural, que têm surgido como reação à crise ambiental atual, nomeadamente o movimento das *Eco-aldeias* e o *Movimento Transição*. E discute-se brevemente se estas iniciativas de base podem representar rurais futuros potenciais. Finalmente apresentam-se alguns trabalhos feitos nesta área em Portugal e também a *Rede Convergir*, uma plataforma que agrega muitas das iniciativas de base em desenvolvimento no nosso país e que funcionou como base de dados para esta tese.

No Capítulo II descreve-se a metodologia utilizada no trabalho. É descrito todo o processo que envolveu a constituição da amostra, a elaboração dos questionários e a realização do inquérito e o tratamento da informação.

No Capítulo III apresentam-se os resultados em três partes. A primeira parte diz respeito à caracterização das iniciativas. Descrevem-se as suas histórias, comparam-se as visões do mundo pelas quais estas se regem e avaliam-se as suas práticas ambientais e outras. A segunda parte é dedicada à caracterização sociodemográfica do conjunto dos participantes, averiguam-se ainda as suas motivações para iniciarem ou se juntarem às iniciativas e analisam-se as suas visões do mundo. Na terceira parte avalia-se o sucesso das iniciativas.

No Capítulo IV discutem-se os resultados, dando-se especial ênfase aos novos paradigmas a serem experimentados nas iniciativas em estudo, ao sucesso dos projetos e às pessoas que os constituem.

No fim são tecidas algumas considerações finais acerca do trabalho, sendo dadas repostas sintetizadas às questões de investigação de partida.

## CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo abordam-se os temas teóricos que enquadram este trabalho. No primeiro ponto descreve-se o paradigma sob o qual as sociedades atuais se regem. No segundo ponto reflete-se acerca das visões do mundo e como estas influenciam a relação entre o homem e a natureza. No terceiro ponto caracterizam-se as transições sociotécnicas e referem-se os elementos que podem contribuir para o sucesso de inovações de base. No quarto ponto especificam-se soluções radicais de base para os problemas ambientais atuais.

### 1.1. O PARADIGMA ATUAL

O conceito de paradigma procede do grego e significa «exemplo» ou «modelo» e é durante os anos 60 do século XX que este é desenvolvido pelo físico, filósofo e historiador americano Thomas S. Kuhn. Para Kuhn, tanto a investigação científica como o pensamento humano, são definidos por paradigmas ou visões do mundo concetuais. Estes consistem em teorias formais, experiências e métodos clássicos. Tipicamente, os cientistas aceitam um paradigma e refinam as teorias baseadas nessa forma de ver o mundo, explicando dados e estabelecendo fenómenos e medidas *standard* precisas. Eventualmente, porém, começam a enfrentar dificuldades em explicar fenómenos teóricos ou experimentais através do paradigma aceite. Este começa então a ser questionado e a ser considerado desadequado. A acumulação de dificuldades despoleta uma crise que só pode ser resolvida com uma revolução intelectual que substitui o velho paradigma por um novo. Um exemplo muito importante de substituição de paradigma foi a substituição do geocentrismo, que dominou o pensamento científico durante 1400 anos, pelo heliocentrismo<sup>1</sup>. Esta substituição de paradigma representou uma revolução não apenas no campo da astronomia, mas também no da filosofia, pois fez com que as pessoas mudassem a forma de ver o seu lugar no mundo. A Terra e o ser humano deixaram de ser o centro do Universo, perderam o seu carácter especial - o homem não era mais criado à imagem de Deus - e tudo aquilo em que as pessoas acreditavam começou a ser questionado. Desta forma, quando falamos em paradigma não podemos isolar a sua influência a uma única secção da nossa sociedade ou do nosso conhecimento: um paradigma está relacionado com as nossas crenças, valores e a forma como percebemos a realidade e assimilamos o mundo.

#### 1.1.1. O paradigma do crescimento

Atualmente as sociedades vivem de acordo com um paradigma, um paradigma de carácter socioeconómico, que é globalmente dominante: o do crescimento económico. O termo «paradigma do crescimento» foi pela primeira vez introduzido pelo economista ecológico Herman Daly (1972) para caracterizar a crença dos economistas convencionais no crescimento ilimitado. Desde então, o termo tem sido empregue de forma vaga por ecologistas, cientistas políticos e no discurso político para descrever uma visão do mundo associada ao *growthmanship* (Schmelzer, 2015), que assume «o

---

<sup>1</sup> Encyclopædia Britannica Online

crescimento como uma política imperativa absolutamente central» e que defende que a teoria do crescimento deve ser o foco da investigação da área da economia (Boianovsky e Hoover, 2014). O Instituto de Assuntos Económicos de Londres expressou uma opinião menos neutra e mais crítica em 1961, ao definir *growthmanship* como «uma excessiva preocupação com o crescimento económico, uma defesa de propostas desmedidamente simples para obtê-lo e a escolha cuidadosa de estatísticas para provar que os países com um sistema político e económico» que se pretende favorecer «tiveram um crescimento económico excecionalmente bom.» (Hobart Paper, 1961)<sup>2</sup>.

Apesar da teoria de paradigma de Thomas S. Kuhn estar orientada para a compreensão da manutenção de um paradigma e sua mudança no campo das ciências, esta pode ser alargada para captar o predomínio de *growthmanship* que impregna uma sociedade. Deste modo, o crescimento tem de ser analisado como um «paradigma social», em que na sua formulação e legitimação a comunidade académica de economistas tem um papel fundamental, mas que é muito mais abrangente (Schmelzer, 2015). Com base no conceito original de paradigma de Kuhn e da sua interpretação por parte de outros autores Schmelzer (2015) alarga a sua definição e usa o termo «paradigma do crescimento» para descrever

«um conjunto específico de discursos, teorias e *standards* estatísticos da sociedade, políticos e académicos que em conjunto afirmam e justificam a visão de que o crescimento económico, tal como definido convencionalmente, é desejável, imperativo e essencialmente sem limites. Estes assumem que (1) o PIB, com todas as suas reduções, premissas e exclusões registadas, mede adequadamente a atividade económica; (2) o crescimento foi uma panaceia para uma multitude de desafios socioeconómicos (muitas vezes em mudança); (3) o crescimento foi praticamente o mesmo ou um meio necessário para atingir alguns dos maiores objetivos essenciais da sociedade, tais como o progresso, bem-estar, ou poder nacional; e (4) o crescimento foi essencialmente ilimitado, desde que as políticas governamentais e intergovernamentais corretas tenham sido exercidas.» (Schmelzer, 2015:264)

Nesta definição, e por omissão, é assumido que o ser humano, ao contrário das outras espécies, está isento de constrangimentos ecológicos (Hedlund de-Witt, 2012), esquecendo-se que ele próprio e a economia dependem dos recursos naturais e que estes são finitos e escassos.

### 1.1.2. Os limites do crescimento económico

O crescimento económico tem sido associado ao aumento do nível de vida dramático que ocorreu para milhões de pessoas nos últimos 200 anos. Se bem que este apresente desigualdades sociais (classe, raça, género) e geográficas, ainda hoje muitos outros milhões de pessoas que anseiam por uma vida melhor olham para o crescimento económico como a resposta aos seus problemas. Tal como anunciou recentemente a Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento (OCDE)<sup>3</sup>: «[durante] uma boa porção do século XX se presumiu implicitamente que crescimento económico era sinónimo de progresso: uma suposição que um Produto Interno Bruto (PIB) crescente

---

<sup>2</sup> Citado em Booth, 2006:184.

<sup>3</sup> Citada em Schmelzer, 2015: 262.

significava que a vida deve estar a melhorar». Contudo, há boas razões para questionar a conveniência ou possibilidade da continuação deste crescimento em países industrializados. Existem evidências recolhidas através de estudos em bem-estar, economia feminista, história social e economia ecológica que mostram que o PIB está na realidade a «medir erradamente as nossas vidas» (Stiglitz *et al.*, 2010)<sup>4</sup>, em especial, que para lá de um certo limiar, um aumento no rendimento nacional deixa de se traduzir em melhorias no bem-estar humano. Uma vez que a maioria dos países da OCDE atingiu esse limiar nos anos 70, o crescimento recente observado em países ricos não tem aliviado a pobreza nem tem sido indispensável para a prosperidade humana. O caminho do crescimento económico tem ainda levado à escassez de recursos e energia e a problemas estruturais internos, cuja consequência tem sido o próprio declínio ou estagnação das taxas de crescimento. A crise económica associada tem reforçado os problemas sociais e económicos como a desigualdade crescente, o desemprego, a dívida pública, as tensões sociais e até um enfraquecimento da democracia. Por isso mesmo, um leque crescente de economistas e teóricos pede para olharmos «para lá do crescimento», dado que este pode atualmente estar a causar aqueles problemas que inicialmente esperava resolver.

Finalmente, o crescimento económico originou custos ecológicos e sociais, que têm impossibilitado alcançar uma justiça social global que ultrapasse a divisão dos hemisférios norte e sul e reembolse a dívida ecológica acumulada dos países ricos do hemisfério norte. As alterações climáticas e análises económicas têm mostrado não ser possível elevar o nível de vida e o consumo dos futuros 9 mil milhões de pessoas aos níveis ocidentais através da contínua expansão do PIB mundial e que os países do norte devem reduzir drasticamente o seu impacto ecológico e, consequentemente, o seu *output* se quisermos que o sul atinja níveis equitativos de desenvolvimento dentro dos limites planetários. O crescimento económico causou alterações climáticas de proporções tais que ecologistas, geólogos e historiadores têm utilizado o conceito de «antropoceno» para classificar este período em que a humanidade se transformou na força geológica dominante no planeta Terra através da expansão global dos modos de produção e vida capitalistas. Estas transformações ameaçam o sustento de milhões de pessoas e, especialmente, das gerações futuras (Schmelzer, 2015).

### 1.1.3. O discurso do desenvolvimento sustentável

O conceito de desenvolvimento sustentável foi introduzido numa tentativa de reconciliar os objetivos contraditórios da proteção ambiental e do crescimento económico (Quental *et al.*, 2011). Contudo, as preocupações ambientais têm estado sempre subordinadas aos objetivos do crescimento e as expectativas de que se poderia alcançar um crescimento sustentável através de melhoramentos tecnológicos e na eficiência não se cumpriram (Schneider *et al.*, 2010). Após quase 30 anos da publicação do relatório da Comissão Brundtland *O Nosso Futuro Comum* (WCED, 1987), o discurso do «desenvolvimento sustentável» não produziu as políticas abrangentes e a mudança radical de comportamento necessária, nem à escala individual ou sequer à coletiva (Martínez-Alier *et al.*, 2010). O crescimento verde não desafia os tipos de produção, não elimina a extração de recursos naturais, o

---

<sup>4</sup> Citados em Schmelzer 2015: 263.

consumo de energia, a expansão urbana ou o transporte, nem substitui necessariamente as indústrias problemáticas atuais. O impacto positivo dos bens e serviços verdes pode inclusivamente ser anulado pelo aumento de produção e consumo, à medida que os rendimentos obtidos através das tecnologias eco-eficientes são usados para consumir mais em economias em crescimento (Paradoxo Jevons ou *efeito ricochete*) (Schneider *et al.*, 2010). Continuamos, pois, a viver num mundo de consumismo descontrolado, uso excessivo de materiais e dependência em combustíveis fósseis (Martínez-Alier *et al.*, 2010), apesar da introdução e vulgarização do conceito de «desenvolvimento sustentável» no discurso político.

Como tal, existem apelos para abandonar o paradigma do crescimento económico (Martínez-Alier *et al.*, 2010) e redefinir o conceito de prosperidade, incluindo no mesmo as dimensões social, política, ambiental e psicológica. Nesta redefinição, o abandono do pressuposto do crescimento material como base da estabilidade económica implicaria entrar em confronto com a estrutura das economias de mercado e «exigiria um paradigma de economia alternativo ao capitalismo baseado em tecnologias renováveis e manutenção dos ecossistemas, num equilíbrio diferente entre bens privados e públicos, e num reenquadramento dos conceitos produtividade e rentabilidade» (Pires, 2012: 19). Mas, mais importante que isso, envolveria uma mudança de valores, de estilos de vida, de estruturas sociais, que libertem as sociedades da lógica social do consumismo (Pires, 2012). O crescimento não é meramente um processo socioeconómico ou tecnológico ou o resultado de relações de poder, é também um «estado mental particular (...), uma perceção que modela a realidade, um mito que conforta as sociedades e uma fantasia que liberta paixões» (Sachs, 1992)<sup>5</sup>.

#### 1.1.4. A crise económica e o questionamento do paradigma do crescimento

Encontramo-nos atualmente num cenário de crise económica, em que não só as políticas ambientais estão subordinadas ao crescimento económico, mas o mesmo acontece com as políticas sociais e cada vez mais pessoas se questionam se esta forma de organizar e ver o mundo e as nossas vidas é de facto a melhor. A crise económica atual proporciona, pois, um espaço de reflexão para a sociedade se questionar acerca de questões fundamentais sobre valores, atitudes, visão do mundo e o paradigma do crescimento económico. Abre ainda uma janela de oportunidade – talvez a última - para uma mudança da economia e dos estilos de vida numa direção que não leve ao colapso das sociedades devido aos problemas climáticos, de biodiversidade e sociais gerados (Schneider *et al.*, 2010).

Autores como Kallis, Martinez-Alier e Norgaard defendem que a crise é resultado de um crescimento insustentável e que os empréstimos irresponsáveis e o cultivo de expectativas falsas em relação ao mercado imobiliário são eles próprios sintomas de uma falha de um sistema que luta por taxas de crescimento que não podem ser sustentadas pela sua base biofísica (a economia «real»). A crise económica atual teve aliás impactos reais no ambiente, ou seja, houve uma redução nas emissões de dióxido de carbono em 3% e uma diminuição da taxa de desflorestação da Amazônia, no Brasil, o

---

<sup>5</sup> Citado em Schmelzer, 2015:263.

que mostra que não são compromissos como o de Quioto ou mudanças tecnológicas que vão solucionar os problemas ambientais. A crise e o decréscimo económico associado ajudaram a alcançar objetivos que mais de 20 anos de conversações acerca do desenvolvimento sustentável não alcançaram (Schneider *et al.*, 2010). Assim, é necessária uma transformação de sistemas sociotécnicos e a procura de modelos alternativos que ofereçam sistemas radicalmente diferentes - e não apenas reformadores - baseados na sustentabilidade ambiental, numa maior transparência e controlo democrático (Seyfang e Longhurst, 2013).

Com os regimes de governança internacionais a vacilar nas suas respostas *top-down* às alterações climáticas, muita atenção tem sido dirigida às respostas e adaptações de carácter local. Em particular, cada vez mais trabalhos abordam o estudo de «inovações de base», iniciativas não lideradas por instituições municipais, mas que emergem da sociedade civil e visam o desenvolvimento sustentável (Seyfang e Smith, 2007; Feola e Nunes, 2014). Estas inovações, quando radicais e promotoras de transições sociotécnicas, são particularmente importantes por quanto o sistema dominante, que é insustentável, não permite processos de inovação, não consegue solucionar os problemas inerentes e exclui visões alternativas (Seyfang e Longhurst, 2013), tornando-se muito difícil quebrar a dependência do desenvolvimento insustentável. E essa quebra terá eventualmente de ocorrer, dado que as reservas de combustíveis fósseis estão a diminuir e em breve as nossas sociedades terão que encontrar formas alternativas para sobreviver.

## 1.2. VISÕES DO MUNDO E TRANSIÇÃO

A transição necessária para uma economia e sociedade ecológicas exige uma mudança de comportamentos num sentido mais sustentável. Estes comportamentos envolvem alterações nos estilos de vida individuais, como «escolhas de consumidor e de dieta, uso de energia e transporte, prioridades políticas, apoio a medidas políticas e contribuições para a mudança societal». Alterar o estilo de vida individual é contudo muito difícil, não só dadas as muitas barreiras estruturais - económicas, infraestruturais, institucionais, socio-práticas - mas também porque os comportamentos e estilos de vida tendem a estar profundamente incorporados em visões do mundo, valores e associações culturais e hábitos (Hedlund-de Witt, 2012).

As visões do mundo, em particular, parecem ser bastante relevantes neste contexto. Definidas como «o quadro inevitável de significado e de construção de significado que informa a nossa compreensão e representação da realidade» (Hedlund-de Witt, 2012: 74), elas tendem a moldar a forma como os indivíduos percebem certos problemas e as suas potenciais soluções, a influenciar as opções políticas e a sua vontade de participar nessas soluções eles próprios. Desta forma, conhecer as visões do mundo, como funcionam e a sua capacidade para mudar a sociedade é de extrema importância se queremos compreender a natureza e estrutura de comportamentos e estilos de vida mais sustentáveis (Hedlund-de Witt, 2012).

### 1.2.1. As origens da visão do mundo ocidental atual

Vários cientistas sociais e filósofos defendem que está a ocorrer uma mudança gradual, mas profunda, na visão do mundo ocidental no sentido de uma visão do mundo mais reencantada, pós-materialista, metafísica ou espiritual (Hedlund-de Witt, 2011). Esta mudança tem implicações muito fortes na percepção que o Homem tem da natureza e na relação que este estabelece com o ambiente, revelando-se o conceito de *visão do mundo* útil para a compreensão das diferenças nas atitudes ambientais individuais e na escolha de estilos de vida sustentáveis (Hedlund-de Witt, 2012).

No seu livro *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*, o filósofo Charles Taylor constrói uma «génese de identidade moderna» com base na análise das raízes da visão (ou visões) do mundo cultural contemporânea. Este autor defende a existência de duas correntes culturais históricas a influenciar a visão do mundo contemporânea: a do Iluminismo e a do Romantismo. Estas visões, que se encontram em conflito até aos dias de hoje, também se expressam no conflito acerca dos problemas ambientais e na forma como respondemos aos mesmos. Por isso mesmo, as atitudes ambientais e os estilos de vida sustentáveis só podem ser adequadamente compreendidos quando consideradas as suas raízes históricas e culturais e as grandes visões do mundo com que estão relacionadas (Hedlund-de Witt *et al.*, 2014).

#### *O Iluminismo e o Romantismo*

O Iluminismo foi um movimento intelectual europeu dos séculos XVII e XVIII. As suas ideias em relação a Deus, à razão, à natureza e à humanidade influenciaram a visão do mundo do Ocidente, tendo provocado revoluções na arte, filosofia e política. Este movimento usava e celebrava a razão, o poder do homem para compreender o universo e melhorar a sua condição, e tinha como objetivos o conhecimento, a liberdade e a felicidade. As origens do poder e uso da razão remontam à civilização grega antiga, cujas ideias da ordem natural racional e leis da natureza foram adotadas e preservadas pelos Romanos. Com o triunfo da religião cristã, a razão passa a estar subordinada à revelação espiritual e às verdades do Cristianismo, inabaláveis durante a Idade Média. O Humanismo, o Renascimento e a Reforma Protestante vêm posteriormente causar o fim do período medieval e originar o início do Iluminismo. O Humanismo traz a ciência experimental de Francis Bacon, Nicolaus Copernicus, Galileu e as investigações matemáticas de René Descartes, Gottfried Wilhelm Leibniz e Sir Isaac Newton; o Renascimento redescobre a cultura Clássica e revive a noção dos humanos enquanto seres criativos; a Reforma Protestante vem desafiar a autoridade da Igreja Católica Romana. As ideias centrais do Iluminismo são as seguintes: o caminho para a verdade assenta na aplicação da razão humana; a autoridade atribuída tem de ser submetida a investigação por parte de mentes livres; a razão é aplicada com sucesso quando é seguida uma metodologia de raciocínio que garanta a sua validade (exemplo: indução e dedução nas ciências e matemáticas); o universo é um mecanismo governado por algumas leis simples e detetáveis, o que teve um efeito subversivo nos conceitos de Deus e salvação, centrais no Cristianismo, e contribuiu para o aparecimento do deísmo, ceticismo, ateísmo e materialismo; os humanos não são bons nem maus, mas estão interessados na sua sobrevivência e na maximização do seu próprio prazer. O Iluminismo esteve na base das reformas de Inglaterra e revoluções em França e na América e contribuiu para a emergência das democracias. Mas

o terror que se seguiu à Revolução Francesa, a descrença de que uma sociedade igualitária se poderia governar e a ausência do conforto e salvação do deísmo deram origem à exploração do mundo das sensações e emoções, expresso no movimento Romântico que se lhe seguiu. Contudo, o grande otimismo que marcou este período sobreviveu e é um dos seus maiores legados até hoje: «a crença de que a história humana é um registo de progresso geral»<sup>6</sup>.

O Romantismo foi um movimento cultural da civilização ocidental que ocorreu entre o fim do século XVIII e metade do século XIX e que influenciou a literatura, a pintura, a música, a arquitetura, o criticismo e a historiografia. Este surge como uma rejeição contra os princípios da ordem, calma, harmonia, equilíbrio, idealização e racionalidade que caracterizavam o Classicismo em geral e o Neoclassicismo em particular. Em parte, também surge como reação ao Iluminismo, ao racionalismo do século XVIII e ao materialismo físico em geral. «O Romantismo realçava o individual, o subjetivo, o irracional, o imaginativo, o pessoal, o espontâneo, o emocional, o visionário e o transcendental»<sup>7</sup>. As atitudes típicas do Romântico eram as seguintes: «uma valorização profunda das belezas da natureza; uma exaltação geral da emoção acima da razão e dos sentidos acima do intelecto; uma viragem para o eu e uma examinação acrescida da personalidade humana e os seus humores e potencialidades mentais; uma preocupação com o génio, o herói e a figura excepcional no geral, e um foco nas suas paixões e batalhas interiores; uma nova visão do artista enquanto criador individual supremo, cujo espírito criativo é mais importante do que a adesão estrita a regras formais e procedimentos tradicionais; uma ênfase na imaginação como um portal para a experiência transcendental e verdade espiritual; um interesse obsessivo pela cultura folclórica, origens culturais nacionais e étnicas, e a era medieval; e uma predileção pelo exótico, o remoto, o misterioso, o estranho, o oculto, o monstruoso, o doente, e até o satânico»<sup>8</sup>.

De acordo com Taylor, «A batalha entre a razão instrumental e esta compreensão [Romântica] da natureza ainda hoje enfurece as controvérsias acerca da política ecológica. [...] A dignidade do homem é vista quando ele assume o controlo de um universo objetivado através da razão instrumental. Se existem problemas com a poluição ou limites ecológicos, estes serão resolvidos por meios técnicos, por melhores e mais extensos usos da razão instrumental. A outra [, a corrente Romântica,] vê nesta mesma postura em relação à natureza uma negação cega do nosso lugar nas coisas. Temos de reconhecer que somos parte de uma ordem maior de seres vivos, no sentido de que a nossa vida brota e é sustentada daí [...] A noção é a de que a partilha com outras criaturas de um sistema mútuo que sustenta a vida cria laços: um tipo de solidariedade que existe no processo da vida. Estar em sintonia com a vida é reconhecer esta solidariedade» (Taylor, 1989)<sup>9</sup>. Hedlund-de Witt *et al.* (2014) assinalam esta citação como traçando os vários aspetos das duas visões do mundo referidas, a do Iluminismo e a do Romantismo, nomeadamente, «as suas ontologias (um universo objetivado versus uma ordem maior de seres vivos), epistemologias (razão instrumental versus estar aberto à natureza a partir do interior e do exterior), axiologias (uma ênfase nos valores instrumentais versus valores intrínsecos),

---

<sup>6</sup> Encyclopædia Britannica Online

<sup>7</sup> Encyclopædia Britannica Online

<sup>8</sup> Encyclopædia Britannica Online

<sup>9</sup> Citado em Hedlund-de Witt *et al.* 2014:41.

antropologias (a humanidade assumindo o controlo versus a humanidade como parte de uma ordem maior) e visões societais (resolução de problemas ecológicos através de meios técnicos versus através de outra forma de relação com a natureza e a vida)». Os autores consideram ainda que as atitudes pró-ambientais e estilos de vida mais sustentáveis, isto é, aqueles que intencionalmente beneficiam o ambiente, incluindo comportamentos pró-ecológicos, frugais, altruístas e equitativos, «parecem encaixar particularmente bem no movimento cultural do pós-Romântico, uma viragem expressionista em direção à natureza como fonte (moral) como descrito por Taylor» (Hedlund-de Witt *et al.*, 2014:41-42).

### *A influência do pós-Romantismo na relação entre o homem e a natureza*

Hedlund-de-Witt *et al.* (2014) contextualizam as atitudes ambientais culturalmente e historicamente com base no trabalho de Charles Taylor e fazem um levantamento das ideias pós-Românticas que hoje influenciam os estilos de vida sustentáveis.

De acordo com Taylor, muitas das inspirações do Romantismo ainda hoje vivas e potentes concentram-se na ideia da reunificação: «trazendo-nos de volta ao contacto com a natureza, curando as divisões entre pessoas e criando comunidade» (Taylor, 1989)<sup>10</sup>. A humanidade faz parte de uma ordem natural maior, com a qual deve viver em harmonia. O ser humano, enquanto indivíduo, assume aliás um papel específico, pois é considerado como a criatura que se pode tornar consciente da grande corrente da vida que corre através de todas as coisas, sendo inclusive capaz de expressá-la. O acesso a essa ordem maior, que é a natureza, é realizado primordialmente de forma interna, intuitiva e subjetivada: «É um impulso interno ou convicção que nos diz a importância da nossa própria satisfação natural e da solidariedade para com a satisfação das restantes criaturas. Esta é a voz da natureza dentro de nós» (Taylor, 1989)<sup>11</sup>. Para tal, torna-se necessário estar aberto ao impulso da natureza, em sincronia com ela e não separado dela, «implica estar em sintonia com o que sentimos, com as próprias emoções e intuições» (Hedlund-de Witt *et al.*, 2014: 42). A ideia de que podemos aceder à natureza implica que só a conheceremos se articularmos aquilo que encontramos no nosso interior. Essa realização da natureza dentro de nós é uma forma de expressão criativa, que deve ser manifestada. Este é um dos pilares da cultura contemporânea:

«Esta é a ideia que cresce no final do século XVIII de que cada indivíduo é diferente e original, e que esta originalidade determina como ele ou ela deve viver (...) As diferenças não são só variações importantes dentro da mesma natureza humana básica; ou diferenças morais entre bons e maus indivíduos. Em vez disso, estas implicam que cada um de nós tem um caminho original que temos de fazer; estas colocam a obrigação em cada um de nós de viver de acordo com a nossa originalidade» (Taylor, 1989)<sup>12</sup>.

Nesta visão, internaliza-se a autoridade espiritual e moral e é na autodescoberta que o ser humano emerge. O *conhece-te a ti mesmo* dos Gregos guiava o ser humano a Deus acima de nós ou universal,

---

<sup>10</sup> Citado em Hedlund-de Witt *et al.* 2014:42.

<sup>11</sup> Citado em Hedlund-de Witt *et al.* 2014:42.

<sup>12</sup> Citado em Hedlund-de Witt *et al.* 2014:42.

a uma ordem transcendental. Na filosofia que tem a natureza como fonte, o autoconhecimento leva-nos para lá de nós próprios, para a natureza de onde emergimos (Hedlund-de Witt *et al.*, 2014).

Ainda segundo Taylor (1989), podemos caracterizar a paisagem cultural contemporânea como uma tensão entre as visões do mundo do expressionismo pós-Romântico e da razão instrumental inspirada pelo Iluminismo. As duas visões do mundo tendem a ver a solução dos problemas ecológicos de formas distintas. Para o expressionismo pós-Romântico esta assenta no reconhecimento por parte da humanidade do seu lugar na grande ordem natural. Para a visão do mundo inspirada pelo Iluminismo, ela ocorre por meio de arranjos técnicos, isto é, melhores usos da razão instrumental. Com efeito, a relação entre o homem e o ambiente é profundamente influenciada pelas visões do mundo e, como tal, pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes pró-ambientais e a adoção de estilos de vida sustentáveis (Hedlund-de Witt, 2012).

### 1.2.2. O surgimento de uma espiritualidade contemporânea

O conceito de valores é frequentemente abordado nos debates acerca das alterações climáticas e do desenvolvimento sustentável, mas na sua forma mais restrita, como o seu valor monetário, valor relativo ou rendimento justo em trocas. Para além desta abordagem económica da valorização, os valores subjetivos diferenciais dos indivíduos e as suas visões do mundo deveriam ser também integrados na investigação e práticas relacionadas com o desenvolvimento sustentável (Hedlund-de Witt, 2011).

Nesse sentido a mudança de visão do mundo ocidental referida anteriormente pode ter consequências para o desenvolvimento sustentável. Hedlund-de Witt (2011) defende que uma parte fundamental dessa mudança envolve o surgimento de uma cultura de espiritualidade contemporânea. Esta teoria é apoiada por alguns autores que falam, neste contexto, de uma «revolução espiritual» ou de uma «viragem espiritual» a ocorrer atualmente. Também Inglehart and Welzel (2005), com base em resultados do World Values Survey<sup>13</sup>, concluíram que:

«Apesar da autoridade das igrejas estabelecidas continuar a declinar, durante os últimos vinte anos tem aumentado a probabilidade de o público das sociedades pós-industriais passar tempo a pensar sobre o significado e propósito da vida. Ver estas preocupações como religiosas depende da definição de religião de cada um, mas está claro que o secularismo materialista da sociedade industrial está a desaparecer. Existe uma mudança de formas dogmáticas de religião institucionalmente fixas para formas de religião espiritual e individualmente flexíveis. Claramente, a emergência da espiritualidade contemporânea não é apenas um fenómeno contra cultural ou marginal. Pelo contrário, como Heelas e Woodhead realçam, esta “revolução espiritual...ocorreu em setores chave da cultura” e “tem o seu lar dentro da cultura mais geral do bem-estar subjetivo, sendo também uma variante relativamente distinta ou especializada da cultura mais generalizada”»<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> O World Values Survey consiste numa rede global de cientistas sociais que estuda a mudança de valores e o seu impacto na vida social e política. Esta levou a cabo a maior investigação temporal alguma vez executada acerca de crenças e valores humanos, abrangendo dados de todas as zonas culturais do mundo (<http://www.worldvaluessurvey.org>).

<sup>14</sup> Citados em Hedlund-de Witt 2011:1058.

A emergência desta espiritualidade contemporânea não deve ser, pois, negligenciada na discussão acerca das soluções para as alterações climáticas e da construção de uma sociedade mais sustentável. Há décadas que os filósofos ambientais têm vindo a realçar como uma mudança cultural profunda na visão do mundo seria necessária para resolver uma crise ambiental e transitar para uma sociedade sustentável, sugerindo frequentemente que essa mudança ocorreria necessariamente num sentido de uma visão mais espiritual e reencantada (Hedlund-de Witt, 2011).

### *Caracterização da espiritualidade contemporânea (ou do movimento New Age <sup>15</sup>)*

Houtman e Aupers (2007) definem o fenómeno «New Age» como uma espiritualidade pós-Cristã que conjuga múltiplas tradições, estilos e ideias num pacote idiossincrático. Em termos espirituais, o movimento tem sido apontado como uma religião *faça você mesmo, escolha e misture, um supermercado espiritual* ou um *consumo religioso à la carte*. Este carácter fragmentário é também descrito pelos seus defensores, mas percecionado de forma positiva, defendendo que a *New Age* está aberta à diversidade e que oferece a possibilidade sem precedentes de escolha e liberdade individuais, sem o dogmatismo e autoritarismo das igrejas Cristãs (Houtman e Aupers, 2007).

O aspeto mais relevante da espiritualidade contemporânea é que a pessoa é, na sua essência, espiritual, e que a esfera pessoal por si só é fonte de vitalidade autêntica, criatividade, amor, tranquilidade, sabedoria, poder, autoridade e todas as qualidades que formam uma vida perfeita. Assim, a perfeição só pode ser encontrada para além do eu socializado ( «o ego», «o intelecto», «a mente»), quando se encontra um novo domínio do ser, aquele que nós somos *por natureza (...)* *Experienciar o «Eu» é experienciar ... a «espiritualidade interna»* (Heelas, 1996)<sup>16</sup>. Entrar em contacto com o eu mais profundo envolve um processo longo de crescimento pessoal, algo que pode ser compreendido como a forma que «a salvação religiosa» assume no movimento *New Age*. Quando se restabelece o contacto com o eu divino, é possível a reconexão com a esfera sagrada que tudo une e ultrapassar o estado de alienação. A evolução espiritual do indivíduo transcende as fronteiras da vida presente, pois a maioria dos *New Agers* acredita na reencarnação. Assim, é o trabalho individual que permite o aumento da consciência acerca na natureza divina do mundo como um todo, levando ao reconhecimento que «toda a vida – toda a existência- é a manifestação do Espírito» (Bloom, citado em Rose 2005:31)<sup>17</sup>. A espiritualidade pós-Cristã constitui então uma conceção romântica do eu, em que o eu equivale ao sagrado, diferindo da crença cristã de que a verdade se encontra lá fora (em vez de cá dentro) e o divino é transcendente (e não imanente).

Por último, o movimento *New Age* pratica uma terceira forma de conhecimento, rejeitando tanto a fé religiosa como a razão científica como motores da verdade. A voz interior e a intuição são consideradas os veículos do conhecimento (Houtman e Aupers, 2007).

---

<sup>15</sup> Tal como no trabalho de Hedlund-de Witt (2011), também aqui os termos «espiritualidade contemporânea» e «New Age» serão empregues sem distinção.

<sup>16</sup> Citado em Houtman e Aupers 2007:307.

<sup>17</sup> Citado em Houtman e Aupers, 2007:307.

### *O potencial da espiritualidade contemporânea para o desenvolvimento sustentável*

Hedlund-de Witt (2011) analisou o potencial e riscos que a espiritualidade contemporânea representa para o desenvolvimento sustentável com base na literatura sociológica *New Age*. Os potenciais deste movimento, de acordo com a autora, incluem a reabilitação da natureza, sendo exemplos disso o surgimento do movimento dos direitos dos animais, a mudança para o vegetarianismo e o consumo de alimentos frescos e biológicos, o movimento da saúde holística e a origem e expansão do próprio movimento ambiental. Estes resultam da mudança nas crenças e atitudes populares em relação à natureza que ocorreu nos últimos trinta a quarenta anos e manifestam a existência de uma força divina presente em toda a natureza, que deve ser respeitada, ideia central da espiritualidade contemporânea.

A ênfase na interconexão pode também resultar numa ética de serviço e «uma profunda noção de responsabilidade pelos outros e a terra» (Heelas, 1996)<sup>18</sup>. Esta ligação à natureza é determinante para o comportamento pró-ambiental e de uma forma geral tende a tornar os *New Agers* mais tolerantes às diferenças (de nacionalidade, etnicidade, religião e preferências sexuais), pois a unidade essencial da espécie humana é normalmente enfatizada acima das suas diferenças (Hedlund-de Witt, 2011).

Apesar do aparente individualismo contido na ideia da existência de uma essência divina individual localizada no interior de cada pessoa, este pode ser entendido como um conceito contemporâneo de vocação ou chamamento, isto é, a contribuição única que cada indivíduo deseja profundamente e é chamado a fazer pelo todo maior – seja a sua família ou comunidade, sociedade, o ambiente ou a evolução da consciência, o que também pode contribuir para o desenvolvimento sustentável (Hedlund-de Witt, 2011).

Para além disso, existe um sentido agudo de urgência e crise na cultura e visão do mundo da espiritualidade contemporânea em relação à situação mundial – com a crise ecológica incluída. Deste resultam frequentemente preocupações profundamente sentidas que podem fazer com que as pessoas tenham mais vontade de mudar os seus próprios comportamentos e mostrar apoio ou envolver-se em políticas ambientais. Para os *New Agers* há inclusive muitas vezes a crença de que as causas fundamentais da crise são de natureza espiritual e que esta não será solucionada se for primordialmente abordada ao seu nível sintomático. Também ao nível pessoal, as pessoas envolvidas no movimento procuram frequentemente uma mudança nas suas vidas, sendo potencialmente mais suscetíveis e abertas a mudanças ambientais e de estilos de vida. Não esqueçamos ainda que o objetivo da realização pessoal interior e espiritual, em detrimento da material, pode aliviar o consumismo e a pressão que este exerce sobre os recursos e a poluição e apoiar a transição para uma economia verde (Hedlund-de Witt, 2011).

É ainda importante salientar que de uma perspetiva psicológica e de desenvolvimento é frequentemente assumido que com estádios progressivos de desenvolvimento começa a existir um entendimento mais complexo e compreensivo dos problemas e capacidades crescentes para responder adequadamente aos mesmos. Hedlund-de Witt (2011) refere como Boiral *et al.* (2009) sugerem que

---

<sup>18</sup> Citado em Hedlund-de Witt, 2011:1059.

estádios de consciência pós-convencionais apoiam o reconhecimento e a gestão efetiva de problemas ambientais complexos, sendo que a lógica de ação pós-convencional parece mais bem adaptada à promoção de liderança ambiental substancial e pró-ativa. Desta forma, aqueles indivíduos envolvidos no desenvolvimento da consciência podem resultar em líderes ambientais mais adequados, criativos e eficientes. O potencial criativo em particular é mencionado dado o ambiente geral de experimentação cultural, renovação e inovação vivido na cultura e na visão do mundo da espiritualidade contemporânea. A mesma autora realça ainda como Taylor (1999) fala de uma revolução cultural a ocorrer da base para o topo, liderada por pessoas vegetarianas e que adotam disciplinas de vida espirituais e que, ao se assimilarem novamente à cultura dominante, transformam completamente a cultura moderna. Essa mudança, presente na cultura popular americana, por exemplo, pode agora ser vista a bater às portas da ciência convencional e da medicina tradicional sob a forma da ciência humana e das terapias alternativas ou complementares.

A criatividade e a inovação encontram-se ainda presentes na espiritualidade contemporânea por esta operar normalmente fora do confinamento do paradigma dominante. Estando menos integrada e institucionalizada nas práticas, tradições e crenças prevaletentes, tem a capacidade de refletir e questionar o paradigma social vigente e está mais inclinada a desenvolver soluções ambientais originais e criativas. Apesar dessas soluções serem muitas vezes adotadas quando já perderam o seu tom radical, a influência de inovadores e adotantes precoces no grande processo de mudança sociocultural e económica é enorme (Hedlund-de Witt, 2011).

Por último, existe na espiritualidade contemporânea a convicção de que a mudança de comportamento externo requer uma mudança na forma de pensar e sentir acerca do mundo e de como o indivíduo se relaciona com o mesmo e que a espiritualidade interior é um meio para originar um mundo de harmonia, paz e felicidade. Desta forma, atos como a auto cura, o pensamento positivo, a meditação e a oração são vistos como uma espécie de ativismo subtil, tendo não só um efeito positivo no indivíduo que os pratica, como também na comunidade mais alargada ou até no mundo. Neste sentido trabalhar no desenvolvimento pessoal não é um ato egoísta mas um ato de serviço e estas práticas podem ser uma base para as mudanças comportamentais necessárias para um mundo diferente (Hedlund-de Witt, 2011).

#### *Os riscos da espiritualidade contemporânea para o desenvolvimento sustentável*

Apesar dos pontos positivos referidos anteriormente, a espiritualidade contemporânea também apresenta alguns riscos para o desenvolvimento sustentável. Um dos perigos mais mencionados é o potencial para o narcisismo. A preocupação consigo mesmo significa muitas vezes a retirada da política, um repúdio pelo passado recente e o foco no trabalho interno e terapia pode trazer ao de cima frustrações, dores, raiva que, quando não compreendidos e resolvidos de forma apropriada, podem resultar em comportamentos e tendências narcisistas (Hedlund-de Witt, 2011).

Uma outra preocupação prende-se com a instrumentalização e comercialização da espiritualidade. O pensamento espiritual, as suas visões e práticas são já utilizadas em empresas e no mundo do capitalismo em larga escala para promover e desbloquear o potencial humano e,

consequentemente, aumentar a produtividade e os ganhos financeiros. De acordo com Hanegraaff (1996), como conta Hedlund-de Witt (2011), a *New Age* ter-se-á tornado subserviente às leis de mercado, encontrando-se desprovida de qualquer consciência ecológica ou social, facilitando mesmo o consumismo em geral. Assim, o sucesso material continua a ser uma reflexão do estado de graça espiritual de uma pessoa.

Um terceiro risco da espiritualidade contemporânea está relacionado com a forma como esta é interpretada. Se existe concordância em que a humanidade chegou a uma crise evolutiva e a um ponto de viragem para uma consciência mais evoluída e uma sociedade mais sustentável, o papel que o ser humano deve desempenhar no processo é discutível. Uma linha defende que este deve ter um papel ativo e ser um cocriador, o que incentiva à participação e à capacitação, outra considera a transformação como um evento evolucionário inevitável, o que pode resultar em passividade. Aliás, o foco no desenvolvimento pessoal é por vezes realizado à custa da concretização de projetos no terreno, numa altura em que eles são tão necessários para desafiar ativamente os sistemas, estruturas e hierarquias que tanto dificultam o processo de mudança. Como Taylor (1989) descreve «Politicamente falando, este pedaço de “contra cultura” ajusta-se perfeitamente ao mundo instrumental e burocrático que tencionava desafiar. Fortalece-o.»<sup>19</sup>. A retórica da *New Age* de enfatizar sentimentos, emoções e intuição acima da mente, do pensamento e da racionalidade, em vez de defender uma complementaridade e integração das duas formas de ser, também pode ser vista como uma armadilha. Igualar perspetivas pré racionais com perspetivas pós racionais é cometer o erro de confundir estádios de desenvolvimento mais iniciais e menos complexos com estádios de desenvolvimento mais tardios e mais complexos, pois ambos são irracionais (Hedlund-de Witt, 2011).

Finalmente, se a cultura *New Age* for percecionada como sendo demasiado contra cultural pelo resto da sociedade, esta será marginalizada e terá pouco impacto na mudança em direção a um desenvolvimento sustentável. Isto acontece quando uma cultura se define como superior a outra ou contra cultural, ao invés de preferir seguir uma abordagem mais inclusiva e convidativa, enquadrando-se num nível de desenvolvimento seguinte, isto é, incluindo e integrando tanto as conquistas e os valores tradicionais como os modernos (Hedlund-de Witt, 2011).

### 1.2.3. Medindo as visões do mundo

O conceito de visão do mundo é ainda jovem, apesar de estar presente nas ciências sociais há já algumas décadas. Não existe até à data uma teoria de visão do mundo geral formal (científica) disponível (Koltko-Rivera, 2004). Muitos estudos têm explorado como as visões do mundo, os valores e as atitudes estão subjacentes e interagem com comportamentos e estilos de vida mais sustentáveis (por exemplo, Schultz e Zelezny, 1999; Milfont e Duckitt, 2004). Nesses estudos, os valores têm sido definidos como objetivos de vida importantes ou *standards* e as atitudes ambientais como «a coleção

---

<sup>19</sup> Citado em Hedlund-de Witt 2011:1061.

de crenças, afetos e intenções comportamentais que uma pessoa tem relativamente a atividades e assuntos relacionados com o ambiente» (Schultz *et al.*, 2004:31). O conceito de visão do mundo, mais abrangente, é normalmente compreendido como um conjunto de pressupostos e percepções «em relação à natureza subjacente da realidade, relações sociais ‘adequadas’ ou diretrizes para viver, ou a existência ou não de entidades importantes» (Koltko-Rivera, 2004:5). Neste trabalho foi usada a definição de Hedlund-de Witt (2013), em que as visões do mundo são entendidas como «os sistemas de significado e construção de significado inevitáveis e globais que informam substancialmente como os humanos interpretam, representam e cocriam a realidade, contendo por isso, por exemplo, valores e atitudes ambientais» (Hedlund-de Witt, 2012:75).

Com base na sua definição, Hedlund-de Witt (2012) desenvolve uma abordagem concetual e metodológica denominada de *Integrative Worldview Framework* (IWF) para operacionalizar o conceito abstrato e complexo de visão do mundo num contexto de investigação empírica (como estudos com recurso a inquéritos). Com base nas medidas já existentes na área das visões do mundo e as suas relações com estilos de vida (mais) sustentáveis, a autora desenvolve um quadro de análise que não consiste numa manta de retalhos de fenómenos frouxamente interligados, mas num padrão ou sistema coerente que integra ideias aparentemente isoladas num todo comum. O IWF é ainda um quadro de análise que não utiliza um ou dois binários centrais, como acontece com as outras medidas já existentes que não conseguem integrar duas perspetivas opostas (por exemplo, o novo paradigma ambiental *versus* o paradigma social dominante, valores da natureza intrínsecos *versus* instrumentais), mas é baseado numa perspetiva mais dinâmica, dialética e evolutiva.

### *Integrative Worldview Framework*

Com base em literatura filosófica, Hedlund-de Witt (2012) seleciona três aspetos recorrentes nos estudos acerca das visões do mundo que sugerem uma concordância interdisciplinar razoável entre autores. São estes aspetos a ontologia, a epistemologia e a axiologia. Dois aspetos são ainda adicionados – a antropologia e a visão societal – pois parecem ser particularmente úteis no contexto da investigação em ambiente e sustentabilidade (Hedlund-de Witt *et al.*, 2014). O primeiro aspeto, a ontologia, diz respeito aos «pressupostos fundamentais relacionados com a natureza, constituição e estrutura da realidade – incluindo a natureza, o cosmos e o divino ... Diferentes visões do mundo conceptualizam a natureza e as origens do mundo de forma diferente – por exemplo, como uma criação de um Deus transcendente; como um cosmos material e conduzido mecanicamente; ou como um ser vivo e divino ou “Gaia”». Num contexto de investigação para apurar esta dimensão da visão do mundo do interlocutor poder-se-ia perguntar-lhe «Qual a natureza da realidade? O que é a natureza? Como surgiu o universo? Se existe um «divino», o que é e quem é e como se relaciona ele com o universo?». O segundo aspeto, a epistemologia, «está relacionado com a natureza, âmbito e limitações do conhecimento». Refere-se a «uma perspetiva do que o conhecimento é e como teve origem – por exemplo através da ciência empírica, arte e poesia, intuição, experiência da natureza, ou revelação divina». Perguntas-tipo poderiam incluir «Como podemos saber o que é real? Como podemos adquirir conhecimento sobre nós próprios e o mundo? O que é, ou não, conhecimento válido?». A axiologia, o terceiro aspeto, aborda o que é valorizado na vida, tanto em termos morais (ética), como em termos de

qualidade de vida (estética), envolvendo as ideias que descrevem no que consiste uma boa vida. Neste caso, questões como «O que é uma boa vida? Que tipo de vida tem qualidade e oferece realização pessoal? Quais são os nossos valores éticos e estéticos mais estimados? Qual o propósito da vida?» seriam importantes de ver respondidas. Quanto ao quarto aspeto, a antropologia, diz respeito «aos pressupostos sobre o tipo de criatura que o ser humano é e qual o seu papel e propósito na existência». Este pode ser traduzido em perguntas do género «Quem é e o que é o ser humano? Qual a natureza do ser humano? Qual o seu papel e propósito existenciais?». Finalmente, a visão societal, o quinto e último aspeto, refere-se às ideias acerca de como a sociedade deveria estar organizada e como os seus problemas deveriam ser solucionados. «Como devemos organizar a nossa sociedade? Como devemos abordar e solucionar assuntos e problemas sociais?» são duas questões pertinentes para analisar este aspeto. No caso de uma investigação relacionada com assuntos ambientais, a operacionalização desta dimensão pode ser especificamente focada nos problemas ambientais. Por exemplo, a resolução de problemas ambientais pode ser levada a cabo pelos governos ou pelo mercado; a estratégia pode ser preservar ou utilizar (Hedlund-de Witt, 2012:79-80).

Os cinco aspetos descritos estão interrelacionados e são interdependentes, não sendo sempre possível separá-los. De qualquer forma, Hedlund-de Witt (2012) afirma que o emprego dos cinco aspetos ajuda a sistematizar e a operacionalizar as visões do mundo em escalas de *Likert*, o que resultará numa investigação das visões do mundo mais completa e que inclui também a dimensão espiritual da relação homem-natureza. Contudo, realça, estes aspetos não permitem entender o conteúdo e as variações entre diferentes visões do mundo. No entanto, o IWF pode auxiliar na construção de tipos ideais de visões do mundo, funcionando como uma ferramenta heurística, isto é, que ajuda o investigador a aprender sobre o mundo real através da comparação da realidade com tipos ideais racionalmente e logicamente construídos, que podem ser utilizados para desenvolver escalas de *Likert* que reflitam a variedade de visões do mundo para cada um dos cinco aspetos. Dessa forma, o quadro de análise pode ser usado para distinguir entre, por exemplo, visões do mundo tradicionais, modernas, pós-modernas e pós-pós-modernas.

### 1.3. DA INOVAÇÃO TÉCNICA À INOVAÇÃO SOCIAL

Nos últimos anos emergiu uma literatura sobre transições para a sustentabilidade associada a projetos de grande escala realizados nos Países Baixos. Nesta literatura o termo «transição» é definido como um conceito teórico e é utilizado em estudos históricos em que se reflete sobre transições passadas e acerca de como se poderá conduzir as sociedades em direção a um futuro mais sustentável, através de mudanças fundamentais nos sistemas funcionais de aprovisionamento e consumo. A literatura de transição recebe contribuições de várias áreas, como a da inovação, história da tecnologia, política e análise de sistemas (Kemp, 2009) e assenta em conceitos que nasceram do estudo de inovações técnicas e tecnológicas. Em particular, Geels estudou vários tipos de transição, entre eles a transição de veleiros para barcos a vapor no Reino Unido (1840-1890), a transição da música romântica para o rock 'n' roll nos Estados Unidos da América (1930-1970) e a transição, ainda em desenvolvimento, do sistema elétrico dos Países Baixos (1960-2004). Nestes trabalhos, Geels

considera que estas transições não são apenas influenciadas por engenheiros, mas também por utilizadores, políticos, grupos sociais, fornecedores, cientistas, bancos, etc. (Geels, 2002). Como tal, existe uma rede social a envolver qualquer transição técnica ou tecnológica, podendo estas ser consideradas, de forma mais ampla, transições *sociotécnicas*.

### 1.3.1. Transições sociotécnicas e inovações de base

O estudo de transições sociotécnicas tem levado ao desenvolvimento de um conjunto de ferramentas conceituais e de gestão para compreender e governar transições em direção ao desenvolvimento sustentável. Estudos mostram convincentemente que quando um sistema em vigor numa sociedade apresenta problemas persistentes que não consegue solucionar, novas experiências alternativas podem desencadear transformações sociotécnicas (Geels e Schot, 2007; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang, e Longhurst, 2013). No caso da crise ambiental atual, para a qual o sistema dominante tem sido incapaz de propor e implementar soluções eficazes, existem inovações sociotécnicas verdes (pró-ambientais) que emergem em nichos e que têm potencial para influenciar o resto da sociedade. A Gestão Estratégica de Nichos é a linha de investigação que procura compreender como criar e nutrir proactivamente estes nichos, por forma a desenvolver inovações sustentáveis desejáveis e desencadear transições sistémicas mais vastas (Seyfang e Longhurst, 2013). Geralmente aplicada a inovações tecnológicas que se desenvolvem dentro da lógica de mercado, a gestão estratégica de nichos tem sido estendida a inovações sociais de base. Inovações sociais de base são: «redes de ativistas e organizações inovadoras que levam a cabo soluções *bottom-up* para o desenvolvimento sustentável; soluções que respondem à situação local e aos interesses e valores das comunidades envolvidas. Contrastando com o *greening* dos negócios convencionais, as iniciativas de base tendem a operar em arenas da sociedade civil e a envolver ativistas comprometidos que experimentam inovações sociais e também usam tecnologias e técnicas mais verdes» (Seyfang e Smith, 2007: 585).

Exemplos deste tipo de inovações incluem iniciativas como redes alternativas de alimentação, projetos comunitários de energia, esquemas de reciclagem de móveis, coabitação, eco-aldeias, desenvolvimentos de baixo impacto, Cidades em Transição, moedas locais, entre outras (Seyfang e Longhurst, 2013).

O fenómeno das inovações de base tem conquistado cada vez mais apoiantes (Feola e Nunes, 2014), especialmente numa altura em que se acumulam evidências de que as alterações climáticas se devem às atividades humanas (IPCC, 2007) e que os regimes de governança internacionais não parecem dar a resposta *top-down* necessária aos problemas ambientais. As inovações de base diferem consideravelmente dos nichos tecnológicos que visam o mercado. São baseadas na economia social; tendem a focar-se na inovação social e institucional (e não tecnológica); a sua motivação não assenta na procura de lucro, mas numa necessidade social e num compromisso ideológico; o espaço em que se desenvolvem não é regulado pelo mercado ou por subsídios, mas suportado por valores e cultura alternativos que desafiam frequentemente o *status quo* (isto é, tecnologias, valores, práticas) (Feola e

Nunes, 2014); são constituídas por diversas formas organizacionais como cooperativas, associações voluntárias e grupos comunitários informais (em vez de empresas); e estão financeiramente dependentes de bolsas, trabalho voluntário, troca mútua ou atividade comercial limitada (Seyfang e Smith, 2007). Procuram ainda construir novos sistemas de aprovisionamento com base em visões de sustentabilidade profundamente verdes e em interesses coletivos (Seyfang e Longhurst, 2013).

No entanto, a resposta que as iniciativas *bottom-up* podem dar às alterações climáticas globais é questionável, dada a especificidade local de paisagens culturais, sociais e tecnológicas em que estas se desenvolvem. Para além disso, as inovações de base nem sempre têm a visibilidade e o apoio político necessários para desenvolver o seu potencial, uma vez que envolvem atores não empresariais e com menos poder, mantendo-se muitas vezes subdesenvolvidas (Feola e Nunes, 2014). A dificuldade em manter um espaço sociotécnico sustentável viável dentro de um regime insustentável é um dos seus maiores desafios e este traduz-se na dificuldade em assegurar o financiamento, a institucionalização, a consolidação da aprendizagem, a gestão da mudança organizacional, o estabelecimento de ligações e redes eficientes a outros atores da sociedade e a difusão de ideias contrárias às ideias dominantes na sociedade (Seyfang e Longhurst, 2013).

Apesar de tudo, de acordo com Seyfang e Longhurst (2013), existem muitas iniciativas de base de sucesso que contribuem para o desenvolvimento sustentável, com a criação de um espaço onde tem lugar o desenvolvimento de novas ideias e práticas e experimentação de novos sistemas de aprovisionamento, em que as pessoas podem expressar os seus valores verdes «alternativos», também considerados pelos autores «socialmente progressistas», e melhorar de modo tangível, embora em pequena escala, a sustentabilidade ambiental e social. Estes nichos de experimentação de arranjos sociais, culturais, económicos e tecnológicos novos são assim reconhecidos como incubadoras da mudança social necessária para minimizar e responder às futuras alterações climáticas (Feola e Nunes, 2014).

### 1.3.2. O modelo Perspetiva Multinível

A questão sobre se os processos nicho são suficientes por si só para levar à emergência de novas tecnologias e ao processo de transição de sistemas sociotécnicos é pertinente. Geels e Raven (2006)<sup>20</sup> sugerem que «a perspetiva de nicho não é suficiente porque apenas realça os processos internos do nicho» e que desenvolvimentos externos do regime e de nichos competidores devem também ser incluídos. Um modelo concetual de análise de transições sociotécnicas foi desenvolvido na Universidade de Twente por Arip Rip e Johan Schot em 1996 e, mais tarde, refinado por Frank Geels e outros numa série de estudos (Kemp, 2009). Este modelo, chamado Perspetiva Multinível, explica que as inovações de base não constituem por si só uma ameaça ao sistema e que outros fatores devem ser tidos em conta (Seyfang e Longhurst, 2013). O modelo compreende três elementos: paisagem sociotécnica, regime e nicho. A paisagem sociotécnica relaciona-se com os elementos materiais e imateriais do nível macro. Falamos, pois, de infraestruturas materiais, cultura política e coligações,

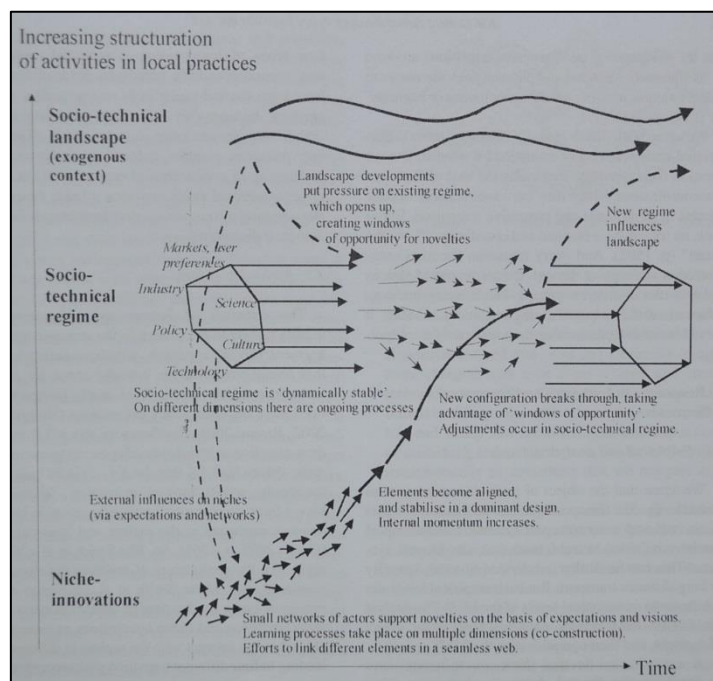
---

<sup>20</sup> Citados por Seyfang e Longhurst (2013:883).

valores sociais, visões do mundo e paradigmas, macroeconomia, demografia e ambiente natural. Dentro da paisagem podemos encontrar regimes sociotécnicos e nichos. O regime refere-se às práticas dominantes, à heurística, ao ponto de vista ou paradigma e à lógica de conduta subsequente, que dão estabilidade e orientação ao mesmo, guiando na tomada de decisões. O nicho é definido de variadas maneiras, mas é comum a noção de «espaço protegido», onde «novas configurações e práticas sociotécnicas podem ser experimentadas e desenvolvidas fora das pressões de seleção do regime dominante» (Seyfang e Haxeltine, 2012: 383). Do nicho fazem parte organizações e atores intermediários que estão ligados a projetos locais concretos e que atuam como divulgadores de melhores práticas, *standards*, aprendizagem institucionalizada e outros recursos intermediários, como o *networking* e o *lobbying* (Kemp *et al.*, 1998; Schot e Geels, 2008; Seyfang e Haxeltine, 2012).

A hipótese subjacente ao modelo multinível é a de que as transições têm origem a partir da interação de processos a níveis diferentes e em diferentes fases. Numa primeira fase, emergem inovações radicais em nichos, frequentemente à margem ou fora do regime existente, pois a ausência de regras estáveis possibilita a improvisação dos atores e a sua participação em experiências na busca por melhores soluções e na descoberta daquilo que os usuários procuram. Nesta fase as inovações são suportadas e apoiadas por redes pequenas e precárias, não constituindo por isso qualquer tipo de ameaça ao regime existente. Numa segunda fase, a inovação começa a ser introduzida e usada, mas apenas em pequenos nichos de mercado especializados, que já fornecem os recursos necessários para o seu desenvolvimento técnico e especialização. Ainda não representa uma ameaça ao grande regime, mas começa a desenvolver uma trajetória técnica própria, com a estabilização, num desenho dominante, das regras associadas. As novas técnicas ou tecnologias podem ficar retidas nestes nichos durante muito tempo enquanto houver um desfasamento entre o nicho e o regime e a paisagem existentes. Numa terceira fase, ocorrem desenvolvimentos ao nível da paisagem que pressionam o regime existente. Este abre-se e criam-se janelas de oportunidade para as inovações abandonarem o nicho e entrarem em competição com o regime estabelecido (Kemp, 2009; Geels e Schot, 2007) (Figura 1).

**Figura 1** – A perspetiva multinível das transições. (Fonte: Geels e Schot, 2007)



De acordo com os padrões de interação entre os três níveis da perspetiva multinível (nichos, regimes e paisagens), uma gama de trajetórias-tipo ideais possíveis para as inovações foi postulada. «As inovações de nicho podem ser uma fonte de reformas sinérgicas a serem absorvidas no regime; podem competir com e potencialmente deslocar o regime; podem expandir e trabalhar com o regime sem mudá-lo fundamentalmente; ou podem expandir-se para preencher um vazio causado pelo colapso do regime» (Geels e Schot, 2010)<sup>21</sup>.

### 1.3.3. Fatores de fracasso e sucesso para a difusão de inovações sociotécnicas

A literatura de transição tem investigado fatores internos e externos das iniciativas de base que impedem ou favorecem a difusão das suas inovações sociotécnicas. Um deles é a dificuldade em assegurar e manter a participação dos atores ao longo do tempo, problema que também se verifica em outro tipo de associações de voluntários. Ao depender de voluntários, as iniciativas de base veem a sua capacidade de promover a inovação dentro da comunidade limitada. Para além disso, os baixos níveis de recursos financeiros de que dependem não são suficientes para apoiar os processos de aprendizagem. Outro exemplo são ainda as disputas ideológicas que surgem, por vezes, entre linhas políticas e apolíticas, e que causam conflitos internos e atuam como barreira ao desenvolvimento das iniciativas. Já a gestão de expectativas tem sido apontada como sendo um dos aspetos mais difíceis na governança interna dos grupos. Por último, as iniciativas de base são muitas vezes constituídas por atores que nem sempre refletem a diversidade (ex. étnica) das comunidades locais e, conseqüentemente, o estabelecimento de ligações fortes com a comunidade alargada de um local é mais difícil (Feola e Nunes, 2014). Dados estes desafios, existem dúvidas sobre a capacidade das

<sup>21</sup> Citados por Seyfang e Longhurst 2013: 883).

inovações de base desencadearem efetivamente mudanças sociotécnicas como resposta às alterações climáticas (Feola e Nunes, 2014).

Para melhor compreender as inovações de base e as condições para o seu sucesso como forma de resposta às alterações climáticas, Feola e Nunes (2014) examinaram o sucesso e o fracasso de iniciativas do Movimento Transição<sup>22</sup>. Com base em estudos de caso prévios, foram escolhidos cinco grupos de fatores interdependentes que potencialmente influenciam o sucesso das iniciativas transição (características da iniciativa, membros, recursos, organização e contexto) e as respetivas hipóteses formuladas. Assim, segundo os autores, uma iniciativa transição tem mais sucesso quando está localizada num contexto em que as redes sociais são mais densas e o capital social mais alto (zona rural, aldeia, vila). Um estatuto legal que facilite a interação com outros atores, como as autoridades locais, e uma acreditação do Movimento Transição que dê acesso a conhecimento, formação e parcerias são outros fatores positivos. A estratégia de abordar temas fáceis no início da iniciativa e outros mais complexos num estágio mais avançado será algo também importante para atrair novas pessoas. Os autores assumem ainda que, quando a iniciativa foi fundada por um grupo grande, os seus membros pertencem a um grupo etário específico e representam a diversidade da comunidade local, a iniciativa tem maior potencial de sucesso. Outros fatores relacionados com os membros incluem a existência de um grupo coordenador especificamente treinado em assuntos como gestão de grupos, motivação, *coaching*, e com níveis de escolaridade altos, para que tenha as competências necessárias para desenvolver uma iniciativa transição. No que diz respeito à organização, o sucesso de uma iniciativa depende de um recrutamento de membros ativo, da existência de pessoal remunerado, de um grupo coordenador e de uma organização em subgrupos. É também fulcral existirem estratégias que possibilitem uma boa comunicação interna e externa e que limitem os conflitos ideológicos internos. Quanto aos recursos, o acesso a infraestruturas críticas (por exemplo, sala de reuniões, computador), o asseguramento de financiamento e a disponibilidade de tempo dos membros são fatores que contribuem para o sucesso de uma iniciativa. Finalmente, ao contexto onde a iniciativa está inserida também é dada muita importância. Esta terá mais sucesso quando tem origem num grupo pré-existente (por exemplo, um movimento de base, uma ONG), forma parcerias com outras organizações e se localiza num contexto onde existem formas de democracia participativa que facilitam a participação do público na governança local e em que outros atores percecionam a iniciativa transição como positiva.

Alguns autores têm ainda definido outros fatores que apoiam a emergência e o crescimento de nichos. Kemp *et al.* (1998), por exemplo, assinalam três aspetos fundamentais: as visões e as expectativas criadas; as redes estabelecidas; e os processos de aprendizagem existentes. Para que um nicho sociotécnico emerge e cresça, as visões e as expectativas sobre o que o nicho pode oferecer, tanto interna como externamente, devem ser amplamente partilhadas, específicas, realistas e alcançáveis (Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013). As redes estabelecidas devem envolver muitos atores diferentes, que usam os recursos das organizações em que estão envolvidos para apoiar a emergência do nicho (Geels e Schot, 2007; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e

---

<sup>22</sup> O Movimento Transição consiste numa rede de iniciativas locais e é frequentemente visto como um caso de sucesso, pois apresenta uma estrutura organizacional internacional formalizada, tendo-se difundido rapidamente pelo mundo inteiro e sendo amplamente conhecido (Feola e Nunes, 2014).

Longhurst, 2013; Dóci *et. al*, 2015). Estas redes facilitam a partilha e circulação da informação e criam um sentido de comunidade entre as iniciativas do nicho (Seyfang e Longhurst, 2013). Processos de aprendizagem estandardizados parecem também contribuir para o sucesso do nicho. Quando estes estão estabilizados num desenho dominante podem ser partilhados sob a forma de livros e artigos ou através de conferências, encontros e *workshops*, e possibilitar comparações, aprendizagens e divulgação de melhores práticas (Seyfang e Longhurst, 2013; Geels e Schot, 2007; Dóci *et al.*, 2015). A aprendizagem deve contribuir não só para o conhecimento e *expertise* úteis para o dia-a-dia, mas também para uma aprendizagem de *segunda ordem*, isto é, um nível de compreensão que conduza as pessoas a questionar os pressupostos e constrangimentos do sistema (Geels e Schot, 2007; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013; Dóci *et al.*, 2015). Para além disso, os processos de aprendizagem, sejam eles internos ou externos, devem abordar aspetos práticos e técnicos mas também ideológicos, sendo ao nível interno especialmente importante a aprendizagem dos aspetos sociopsicológicos que levam ao crescimento do nicho e à evolução dos objetivos e prioridades ao longo do tempo. Já ao nível externo, a aprendizagem experiencial deverá sobrepor-se à cognitiva, mais apelativa a novos membros pelos benefícios imediatos proporcionados pelo *aprender fazendo*, como a sensação de fazer parte de uma comunidade e de estar a contribuir ativamente para uma solução (Seyfang e Haxeltine, 2012). Seyfang (2010) e Seyfang e Longhurst (2013) referem adicionalmente um elemento externo que facilita a transposição de ideias do nicho sociotécnico para o regime dominante, nomeadamente a condição de pré-existência de uma crise no regime dominante que fornece uma oportunidade para as práticas do nicho serem adotadas pela sociedade em geral. Como resposta à crise económica global e às medidas de austeridade impostas, por exemplo, tem crescido o movimento de base comunitária das moedas alternativas locais e, no caso do Reino Unido, tem havido interesse político em falar sobre este tipo de iniciativas.

#### 1.3.4. Indicadores de sucesso das inovações de base

Tendo sido mencionados os fatores de sucesso e fracasso para a difusão de inovações de base, importa também identificar indicadores que possam quantificar o sucesso de uma iniciativa em particular. Feola e Nunes (2014) mediram o grau de sucesso de uma iniciativa transição através de duas medidas, uma subjetiva e uma objetiva. A primeira relacionava-se com a perceção dos membros da iniciativa transição e a sua avaliação sobre a mesma (de muito sucesso, bastante sucesso, sem muito sucesso, sem nenhum sucesso) e acoplava-se a uma questão aberta sobre a ideia de sucesso (« Na sua opinião, quais as três características mais importantes de uma iniciativa de transição de sucesso?»). A segunda tinha em conta factos que não dependiam da perceção ou avaliação do respondente, como o número de membros envolvidos, a duração da iniciativa e o progresso feito em direção à transição, medido através dos 12 passos que as iniciativas têm de cumprir para se oficializarem enquanto iniciativas do Movimento Transição.

Outros indicadores podem ser encontrados na bibliografia de transição. Seyfang e Haxeltine (2012) aplicam a teoria da gestão estratégica de nichos ao Movimento Transição para avaliar o seu crescimento e a influência que este exerce nos sistemas sociotécnicos da sociedade. Consideram três

formas distintas de como os nichos podem influenciar o regime e facilitar a difusão de práticas e sistemas sociotécnicos inovadores: (i) *replicação* de projetos dentro do nicho, originando mudanças agregativas através de muitas pequenas iniciativas; (ii) permitindo que os projetos constituintes *creçam em escala* e atraiam mais participantes; e (iii) facilitando a *transposição* de ideias nicho para contextos dominantes. Na sua avaliação dos processos de replicação que ocorrem dentro do movimento são contabilizados aspetos como o aumento do número de iniciativas transição ao longo do tempo, o aumento da sua distribuição geográfica e o envolvimento dos membros na formação de outras iniciativas. Quanto ao crescimento em escala são tidos em conta o crescimento do número de membros, do número de projetos e da área geográfica de atuação ao longo do tempo. Para a avaliação dos processos de transposição os autores analisam se a mensagem do movimento é promovida por atores do regime dominante; se as ideias, processos e sistemas desenhados pelo movimento são adotados por instituições do contexto dominante e se existem parcerias estabelecidas com o regime em vigor. Também Seyfang (2010) tinha já avaliado o potencial de uma inovação de base influenciar as práticas da sociedade em geral utilizando as mesmas rotas de difusão da inovação (replicação, crescimento em escala e transposição). Usando o projeto americano de residência sustentável *Canelo*<sup>23</sup> como estudo de caso, o autor aponta vários indicadores de sucesso. Ao nível da replicação avalia o aumento do número de edifícios construídos ao longo do tempo; o aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias através da inovação, aprendizagem e experimentação; o número de publicações acerca das tecnologias utilizadas e das ideologias defendidas e o número de cursos oferecidos para a sua disseminação. Quanto ao crescimento em escala dá especial importância à capacidade das tecnologias e técnicas inovadoras serem produzidas e/ou utilizadas em massa, o que é possível se houver uma estandardização dos planos, materiais e técnicas, podendo resultar num negócio rentável. No que diz respeito à transposição, Seyfang (2010) refere três modalidades: a abertura do regime dominante que providencia oportunidades para a adoção das ideias do nicho, por exemplo, através de medidas governamentais de encorajamento; a adaptação do nicho ao regime, em que o nicho, para sobreviver, cede às pressões de regulamentação do regime para que cumpra *standards*; e o desenvolvimento de projetos intermédios, que integram aspetos convencionais e alternativos.

#### 1.4. TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

Numa sociedade em risco, como é a sociedade ocidental em tempo de crise ambiental, económica e social, Giddens (1990) sugere quatro tipos de reações adaptativas: aceitação pragmática, otimismo sustentado, pessimismo cínico e envolvimento radical. A aceitação pragmática implica que o indivíduo reconhece os perigos da sociedade em risco mas concentra-se nas dificuldades do dia-a-dia e esquece os grandes problemas. O otimismo sustentado diz respeito à estratégia de acreditar que qualquer perigo que ameaça o indivíduo pode ser resolvido por meios tecnológicos e científicos. O

---

<sup>23</sup> O Projeto Canelo é uma organização sem fins lucrativos fundada por Athena e Bill Steen no estado do Arizona nos Estados Unidos da América em 1989 e cujo trabalho se centra na ligação entre as pessoas, cultura e natureza. No rancho de 40 acres foram construídos e reconstruídos vários edifícios com recurso a fardos de palha. O projeto desenvolve *workshops* e estágios em artesanato e construção natural ([www.caneloproject.com](http://www.caneloproject.com)).

pessimismo cínico aplica-se aos indivíduos pessimistas, mas que não abordam o risco de forma fatalista. Em vez disso, usam o cinismo em relação à sociedade em geral (ex. políticos, cientistas) como abordagem adaptativa à vida quotidiana. O cinismo é utilizado dado o seu potencial para o humor e para o indivíduo neutralizar as ansiedades que sente provocadas pelos perigos da sociedade em risco. O envolvimento radical também reflete um olhar otimista da sociedade em risco, mas defende a ação contestatária, uma mobilização para a resolução dos problemas e a redução do seu impacto na sociedade e natureza, como a ação apoiada pelos movimentos sociais (Ingebrigtsen e Jokobsen, 2012).

Dentro do envolvimento radical podem inserir-se as iniciativas de base que propõem soluções radicais para a resolução dos problemas ambientais atuais. Muitas vezes estas soluções são apelidadas de «utópicas», mas um olhar sobre os exemplos práticos que já estão a ser implementados pode ilustrar o realismo destas soluções radicais.

De seguida serão apresentados dois exemplos de soluções radicais que foram recentemente alvo de muitos estudos, nomeadamente, o fenómeno das eco-aldeias ou comunidades intencionais e o Movimento Transição. Posteriormente, reflete-se acerca das soluções radicais em espaço rural e por último, referem-se os movimentos de transição de base em Portugal.

#### 1.4.1. Soluções radicais

##### *As Eco-aldeias*

O fenómeno das comunidades intencionais é bastante antigo. Bill Metcalf aponta Homakoeion, desenvolvida por Pitágoras em cerca de 525 AC como sendo a primeira comunidade intencional de que há conhecimento. Desde então têm existido comunidades espirituais dos mosteiros cristãos dos séculos VI, VII e VIII e dos seguidores de Buda que vivem em *ashrams* de forma comunitária e rejeitando os bens materiais (Dawson, 2010; Santos, 2012). Já no século XX, encontramos o movimento de comunalismo intencional *kibbutz* em Israel, baseado nos princípios da autossustentabilidade, justiça social e valores religiosos e culturais do Zionismo, que chegou a envolver 7% da população total e a contribuir imensamente para a economia do novo estado. Também os movimentos ocidentais *hippie* e *Back to the Land* dos anos 60 e 70 que rejeitavam a juventude convencional, os valores materialistas e buscavam uma reconexão e a vida em comunidade, terão sido fundamentais para o desenvolvimento do conceito moderno de eco-aldeias (Dawson, 2010).

O conceito moderno de *eco-aldeia* surge, então, em 1991, após o nascimento das preocupações com o buraco do ozono, as extinções de espécies, a deflorestação e o decréscimo da qualidade de vida do mundo industrializado dos anos 80. Isto, em pleno apogeu da era Thatcher/Reagan, durante a qual se tornava cada vez mais difícil encontrar candidatos políticos que não seguissem a agenda neoliberal que relegava para segundo plano os problemas ambientais e sociais. É neste contexto que se abre uma oportunidade para o crescimento de iniciativas de debate e ativismo dentro da sociedade civil e fora dos parlamentos nacionais. O termo *eco-aldeias* é definido pois pela primeira vez no relatório Gilman (1991), como:

«um povoamento à escala humana com recursos completos no qual as atividades humanas são integradas no mundo natural de modo inofensivo numa forma que apoia o desenvolvimento humano saudável e que pode ser continuado com sucesso no futuro indefinidamente»<sup>24</sup>.

Este relatório, redigido em 1991 e intitulado *Eco-aldeias e Comunidades Sustentáveis*, resultou de uma parceria estabelecida entre Robert e Diane Gilman, donos e editores da revista americana *In Context*<sup>25</sup>, e Hildur e Ross Jackson, fundadores da associação beneficente dinamarquesa *Gaia Trust*<sup>26</sup>. Neste, era explorada a emergência de experiências de comunidades sustentáveis e apresentados os melhores exemplos de iniciativas que poderiam ser pioneiras na transição para uma sociedade verdadeiramente sustentável. O conceito de eco-aldeias aqui referido não foi pensado como uma tentativa de regresso a um passado idealizado, mas como uma nova síntese que agregasse o melhor do conhecimento humano nas áreas da governança ao nível da comunidade, as práticas com menos impacto na Terra e a aplicação das tecnologias modernas energeticamente eficientes (Dawson, 2010).

O relatório Gilman (1991) foi o primeiro passo de um longo percurso que passou pelo estabelecimento da empresa Gaia Technologies, cujo capital é utilizado para financiar o Gaia Trust, e por anos de discussões e *networking* entre pioneiros que levaram ao lançamento da Rede Global de Eco-aldeias (GEN), em 1996, na conferência das Nações Unidas HABITAT<sup>27</sup> em Istambul. A GEN estabeleceu-se como «uma confederação global de pessoas e comunidades que se encontram e partilham as suas ideias, trocam tecnologias, desenvolvem intercâmbios culturais e educacionais, diretórios e *newsletters*, e estão dedicadas a restaurar a terra e a viver vidas» mais sustentáveis, «colocando mais no ambiente do que aquilo que retiram» (Dawson, 2010). Outra grande vitória foi o reconhecimento por parte das Nações Unidas do valor das eco-aldeias, ao incluí-las oficialmente, em 1998, na lista das 100 Melhores Práticas, por serem excelentes modelos de formas de viver sustentáveis<sup>28</sup>.

Hoje a GEN é uma organização que representa eco-aldeias, comunidades intencionais, aldeias tradicionais, projetos de transição, permacultura, educação e ecoturismo e indivíduos com interesses ecológicos em todo o mundo, estando ramificada em redes regionais e temáticas (por exemplo, GEN África, GEN Europa, rede jovem GEN). A sua missão é «fornecer informação, ferramentas, exemplos» e representar ao nível global a rede de projetos e pessoas que se dedicam a «desenvolver e demonstrar os princípios e práticas de sustentabilidade nos seus estilos de vida e comunidades»<sup>29</sup>. O conceito de eco-aldeia terá mudado com o tempo e, atualmente, a GEN define *eco-aldeia* como:

---

<sup>24</sup> Citado por Dawson, 2010:13.

<sup>25</sup> A revista americana *In Context* foi publicada entre 1983 e 1995 e tratava de assuntos ambientais e sociais, com uma abordagem por vezes espiritual. (<http://www.context.org/iclib/>)

<sup>26</sup> A *Gaia Trust* é uma associação beneficente dinamarquesa que foi fundada em 1987 e que apoia a transição para uma sociedade futura sustentável e mais espiritual através de bolsas e iniciativas pró-ativas (<http://www.gaia.org/gaia/gaiatrust/>).

<sup>27</sup> Esta foi a segunda Conferência das Nações Unidas para os Povoamentos Humanos (Habitat II) e abordou dois temas de igual importância global: «Abrigo adequado para todos» e «Desenvolvimento de povoamentos humanos sustentáveis num mundo em urbanização» (<http://www.un.org/en/development/devagenda/habitat.shtml>).

<sup>28</sup> <http://gen.ecovillage.org/en/article/what-ecovillage>

<sup>29</sup> <http://gen.ecovillage.org/en/page/vision-mission-goals>

« uma comunidade intencional ou tradicional que usa processos participativos locais para integrar holisticamente as dimensões ecológica, económica, social e cultural da sustentabilidade por forma a regenerar o ambiente social e natural»<sup>30</sup>.

Dada a grande heterogeneidade de eco-aldeias atuais, torna-se pertinente discutir quais os atributos fundamentais de uma eco-aldeia. Nesse sentido, Dawson (2010) lista cinco atributos que todas elas parecem partilhar: (1) são centros de pesquisa, demonstração e (na maioria dos casos) de formação por forma a desenvolver e partilhar novas ideias, tecnologias e modelos; (2) envolvem pessoas que buscam uma reconexão com os outros em comunidade, como resposta à alienação e solidão das sociedades modernas; (3) resultam da iniciativa de cidadãos, dada a insatisfação (ou alienação) com o governo e instituições; (4) partilham um certo conjunto de valores, como o compromisso em relação à justiça global, o restauro ecológico, a reconstrução da comunidade, o serviço em prol dos outros e, em alguns casos, partilham também crenças espirituais; e (5) pretendem obter o controlo dos próprios recursos e, conseqüentemente, dos seus destinos. Em Portugal, a GEN conta atualmente com 12 projetos localizados em território nacional, incluindo três eco-aldeias estabelecidas (Casa da Ribeira, Portugal Ecovillage Portugal, Tamera) e cinco em construção (Ecoaldea Vegetariana, Quinta do Arco-Íris, Tribodar, Oásis do Três Sobreiros, Terramada), dois povoamentos sustentáveis (Sítio da Terra e Vale do Vento – Adegas), uma comunidade intencional (Awakened Life Project) e um projeto de permacultura em construção (Permaldeia)<sup>31</sup>.

### *O Movimento Transição*

O Movimento Transição é um dos exemplos mais notáveis de iniciativas de base. Este teve início na Irlanda e no Reino Unido em 2005, sendo liderado por Rob Hopkins, um professor de permacultura, e tem como principal objetivo construir comunidades resilientes, isto é, comunidades com a capacidade de se adaptarem a mudanças significativas. A filosofia deste movimento assenta em duas problemáticas fundamentais: as alterações climáticas e o pico do petróleo<sup>32</sup>. Promove por isso iniciativas locais que se dediquem a adaptar as populações a um futuro com pouca disponibilidade de energia, ou seja, que estejam empenhadas em facilitar uma transição da comunidade em direção a um menor impacto ambiental, menor consumo de energia e menores emissões de carbono. Para tal, as comunidades devem utilizar os recursos locais e pôr em prática ações também locais (Hopkins, 2008). Desta forma, as transições são de pequena escala e levadas a cabo pela própria comunidade, com o intuito de crescerem e oferecerem uma resposta conjunta às alterações climáticas e ao declínio da disponibilidade de energia. O Plano de Ação para a Descida de Energia (*Energy Descent Action Plan* ou EDAP no original) é a ferramenta utilizada para mitigar o impacto das alterações climáticas e para preparar a comunidade para o pior cenário. O primeiro EDAP foi criado pela comunidade de Totnes, no Reino Unido, em 2010 e inclui um cenário detalhado para a produção local de alimentos e um orçamento energético local (Mälgand *et al.*, 2014).

---

<sup>30</sup> <http://gen.ecovillage.org/en/article/what-ecovillage>

<sup>31</sup> <http://gen.ecovillage.org/en/projects/map>

<sup>32</sup> O pico do petróleo corresponde ao ponto no tempo em que o nível máximo de produção de petróleo é atingido, após o qual a taxa de extração de petróleo tende a declinar, resultando inevitavelmente num aumento dos preços energéticos e numa recessão da economia (Mälgand *et al.*, 2014).

Também chamado de movimento Cidades em Transição (CT), este envolve aldeias, vilas e cidades e aborda uma série de assuntos de ordem económica, social, ambiental e pessoal. As CT estão envolvidas em muitas atividades de base local, como por exemplo o estabelecimento de companhias de energia renovável detidas pela comunidade, a promoção de alimentos produzidos localmente, o ensino de jardinagem e culinária, o encorajamento à poupança de energia, a exemplificação de formas de viver com recurso a baixos níveis de carbono e a construção de comunidades solidárias com estas atividades (Hopkins, 2008). As múltiplas CT são apoiadas e apoiam, por sua vez, a Rede Transição (Transition Network, Ltd), uma rede formalmente constituída para coordenar as atividades entre os grupos locais e de diferentes países. A rede responsabiliza-se pela definição dos critérios para a constituição de novas iniciativas transição oficiais e também pela aprovação dos vários pedidos de entrada (Seyfang e Haxeltine, 2012).

O conceito de «transição» defendido pelo Movimento Transição tem como base a permacultura, atualmente um movimento internacional e um sistema de *design* ecológico (Ferguson e Lovell, 2014). A palavra *permacultura* foi cunhada nos anos 70 do século XX por Bill Mollison e David Holmgren, durante a primeira crise do petróleo, e descrevia «um sistema integrado e em evolução de plantas e espécies animais perenes ou auto perpétuas úteis para o homem» (Holmgren, 2011). Defendia uma *agricultura permanente*, distanciando-se das culturas anuais e da monocultura e defendendo o recurso a um sistema estratificado de árvores produtivas e úteis e plantas perenes. Quando se tornou claro que a sustentabilidade na alimentação não era independente dos restantes elementos da sociedade (economia, construção, energia, etc.), a permacultura deixou de se focar apenas na agricultura e o seu âmbito alargou-se, passando a designar uma *cultura de permanência* (Hopkins, R. 2008). Atualmente definida como «paisagens desenhadas conscientemente que mimam os padrões e as relações encontradas na natureza, produzindo uma abundância de alimento, fibra e energia para o aprovisionamento das necessidades locais» (Holmgren, 2011), a permacultura constitui na prática um sistema concetual de desenho para a criação de povoados humanos sustentáveis nas dimensões social, económica, cultural e técnica. Assenta em 12 princípios necessários para apoiar um mundo pós-pico do petróleo, que são igualmente partilhados pelo Movimento Transição: observar e interagir; capturar e armazenar energia; obter produção; aplicar a auto regulação e aceitar *feedback*; usar e valorizar os recursos e serviços renováveis; produzir zero desperdício; conceptualizar começando pelos padrões e acabando nos detalhes; integrar em vez de segregar; usar soluções pequenas e lentas; usar e valorizar a diversidade; usar e valorizar o marginal; usar e responder à mudança de forma criativa (Hopkins, R. 2008).

O Movimento Transição tem crescido rapidamente no Reino Unido e ao nível global (Seyfang e Haxeltine, 2012) e, até ao momento, existem 479 iniciativas transição que estão registadas no *website* oficial<sup>33</sup>. Estas são de âmbito rural e urbano, variam em tamanho, condições de vida, ações a que se dedicam e grau de autossuficiência (Mälgand *et al.*, 2014). O movimento tem sido muito estudado no âmbito das transições sociotécnicas e a Rede Transição tem sido vista como representante de um «nicho verde», dados os valores verdes alternativos expressos, a natureza experimental dos projetos

---

<sup>33</sup> <https://www.transitionnetwork.org>

e pelo facto de as suas práticas inovadoras serem disseminadas através de uma rede formal, numerosas publicações, filmes, *websites*, conferências e outros eventos (Seyfang e Haxeltine, 2012).

#### 1.4.2. Soluções radicais no espaço rural

O espaço rural cumpre várias funções e tem vários significados para a sociedade. Ambientalmente falando, é nas áreas rurais que se produz a maior parte dos alimentos, onde existe maior disponibilidade de água e se extrai a maioria dos minerais que alimentam a indústria, onde encontramos as nossas fontes de energia (renováveis e não) e a vasta maioria da biodiversidade do planeta. As áreas rurais também se tornaram zonas de recreio, onde podemos caminhar, passear ou escapar do ritmo acelerado das cidades em busca de tranquilidade. São valorizadas pela beleza cénica das suas paisagens e ambientes naturais, mas também por conterem elementos tradicionais, onde podemos observar formas de vida pré-industriais e culturas indígenas diversas. Desta forma, as zonas rurais podem ser símbolos de ideias tão díspares como uma celebração de um idílio bucólico ou uma representação de um local subdesenvolvido que necessita de ser modernizado (Woods, 2011).

Os diversos significados e funções atribuídos ao rural têm mudado ao longo do tempo no hemisfério norte. O rural *produtivista* predominou a seguir à Segunda Guerra Mundial e até ao fim dos anos 70. Estava associado à agricultura e à produção agrícola e o seu objetivo último era a maximização eficiente da produção, nos moldes típicos do capitalismo. A modernização da agricultura dessas décadas levou a uma produção por uma questão de produzir, conduziu a uma racionalização e segmentação do trabalho e a uma standardização do produto (Halfacree, 2007). O produtivismo transformou assim a agricultura e todo o rural, pois as relações de trabalho, as estruturas sociais, as paisagens e condições ambientais tiveram de ser reconfiguradas para apoiar os seus objetivos (Woods, 2011).

Paradoxalmente, hoje a população rural depende menos da agricultura, pois a especialização laboral e a mecanização da produção reduziram a necessidade de mão-de-obra. Os antigos agricultores viram-se forçados a migrar para os centros urbanos à procura de emprego, começando uma tendência de despovoamento das zonas rurais. Aqueles que se mantiveram no rural passaram a trabalhar em fábricas e serviços. Desta forma, os laços entre os agricultores e as comunidades rurais enfraqueceram e a presença da agricultura na vida rural diminuiu, abrindo espaço para discursos alternativos do rural a partir dos anos 80 (Woods, 2011).

Nas quatro décadas a seguir à Segunda Guerra Mundial o sucesso das políticas produtivistas levaram a que, no fim dos anos 70, o hemisfério norte tivesse já excedentes de produção a impor o armazenamento. Os gastos associados ao excesso de produção e as crescentes preocupações ambientais dos anos 80 decorrentes do impacto da agricultura intensiva e relativas ao bem-estar animal e qualidade dos alimentos criaram pressão para que se procedesse a reformas nas políticas e práticas agrícolas. Na União Europeia e nos Estados Unidos os *lobbies* agrícolas evitaram uma reforma radical e esta foi levada a cabo através de medidas mais modestas e graduais e que caracterizaram a «transição pós-produtivista». Esta incluiu medidas como o encorajamento à diversificação das

atividades da exploração agrícola (turismo ou recreio), pagamentos aos agricultores que melhorassem o ambiente (através da reflorestação ou pousio de terras), apoio a iniciativas de produção de alimentos locais de qualidade e assistência à conversão para a agricultura biológica (Woods, 2011).

Apesar do termo «transição pós-produtivista» suscitar uma mudança clara de políticas, a aplicação do conceito de *pós-produtivismo* em estudos rurais tem sido altamente controversa. Este foi usado frequentemente durante os anos 80 e 90 por geógrafos rurais, sugerindo a emergência de uma nova era de produção agrícola. Contudo, o conceito nunca foi bem definido e os estudos empíricos mostravam que as práticas agrícolas não estavam de facto a mudar nesse sentido. Assim, uma alternativa que conceptualize a mudança na economia rural tem vindo a ser procurada e muita atenção tem sido dada ao conceito de «multifuncionalidade», dada a natureza *multifuncional* do rural contemporâneo. Este permite fugir da dicotomia «produtivista»/«pós-produtivista», e a consequente implicação de que o primeiro antecede o segundo numa progressão linear, e facilita a coexistência dos dois conceitos, estando mais de acordo com a natureza do rural e da mudança do rural. À medida que a multifuncionalidade foi sendo adotada pela geografia e sociologia rurais, esta tem adquirido uma maior complexidade, referindo-se aos múltiplos resultados da agricultura: produção de alimento e outros recursos e benefícios sociais e ambientais, servindo como um modelo para entender a dinâmica de um sistema agrícola e um mecanismo para descrever e analisar a mistura de práticas produtivistas e pós-produtivistas evidentes no território (Woods, 2011). Halfacree (2007) vai ainda mais longe e propõe rurais futuros potenciais, acrescentando uma dimensão utópica à discussão. Este autor sugere quatro tipos diferentes de pós-produtivismo:

- Super-produtivismo: A lógica capitalista máxima passa a existir no terreno, sob a forma de agronegócios, modificação genética de plantas e animais e biotecnologia em geral. A terra passa a ser vista como um recurso puramente produtivo associada à maximização do lucro e a agricultura como outra área para uma reforma neoliberal. A natureza transforma-se numa paisagem monótona, igual e única.

- Idílios de consumo: Esta espécie opõe-se ao super-produtivismo e nela, apesar de a agricultura poder existir como pano de fundo, o rural está orientado para práticas de consumo, como o lazer, a residência, a contra urbanização, a contemplação. O rural é visto como um idílio, mas não por todos os que o frequentam, havendo disputas entre os locais e os recém-chegados, ou dificuldades de entendimento no planeamento das localidades.

- Ruralidade apagada: O espaço rural existe apenas enquanto «presença fantasma», sendo «experienciado através da memória popular, nostalgia, conhecimento transmitido oralmente, etc.» (Halfacree, 2007:131).

- Ruralidades radicais: Enquanto os três tipos anteriores podem ser unificados ao meta nível através da sua base numa regressão espacial capitalista, esta espécie ambiciona a produção de um espaço rural verdadeiramente diferente. Estas visões radicais pretendem destruir o sistema e conduzir o rural numa direção diferente da que domina hoje, não sendo por isso aceites na lógica do capitalismo.

Estas *ruralidades radicais* podem apresentar várias formas. Halfacree (2007) foca-se numa subespécie em particular que o autor considera ser possivelmente a mais significativa na Grã-Bretanha atualmente, com proveniências do comunismo e anarquismo e tendo ligações à política verde, à cidadania ecológica e à economia anticapitalista. Estas ruralidades radicais manifestam-se no terreno sob a forma de desenvolvimentos de baixo impacto<sup>34</sup>; no movimento alternativo de «back-to-the-land»<sup>35</sup>; na adoção da permacultura (ou formas de produção agrícola biológicas); no foco na produção agrícola, mas também noutras atividades (florestação, educação ambiental, artesanato), tendo um cariz produtivista e pós-produtivista; na realocação das cadeias de aprovisionamento de produtos e consumo de bens; e num tipo de nomadismo, em que pessoas se deslocam entre o rural e o urbano ou dentro do rural por questões de trabalho sazonal, festivais, encontros, etc.

O rural nesta subespécie é imaginado como uma casa acessível a todos, mas que exige que quem nele viva faça escolhas de vida distintas e desafiantes. A localização é uma das ideias fundamentais, uma componente essencial para a construção de um futuro autossuficiente e sustentável. Traz ao de cima assuntos como o direito dos países (ou outras unidades geográficas) de controlarem o setor alimentar (e não as forças de mercado), a compreensão do poder das superfícies comerciais sobre os produtores e consumidores e visa contrariar o impacto social e ecológico derivado da distância que os alimentos percorrem na cadeia de aprovisionamento alimentar. É uma cultura rural ancorada na terra, com um forte discurso comunitário, promovendo significados de terra diversos e multifacetados para além da simples produção. Atribui-se importância às convicções ecocêntricas e profundamente ecológicas e celebram-se os valores do trabalho físico como forma de sintonizar e apreciar a nossa humanidade e lugar no mundo natural (Halfacree, 2007).

Tendo em conta as representações descritas e as atividades em que se podem traduzir, é interessante pensar em como seriam vividas as vidas destas pessoas num contexto real. Podemos «imaginar experiências do dia-a-dia ... que celebram e valorizam o local e o individual de forma significativa, reconhecendo o contexto rural mas não estando desligado de experiências extra rurais ... uma diversidade animada» mas «em que as pessoas que não partilham certos pontos de vista políticos» sentem que não são bem-vindas, «resultando numa homogeneidade e ... até sectarismo» (Various, 2001)<sup>36</sup>. Os desafios sentidos pelas pessoas que viveriam estas utopias radicais poderiam ser vários. As experiências atuais em que se tentam viver vidas rurais radicais dão-nos alguns exemplos: a discriminação por parte da população local; a insegurança económica, ações de despejo e dificuldades no processo de planeamento do projeto; a desistência do projeto ou marginalização dos seus participantes; e a desilusão de que nada pode ser feito para mudar. Apesar disso, existem atualmente em muitos lugares várias tentativas de produzir rurais radicais (Halfacree, 2007), incluindo em Portugal. Exemplos disso mesmo são as inovações sociotécnicas de base, faladas anteriormente,

---

<sup>34</sup> Um desenvolvimento de baixo impacto, como definido por Simon Fairlie (1996) é «um que, através do seu impacto ambiental negativo baixo, melhora ou não diminui significativamente a qualidade ambiental» (citado em Halfacree, 2007:132). Este desenvolvimento tem de cumprir nove critérios: ser temporário, em pequena escala, discreto, construído a partir de materiais locais, aumentar a biodiversidade, consumir poucos recursos não renováveis, gerar pouco trânsito, ter um propósito sustentável e trazer benefícios ambientais positivos. (Halfacree, 2007)

<sup>35</sup> Este combina uma agricultura familiar ou de pequena dimensão com um nível de autossuficiência alimentar e uma ética centrada nas relações entre pessoas e seres humanos e não humanos na rede de trabalho da terra (Halfacree, 2007).

<sup>36</sup> Citado em Halfacree, 2007:135.

que se desenvolvem em meio rural pela sociedade civil e que podem ter um papel importante na emergência e governança de transições para a sustentabilidade.

Mas qual o potencial desta ruralidade radical? Poderá ela ser concretizada no futuro? Essa é uma pergunta à qual é obviamente impossível responder. No entanto, no caso dos desenvolvimentos de baixo impacto, Halfacree (2007) sugere que existem algumas evidências de que estes se podem expandir: são já incorporados em planos de ordenamento local; alguns recebem permissão para o seu planeamento; os seus proponentes têm vontade de trabalhar com o sistema dominante, até um certo ponto; criam-se redes ou infraestruturas de apoio, aconselhamento, publicidade que normalizam estes desenvolvimentos; e as ligações estabelecidas por muitos deles com a comunidade em geral. Outras oportunidades são ainda identificadas pelo mesmo autor que podem ajudar as ruralidades radicais a emergir, como o facto do regresso ao campo e a permacultura estarem a (re)valorizar e a (re)vitalizar a agricultura biológica e as policulturas, algumas delas financiadas pelas políticas agroambientais. Mesmo assim, o autor acrescenta, cauteloso, que o caminho para este tipo de rural não será fácil dadas as poucas pessoas comprometidas com o projeto do rural radical e as pressões que terão que enfrentar para voltarem a viver de acordo com o sistema capitalista dominante. Já existe o exemplo da venda de produtos biológicos nas grandes superfícies, cujo objetivo maior foi subvertido pelos interesses do mercado: os produtos são adquiridos no estrangeiro, a preços irrisórios que prejudicam a vida dos agricultores, ameaçando a produção biológica local, um problema antigo para os agricultores convencionais.

#### 1.4.3. Movimentos de transição de base em Portugal

Depois dos tópicos discutidos nos capítulos e secções anteriores importa perguntar se existem em Portugal movimentos de transição *bottom-up* que estejam especialmente dedicados ao questionamento do paradigma socioeconómico dominante e ativamente a propor valores e soluções alternativas ou complementares ao paradigma vigente. Têm sido várias as teses de mestrado a estudar aspetos específicos das eco-aldeias e comunidades intencionais em Portugal, o Movimento Transição e a Permacultura, em domínios tão diversos como Arquitetura (Barros, 2013), Arquitetura Paisagista (Santos, 2012), Planeamento Regional e Urbano (Belyakova, 2012), Design de Produto (Correia, 2011), Saúde Pública (Esteves, 2010), Gestão do Território e Urbanismo (Matos, 2011) ou Antropologia (Pires, 2012). Mas até à data da proposta deste tema para a dissertação de mestrado, a autora não tinha conhecimento de estudos mais abrangentes que pretendessem caracterizar o coletivo deste tipo de iniciativas enquanto um movimento ou fenómeno de transição no meio rural em Portugal. Tampouco foi encontrado qualquer trabalho que abordasse os fatores de sucesso e insucesso das mesmas iniciativas. Mais tarde, no decorrer do trabalho de campo, a autora entrou em contacto com investigadores envolvidos no projeto CATALISE<sup>37</sup> financiado pelo Programa de Desenvolvimento Humano da Fundação Calouste Gulbenkian. Se as teses de mestrado referidas acima refletem

---

<sup>37</sup> CATALISE é um projeto de investigação-ação que teve início em julho de 2014 e está atualmente a ser finalizado. Este está a ser realizado em parceria pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e o Climate Change Impacts, Adaptation and Modeling Research Group da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. O seu objetivo é «conhecer em maior profundidade as iniciativas e disseminar os conhecimentos e boas práticas por elas produzidas, de modo a aumentar o seu potencial de replicação noutros contextos, facilitando processos de transição noutras comunidades» (<http://www.redeconvergir.net/catalise>).

eventualmente o interesse pessoal de alunos, este projeto mostra que o tema das iniciativas de base e suas problemáticas se começa a destacar na investigação académica em Portugal.

### *A Rede Convergir*

A Rede Convergir é uma plataforma *online* que «pretende mapear todos os projectos sustentáveis e inspiradores para que em rede» possam «cooperar, potenciar ... sinergias e contribuir para uma sociedade equilibrada e uma vida humana em harmonia com o meio envolvente.» Em particular, procura «interligar projectos que nas suas actividades promovam a reflexão e tomada de consciência por parte de cada ser humano do seu papel na sociedade e na natureza, estimulando uma atitude crítica, construtiva, activa e emancipada»<sup>38</sup>. Os objetivos da equipa por trás desta rede que funciona totalmente de forma voluntária, apesar de ser coordenada por vários jovens investigadores, são dois:

- *dar a conhecer, às pessoas que já estão envolvidas, o movimento silencioso que tem vindo a acontecer em Portugal de inúmeras iniciativas e projectos de diversas identidades, no sentido de criar uma rede de cooperação.*
- *integrar novas pessoas que se sintam motivadas a contribuir para uma convergência global e que, para isso, precisem de conhecer iniciativas e projectos concretos a acontecer ao seu redor.*<sup>39</sup>

Nesta rede estão então mapeados projetos e iniciativas «cuja actividade procure contribuir para um maior equilíbrio, diversidade e interdependência dos indivíduos, promovendo uma maior harmonia entre os seres humanos (e suas gerações) e entre estes e o seu meio ambiente»<sup>40</sup>. Cada projeto interessado em fazer parte da rede preenche e envia um inquérito *online* e, se aceite na rede, fica georreferenciado no mapa disponibilizado pelo *website*.

Uma exploração desta plataforma permite perceber que todos os projetos inseridos na Rede Convergir se encaixam na definição de *inovações de base* de Seyfang e Smith usada nesta dissertação. Atualmente a rede conta com 158 iniciativas em território nacional, com atuação em meio urbano e/ou rural, com projetos em áreas tão diversas como permacultura, gestão da terra e da natureza, saúde e bem-estar espiritual, transição, economia e finanças, entre outras<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> <http://www.redeconvergir.net/sobre>

<sup>39</sup> <http://www.redeconvergir.net/sobre>

<sup>40</sup> <http://www.redeconvergir.net/sobre>

<sup>41</sup> <http://www.redeconvergir.net/iniciativas#!lat=39.568&lng=-8.707>

## CAPÍTULO II - METODOLOGIA

Este capítulo divide-se em três pontos. No primeiro descreve-se como foi constituída a amostra de iniciativas estudadas, desde a identificação do universo até à seleção dos nove projetos. No segundo relata-se o trabalho subjacente à elaboração dos questionários e como estes foram conduzidos. No terceiro esclarece-se como foi tratada a informação obtida através das entrevistas.

### 2.1. A constituição da amostra de iniciativas

Para formar uma ideia do universo do estudo e definir uma amostra de iniciativas de base compararam-se os seguintes *websites*:

- Rede Portuguesa de Eco-aldeias<sup>42</sup> (<http://portugal.ecovillage.org/>);
- Rede Convergir (<http://www.redeconvergir.net/>);
- Rede Global de Eco-aldeias ([gen.ecovillage.org](http://gen.ecovillage.org/));
- Fraternidade para a Comunidade Intencional<sup>43</sup> ([www.ic.org](http://www.ic.org/));
- Rede Transição internacional (<https://www.transitionnetwork.org/>);
- Rede Transição nacional (<http://transicaoportugal.net/>);
- Rede TPP<sup>44</sup> (<http://permaculturaportugal.ning.com/>);
- Earth Neighbours Portugal<sup>45</sup> (<http://earth-neighbours.com/>);
- WWOOF Portugal<sup>46</sup> (<http://www.woof.pt/home/>).

Chegou-se a estes *websites* via busca *online* com as palavras-chave «eco-aldeias», «eco-comunidades», «comunidades intencionais», «iniciativas transição», «movimento transição» e «permacultura». Após comparação dos vários *websites* consultados, foi escolhido o *website* da Rede Convergir como base de dados para a escolha da amostra. Este foi então consultado pela primeira vez a 10 de maio de 2015, altura em que contava com 133 projetos inscritos.

Para a constituição da amostra de iniciativas de base fez-se num primeiro momento uma lista de iniciativas que cumpriam os seguintes critérios: estar presente na Rede Convergir; ter como área de

---

<sup>42</sup> A Rede Portuguesa de Eco-aldeias integrava as eco-aldeias existentes em Portugal. O *website* encontra-se em reestruturação desde novembro de 2012, sendo o leitor direcionado em alternativa para o *website* da Rede Convergir.

<sup>43</sup> A Fraternidade para a Comunidade Intencional é uma organização sem fins lucrativos dedicada à promoção de uma cultura de cooperação, acreditando que as comunidades intencionais podem ser pioneiras de uma evolução social, transformação pessoal e cultural e de estilos de vida sustentáveis. Fornece informação para aqueles que procuram comunidades, enfrentam dificuldades na formação de comunidades ou querem desenvolver um sentido de comunidade.

<sup>44</sup> A Rede TPP define-se como uma rede social especializada na facilitação de vida a empreendedores de transição para a sustentabilidade, impulsionando em especial a permacultura como filosofia e método de *design*.

<sup>45</sup> A Earth Neighbours Portugal liga pessoas que querem recuperar terrenos abandonados e sentem a necessidade de trabalhar em comunidade e sinergia com projetos sustentáveis semelhantes, criando desta forma bairros regenerados.

<sup>46</sup> O WWOOF é um programa de intercâmbio global, em que voluntários encontram um espaço para experienciar a agricultura biológica, a permacultura, a construção ecológica e outras técnicas amigas do ambiente a troco de alimentação e alojamento.

atuação o meio rural, de acordo com os objetivos do trabalho; autodenominar-se de «comunidade» ou «eco-aldeia» ou intencionar constituir uma no futuro, dado o objetivo de estudar experiências de possíveis sociedades futuras. A esta lista acrescentaram-se depois projetos que, não cumprindo o último critério enunciado de acordo com a informação disponibilizada no *website* da Rede Convergir, se sabia por outras fontes (reportagens na imprensa, vídeos na internet, conhecimento prévio) que eram comunidades ou eco-aldeias. A partir desta lista usou-se a categorização em que as iniciativas se auto classificam quando se inscrevem na Rede Convergir para representar a diversidade de projetos. Assim, escolheu-se um projeto por categoria (ver legenda da Figura 0-2), com exceção de duas categorias muito pouco representadas (1,4% das iniciativas: «Espaço construído» e «Ferramentas e tecnologias»). Nesta escolha foi tida também em conta a distância do local da iniciativa a Lisboa e das iniciativas entre si, de modo a diminuir os custos associados às viagens, e a abertura dos responsáveis do projeto para dar entrevistas. Por último, à amostra selecionada foram adicionados quatro projetos que, não cumprindo um ou mais critérios, acrescentavam informação sobre os novos paradigmas a desenvolverem-se em Portugal. Assim, na amostra inicial contava-se um total de 12 projetos que teriam de ser visitados e cujos membros teriam de ser entrevistados. Por motivos de confidencialidade os nomes verdadeiros destes projetos serão substituídos pelo nome da categoria em que as iniciativas se auto classificam na Rede Convergir. Dadas as suas missões, renomearam-se o projeto da categoria «Outros» para *Sensibilização e educação* e a única iniciativa ausente na rede para *Regeneração rural*. Uma lista das iniciativas de base da amostra e a sua localização aproximada podem ser consultadas em baixo (Figura 0-2). Por razões que se explicam à frente, as iniciativas 10, 11 e 12 não vieram a fazer parte da amostra final.

Figura 2 – Lista das iniciativas de base da amostra e sua localização aproximada.



## 2.2. A elaboração dos questionários e a realização do inquérito

Para dar resposta às perguntas de investigação referidas anteriormente, foram elaborados dois questionários por questões fechadas e abertas:

- A *Ficha de identificação e caracterização da iniciativa* (Anexo 1)
- A *Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário* (Anexo 2)

A *Ficha de identificação e caracterização da iniciativa* a aplicar ao líder/ coordenador da iniciativa, sempre que possível, dividia-se em cinco secções: A iniciativa (A), As atividades desenvolvidas (B), A organização (C), Recursos (D), As práticas ambientais (E). Esta organização e a escolha das perguntas tiveram por base um levantamento exaustivo na literatura de transição consultada (Geels e Schot, 2007; Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst 2013; Feola e Nunes, 2014; Dóci *et al.*, 2015; Longhurst, 2015), por um lado, dos fatores que promovem o crescimento e expansão das iniciativas e do nicho (*fatores de sucesso*) (Anexo 3) e, por outro lado, dos indicadores que podem ser utilizados para medir esse crescimento e expansão (*indicadores de sucesso*) (Anexo 4). Na secção E (As práticas ambientais) avaliaram-se as práticas relativas à poupança, conservação e gestão da água e da energia, à redução dos resíduos, à proteção e restauração da biodiversidade e ecossistemas, à utilização de transportes e à dieta e medicina praticadas dentro das iniciativas. Esta secção foi construída utilizando o questionário de avaliação de sustentabilidade de uma eco-aldeia fornecido pela GEN aos seus membros<sup>47</sup>, o questionário para medir a pegada ecológica individual disponibilizado *online* pela GFN (Global Footprint Network)<sup>48</sup>, recomendações várias direcionadas ao público em geral encontradas nos *websites* da EPA (United States Environmental Protection Agency)<sup>49</sup>, da Sustainable Build<sup>50</sup> e da Biodivcanada<sup>51</sup> e ainda estratégias do conhecimento da própria autora. Esta avaliação ambiental não pretendeu ser de algum modo exaustiva, mas possibilitou compreender a presença ou ausência de preocupações ambientais dentro de cada iniciativa, permitindo uma avaliação simples da sustentabilidade ambiental dos vários projetos. Também se analisaram as práticas sociais, económicas e espirituais das iniciativas. As primeiras visavam compreender como a vida pessoal e coletiva é gerida, as diferentes gerações integradas, as decisões tomadas e os conflitos resolvidos dentro das iniciativas. Obtiveram-se ainda informações acerca de como cada iniciativa se financia, se gera rendimento próprio, como paga as suas despesas e distribui os seus rendimentos. No que diz respeito às práticas espirituais, não existia nos questionários uma pergunta específica sobre o tema. As conclusões retiradas baseiam-se de uma forma geral na análise de conteúdo do discurso do(s) líder(es), ou seus representantes, e ainda em algumas informações fornecidas pelos entrevistados. A *Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário*, que apresentava ligeiras variações conforme se dirigisse a um membro do projeto ou a um voluntário/ estagiário, estruturava-se igualmente em cinco secções: Informações pessoais (A), Informações sobre o envolvimento na iniciativa (B), Motivações (C), Expectativas (D), Visão do mundo (E). Este inquérito visava recolher dados sociodemográficos gerais, as motivações dos indivíduos para se envolverem na iniciativa, corroborar as afirmações do líder/coordenador no respeitante às práticas ambientais, sociais e outras, completar a informação relativa aos fatores de sucesso presentes ou ausentes no projeto e ainda tentar captar algumas das características da visão do mundo de cada indivíduo entrevistado. Os dois questionários foram testados durante a visita à

<sup>47</sup> Disponível *online* em <http://gen.ecovillage.org>.

<sup>48</sup> Disponível *online* em <http://www.footprintnetwork.org/pt/index.php/GFN>.

<sup>49</sup> Disponíveis *online* em <http://www3.epa.gov>.

<sup>50</sup> Disponível *online* em <http://www.sustainablebuild.co.uk/InsulationMaterials.html>.

<sup>51</sup> Disponível *online* em <http://www.biodivcanada.ca>.

iniciativa *Sensibilização e educação*, sendo posteriormente reorganizados e algumas perguntas clarificadas.

As iniciativas selecionadas foram inicialmente contactadas por telefone através dos números disponíveis no *website* da Rede Convergir e, após a confirmação do interesse e abertura para uma entrevista, um e-mail foi enviado repetindo as informações já fornecidas no primeiro contacto e pedindo o agendamento de uma possível entrevista ao(s) líder(es) do projeto e membros que estivessem disponíveis. O agendamento das visitas e entrevistas foi efetuado por e-mail. Todas as iniciativas se mostraram disponíveis para as entrevistas, mas três delas – *Cultura e Educação*, *Transição\_2* e *Permacultura\_2* - adiaram recorrentemente as datas para a visita e não responderam a vários e-mails ou telefonemas, pelo que foi impossível visitá-las. Contudo, o líder da *Permacultura\_2* preencheu e enviou por e-mail o questionário *Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário* e os seus dados foram incluídos na análise.

As visitas às iniciativas realizaram-se entre 21 de julho e 24 de outubro de 2015. Na iniciativa *Saúde e bem-estar* a autora pernitoou duas noites e as iniciativas *Regeneração rural*, *Gestão da Terra e Natureza\_1*, *Uso da Terra e Comunidade* e *Gestão da Terra e Natureza\_2* foram visitadas entre duas a três vezes, uma tarde ou um dia inteiro, o que permitiu, não só conduzir as entrevistas, mas também retirar conclusões acerca da filosofia e do funcionamento dos projetos por observação direta ou através de conversas informais tidas com os membros (por exemplo, durante as refeições conjuntas). Em cada iniciativa foram entrevistados presencialmente entre 1 a 9 indivíduos de acordo com a disponibilidade geral dos mesmos ou de acordo com as indicações do líder ou coordenador. As entrevistas foram conduzidas em português ou inglês conforme a nacionalidade do entrevistado e duravam cerca de 1h a uma 1h30m. Antes de dar início à entrevista, o inquirido era informado acerca do tema e objetivo do trabalho, da estrutura da entrevista, da sua duração e de que esta seria registada por escrito pela autora e também gravada (áudio apenas) para posterior consulta. Para além disso, por forma a garantir respostas o mais sinceras possível, era referido que não existiam respostas certas ou erradas e que todos os dados fornecidos seriam mantidos confidenciais, razão pela qual os entrevistados não são identificados em momento algum ao longo desta dissertação. Em três casos os questionários foram preenchidos parcialmente ou na totalidade na ausência da autora e as informações enviadas por e-mail por motivos de falta de tempo dos líderes. Uma das entrevistas teve que ser dividida em três visitas diferentes, sendo que apenas a segunda foi gravada, pois não existiam condições sonoras apropriadas para gravação nas outras duas.

### 2.3. O tratamento da informação

Para investigar o tipo de paradigma ou paradigmas que se vivem nas iniciativas de base estudadas analisaram-se as visões do mundo defendidas pelos seus líderes e membros. A apreciação das visões do mundo fez-se em dois passos: a visão do mundo dos líderes das iniciativas (ou seus representantes) e a visão do mundo dos participantes entrevistados. Para tal, utilizaram-se técnicas distintas. No primeiro caso recorreu-se à análise de conteúdo das questões abertas 2 e 3 da *Ficha de*

*identificação e caracterização da iniciativa* <sup>52</sup>. A análise de conteúdo efetuada teve por base cinco grelhas de análise referentes a cinco visões do mundo distintas identificadas na literatura de referência: Iluminismo, Romantismo, Pós-romantismo, Paradigma do crescimento económico e Espiritualidade contemporânea (Anexo 5). Estas grelhas foram construídas de acordo com as cinco dimensões definidas por Hedlund-de Witt (2012) no seu modelo *Integrative Worldview Framework* – ontologia, epistemologia, axiologia, antropologia e visão societal – para operacionalizar o conceito de visão do mundo num contexto de investigação empírica. Ainda no sentido desta operacionalização, a cada dimensão foram atribuídos valores encontrados na literatura de referência. Estes valores variam, em natureza e número, de paradigma para paradigma. Quando valores novos foram encontrados nos discursos, estes foram igualmente incluídos nas grelhas. Na análise de conteúdo foi apenas tida em conta a presença ou ausência no discurso dos valores de cada categoria. Embora cada visão do mundo possua um número diferente de valores e tenha havido repetições do mesmo valor num mesmo discurso, foi somente contabilizado o número de valores de cada visão do mundo relativamente ao total de valores mencionados pelo respondente no seu discurso. Esta contabilização simples permitiu elaborar fichas de identificação das diferentes visões do mundo presentes em cada iniciativa e quantificar a respetiva representatividade nos discursos (Anexo 6). Na captação das visões do mundo dos respondentes recorreu-se a um conjunto de 26 afirmações selecionadas de um questionário desenvolvido por Hedlund-de Witt, A. *et al.* (2014) com base no modelo *Integrative Worldview Framework*, acompanhado por uma escala de *Likert* (ver *Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário*, Anexo 2). O apuramento destas escalas deu lugar a um quadro que se apresenta no corpo deste estudo, no ponto «Análise de resultados» (Quadro 9).

Os fatores de sucesso foram agrupados em 6 categorias: Gestão das expectativas e visões; Construção de redes; Processos de aprendizagem; Contexto social local; Disponibilidade de recursos; Perceção da existência de uma crise. A cada categoria foram associadas hipóteses, que foram testadas em cada iniciativa, com base em informação selecionada das respostas às questões da *Ficha de identificação e caracterização da iniciativa* e da *Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário*. De acordo com a ausência, presença e intensidade da presença, assim era atribuída uma pontuação a cada fator. Definiu-se, pois, uma escala de classificação qualitativa, em que 0 pontos eram atribuídos quando o fator em questão estava ausente, 1 ponto quando este estava pouco presente ou presente e 2 pontos quando estava muito presente. Nos casos em que não foi possível apurar a presença ou ausência do fator, este não foi tido em conta no cálculo da média. Deste trabalho resultaram 9 fichas de apuramento de fatores de sucesso, uma para cada iniciativa estudada (Anexo 7), com o somatório da pontuação por categoria de fatores, médias parcelares e a pontuação total para a iniciativa, que foi interpretada como medida do potencial para o sucesso da iniciativa. Os indicadores de sucesso são apresentados por conjuntos definidos de acordo com os três modos de transição sistémica previamente mencionados - *replicação, crescimento em escala e transposição* – com exceção do indicador «Duração». Informação

---

<sup>52</sup> «2. História. Descreva brevemente como teve início esta iniciativa.»; «3. Missão e objetivos. Qual a missão e os objetivos desta iniciativa?»

selecionada das respostas às questões dos inquiridos fundamentou os valores atribuídos aos indicadores. Enquanto a generalidade dos indicadores tem uma escala de medida ordinal – ausente (0 valores) / presente (1 valor) / muito presente (2 valores) («Não sabe» ou «Não responde» são tratados como dado em falta) -, a «Duração» tem uma escala de medida métrica. Posteriormente foi transformada numa escala nominal: 0 se a iniciativa existisse há menos de cinco anos, 1 entre 5 a 10 anos e 2 há mais de 10 anos, permitindo ao indicador integrar o índice de sucesso. 9 fichas de apuramento dos indicadores de sucesso por iniciativa resultaram deste trabalho (Anexo 8), tendo sido quantificados os somatórios por conjunto de indicador, médias parcelares e a pontuação total, interpretada como medida do sucesso da iniciativa. Também neste caso, quando não foi possível apurar a presença ou ausência do fator, este não foi tido em conta no cálculo da média.

Na avaliação das práticas ambientais e em especial no caso da água, energia, resíduos e biodiversidade e ecossistemas solicitou-se ao inquirido que respondesse se as estratégias pré-definidas apresentadas em lista na *Ficha de identificação e caracterização da iniciativa* (Anexo 1) eram aplicadas. Para facilitar a comparação entre iniciativas, procedeu-se à contagem das estratégias aplicadas e dividiu-se o número obtido pelo total das estratégias aplicáveis. Sempre que possível foram utilizadas as informações fornecidas pelos membros, voluntários e estagiários acerca das práticas ambientais para corroborar as respostas do(s) líder(es) ou seus representantes. Foi ainda feito o levantamento dos meios de transporte, dieta praticada, percentagem de alimento produzido para consumo próprio, modo de agricultura e tipo de medicina utilizados em cada projeto.

## CAPÍTULO III – ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados serão, de seguida, apresentados em três pontos. Num primeiro ponto caracterizar-se-ão as iniciativas, num segundo, as pessoas entrevistadas e, num terceiro, avaliar-se-á o sucesso das iniciativas em estudo.

### 3.1. Caracterização das iniciativas. Histórias, visões do mundo e práticas.

Neste ponto dá-se a conhecer a história de cada iniciativa pelas palavras dos seus líderes, analisando-se ainda os indivíduos que as constituem e as visões do mundo que as influenciam. Seguidamente os projetos são comparados relativamente às visões do mundo por que se regem e às práticas ambientais, sociais, económicas e espirituais que implementam.

#### 3.1.1. Nove histórias na primeira pessoa

##### *Economia e Finanças*

*Economia e Finanças* é uma iniciativa fundada em 2011, em Lisboa, por cerca de 22 pessoas que já se conheciam de uma fundação de nome *Anandamarga*, dedicada ao desenvolvimento psico-espiritual do ser humano. Com a missão de *conhecer, divulgar e promover a PROUT e sistemas de democracia económica em todas as dimensões da sociedade portuguesa* (entrevista), *Economia e Finanças* representa a organização Proutist Universal em Portugal. Esta organização foi fundada pelo filósofo indiano Prabhat Ranjan Sarkar (1921–1990) em 1959 e tem como objetivo promover e implementar uma teoria socioeconómica chamada PROUT, no português Teoria de Utilização Progressiva. Não sendo um modelo rígido a ser imposto à sociedade, a PROUT é um conjunto holístico de conceitos dinâmicos que pode ser aplicado pelos seus cidadãos ou líderes a regiões ou países para que estes possam prosperar e atingir a autossuficiência económica de uma forma ecológica. A PROUT promove assim a autossuficiência económica, as cooperativas, o equilíbrio ecológico e os valores espirituais universais, sendo o seu objetivo essencial a libertação económica, ou seja, a libertação dos problemas mundanos para que haja mais oportunidades para uma libertação intelectual e espiritual. A PROUT propõe a máxima utilização e distribuição racional de todos os recursos naturais e humanos, por forma a garantir o progresso máximo do indivíduo e do coletivo e a satisfação das necessidades mínimas de todos, partindo do princípio que o *know-how* tecnológico para proporcionar uma vida digna e ainda proteger o ambiente já existe (Maheshvarananda e Branch, 2010).

*Economia e Finanças* inicia os seus trabalhos quando rebenta a crise em Portugal e é nesse contexto que participa nas manifestações contra a *TROIKA* e organiza a conferência *Revolucionar Portugal – Um outro mundo é possível* em 2012. Dedicar-se maioritariamente a atividades de formação e divulgação em temas como a vida em comunidade, economia e finanças éticas, sociocracia e PROUT em geral. Ao longo dos quatro anos de funcionamento houve um desinteresse por parte das pessoas envolvidas no projeto e este passou a depender cada vez mais do seu coordenador. Atualmente, o projeto encontra-se em *stand-by*, sem espaço físico próprio, com o *website* desativado à altura do

trabalho de campo e o seu coordenador tenciona passar a responsabilidade a outros membros interessados.

Tendo sido apenas entrevistado um membro deste projeto, não se faz uma análise do perfil dos indivíduos que o constituem.

Analisando o discurso do líder de *Economia e Finanças* podemos reconhecer nele essencialmente elementos das visões do mundo da espiritualidade contemporânea e do romantismo. No caso da espiritualidade contemporânea, o líder refere que *estamos a fechar um ciclo civilizacional e a iniciar um outro paradigma, estamos numa perspetiva de caos ... é necessário que se chegue ao caos para vir a ordem ... quando o caos rebenta, só depois valores de origem, da essência das coisas é que vão vir ao de cima porque são esses os valores perenes. E é disto que estamos aqui a falar e Prout é mesmo isto, é a perspetiva espiritual da coisa*. Contudo, de acordo com o mesmo, a implementação deste novo paradigma encontra dificuldades relacionadas com a ausência de reflexão do papel do indivíduo no mundo e na comunidade e com o ego dos portugueses: *Porque é que não temos voluntários para estas questões das políticas? Porque isto dá imenso trabalho, exige uma visão mais ampla da sociedade, uma capacidade de relacionar quem eu sou e qual o meu papel na vida e qual é o papel daquela função que vai servir toda a comunidade ... depois entramos naquela dos egos dos portugueses e «ah, aquilo não é o meu projeto, então não vou apoiar»*. Existe ainda no seu discurso um sentido agudo de crise que este classifica como *uma crise de consciência global* e que a revolução está a ocorrer da base para o topo (*Claro que estamos num movimento de transição neste momento, estamos a viver épocas completamente heróicas, mas já não há heróis, há é comunidades de heróis e que se estão a reunir para estabelecer na Terra uma nova visão do que é viver em sociedade*). No que diz respeito ao Romantismo parece haver uma predileção pelo oculto, sob a forma do interesse do líder pela astrologia e uma rejeição da racionalidade, uma vez que as crises internas da iniciativa são percecionadas por ele como sendo um reflexo de acontecimentos astrológicos e não de fatores internos ao projeto ou a condições externas: *Aos 4 anos de tudo há sempre uma crise, que é a quadratura do ciclo ... O nosso site está um caos, são mesmo os ciclos a confirmarem as coisas*. A cultura chinesa é ainda mencionada como uma fonte de conhecimento: *... já os sábios chineses diziam que é necessário que se chegue ao caos para vir a ordem*. Finalmente existe um apontamento característico da visão do mundo associada ao crescimento económico e que diz respeito à necessidade que o líder tem de ser pago em dinheiro para aumentar o seu bem-estar e desenvolver o projeto: *... faço isto tudo voluntariamente e está a ocupar muito tempo da minha vida e não estou a ter tempo e dinheiro para conjugar tudo... Não é que queira ganhar muito, mas todos nós temos despesas e sabemos como é que é...* É interessante observar que no seu discurso não existiu nenhuma referência aos problemas ambientais, nem à relação entre o homem e a natureza, ideias muito trabalhadas na teoria PROUT. Foram mais focados os aspetos sociais e económicos do PROUT, com referências à filosofia neo-humanista, sociocracia, economia solidária, democracia económica, mas em momento algum o líder esclareceu o que cada um destes conceitos significava.

### *Saúde e bem-estar espiritual*

A iniciativa *Saúde e bem-estar espiritual* foi fundada em 2007 no concelho de Arganil, por um casal britânico e americano que já se conheciam por terem pertencido a uma comunidade espiritual nos Estados Unidos da América. Chegaram a Portugal porque procuravam terreno para comprar e criar um projeto. Inicialmente a ideia era criar um lugar onde pudessem conduzir retiros e dar formações, mas com o tempo criou-se uma pequena comunidade de 3 casais que vivem permanentemente no local e um movimento de cerca de 50 pessoas que partilha a filosofia de vida dos fundadores. Estas pessoas têm normalmente o primeiro contacto com o projeto através de alguma das atividades oferecidas para o exterior – retiros de meditação, grupos de mulheres e homens, estágios de permacultura, cursos intensivos de transformação, palestras, cursos sobre espiritualidade evolutiva – e permanecem ligadas, ou frequentando as atividades periódicas ou fazendo um período de voluntariado ou até iniciando novos pequenos projetos com base na mesma filosofia. A missão desta iniciativa é a *evolução da consciência e da cultura em harmonia com a rede de vida ecológica*, tendo como objetivos principais a criação de um lugar que seja a expressão da mudança que querem ver no mundo, englobando 3 dimensões: *a evolução espiritual dos indivíduos, a criação de uma nova cultura e a harmonia com a rede de vida ecológica*. Defendem que essa nova cultura terá de ser baseada numa comunicação «desperta», em que se comunique dentro das relações de forma *clara, autêntica e profunda* e se ouça o outro sem suposições, permitindo *ser criativos em conjunto, lidar com o conflito de novas formas, partilhar entendimentos* e sendo *capazes de se porem na perspetiva do outro* (entrevista, tradução da autora). Esse tipo de comunicação envolve um processo de crescimento que é desenvolvido na iniciativa através da meditação e da destruição do ego. Esta nova cultura «desperta» tem, de acordo com os líderes, uma visão do mundo associada que vai para lá das três visões do mundo presentes atualmente na cultura europeia – tradicional, moderna e pós-moderna – e representa um novo passo na evolução cultural humana.

Todos os membros residentes, permanentes (6) e temporários ou voluntários (3) foram entrevistados. Maioritariamente são europeus (e britânicos), nasceram e cresceram em meio urbano, pertencem a dois grupos etários distintos (os líderes têm mais de 50 anos, os restantes possuem idades entre os 29 e os 41 anos), sendo o grupo constituído por 6 mulheres e 3 homens, proporção que também existe no resto do movimento, de acordo com o líder. Os níveis de escolaridade entre os membros são altos (mínimo 12<sup>o</sup> ano, com frequência universitária) e principalmente em áreas de especialização ambientais ou sociais. Todos os membros possuem experiência prévia em projetos semelhantes, especialmente de cariz comunitária, ecológica e espiritual.

O discurso dos líderes apresenta bastantes elementos da visão do mundo da espiritualidade contemporânea, com alguns elementos pontuais da visão pós-romântica. Relativamente aos aspetos da espiritualidade contemporânea, os líderes do projeto são motivados por um sentido de *propósito maior* de exemplificar, ao nível individual e coletivo, a mudança que desejam ver no mundo. Acreditam que essa mudança terá de começar por uma transição interior individual, que contribuirá subsequentemente para uma mudança no coletivo, criando-se uma nova cultura. A mudança interna exigirá um trabalho de transcendência do ego – que é fonte de *limitação e separação* na cultura atual. Como refere o líder: ... *é a nossa convicção que uma mudança externa não mudará realmente nada a*

*menos que haja uma mudança ou transição interna ... Se queremos criar ... uma nova civilização ... temos de nos tornar seres humanos sustentáveis ... temos que nos dar bem e encontrar um propósito maior ... a vida desperta é quando acordamos do ... sonho do pequeno mundo do «eu» ... dos «meus» desejos e dos «meus» medos e daquilo que é bom para «mim», o que é obviamente alimentado e encorajado pela nossa civilização ocidental ... temos que ir para além disto.* Existe ainda no discurso dos líderes uma noção de estarmos perante uma crise global, *uma crise de confiança ... e uma crise de propósito, especialmente nas sociedades mais ocidentais ... os valores do mundo moderno, materialista, científico, racional ... esse paradigma que é o paradigma dominante ... já não está a funcionar.* Os problemas derivados dessa crise não poderão ser resolvidos *a partir do mesmo nível de consciência que os criou...* é necessária *uma evolução da consciência, não só individual, mas também coletiva.* Este discurso está ainda muito marcado pelo sentido de ética de serviço e responsabilidade pelos outros e também pela Terra, uma vez que a mudança de cultura implica igualmente uma vida em harmonia com a natureza, aspeto tipicamente pós-romântico: *a dimensão ecológica é muito importante... envolve o que comemos, somos muito conscientes de onde as coisas vêm ... queríamos viver com uma pegada o mais leve possível.* O projeto é também definido como um local de experimentação e demonstração onde se pretende criar algo inovador e diferente do que já existe dentro do paradigma dominante: *estamos a experimentar ... o que acontece entre pessoas quando estas se juntam. ... o que é criado no espaço entre os indivíduos... o que chamamos o «espaço-nós» em vez do «espaço-eu».* A crença de que é possível criarem uma cultura totalmente nova a partir de um pequeno projeto mostra também que a revolução cultural que defendem pode ser desenvolvida da base para o topo.

### *Regeneração rural*

O projeto *Regeneração rural* está localizado no concelho de Fornos de Algodres e teve início em 2008 por iniciativa de um casal britânico, homeopatas de profissão, que queriam comprar terreno e criar um espaço em que o ambiente fosse saudável e servisse de *remédio ambiental* para as pessoas. A vontade era tornar o terreno *totalmente biológico, reflorestá-lo, construir residências de forma natural, ter água e ar limpos, uma pequena escola onde as crianças não tivessem de ser vacinadas* (entrevista). Essa possibilidade surgiu em Portugal, quando o casal adquiriu uma propriedade de 100 ha. O projeto atraiu imediatamente várias pessoas britânicas que vieram para Portugal com os fundadores com a intenção de criar uma comunidade. Durante os primeiros anos de vida do projeto, os líderes tiveram dificuldades em conciliar a sua visão com as expectativas das pessoas que os tinham seguido. Enquanto os líderes queriam fazer um projeto aberto à comunidade local, que a beneficiasse acima de tudo, os seguidores estavam mais interessados em formar uma comunidade fechada. Assim, durante cerca de 6 anos o projeto não arrancou por causa dos conflitos internos e só quando os seguidores abandonaram o projeto é que os fundadores conseguiram regressar à sua visão original. Hoje o projeto conta com a mesma propriedade com que teve início, que está dividida em três áreas distintas: uma área principal que inclui um mosteiro do século XVII, jardins e floresta; uma área junto ao rio; e uma área a 800m de altitude. Estas áreas estão hoje classificadas como Zonas de Biodiversidade, no quadro de um protocolo celebrado com a Câmara Municipal local, que incluiu a concordância do grupo local

de caça de deixar de lá caçar. Apesar de serem zonas de preservação de biodiversidade, o objetivo não é mantê-las fechadas à população, mas construir um Centro de Paz com florestas e jardins, uma Vila de Artesãos com residências ecológicas, um restaurante, um parque de campismo, uma loja ecológica e uma quinta onde se possam realizar eventos e reuniões. Estas infraestruturas visariam atrair pessoas para a região e contribuir para uma regeneração rural. Contudo, mesmo já tendo obtido as licenças de construção e restauração para muitas destas ações, o projeto ainda procura financiamento e, até ao momento, apenas algumas pessoas compraram terrenos na propriedade, onde vivem de forma tão simples quanto possível e em harmonia com a natureza. Desenvolvem algumas atividades de agricultura biológica e permacultura com a escola local e recebem alguns voluntários, por períodos limitados, que ajudam a cuidar da horta e a manter o espaço principal. A missão atual do projeto pode, de acordo com os líderes, ser resumida pelas palavras *Biodiversidade, Saúde, Educação*, sendo os grandes objetivos a regeneração rural – ecológica e económica – e a *reconexão das pessoas com elas próprias e com a natureza em particular*. Consideram que o modelo que usam é *integrativo*, isto é, *não conflituoso*, que não se ocupa de quem está certo ou errado, nem exclui qualquer grupo, mas que *atinge um ponto onde todos podem viver em conjunto*. Pretendem, pois, envolver múltiplos atores no seu projeto ao invés de *criar uma plataforma ... arrogante, com uma agenda própria, apenas estimuladora de mais conflito e mais dualidade e esse não é o [seu] desejo* (entrevista, tradução da autora).

Nesta iniciativa foram entrevistadas 6 pessoas dos atuais 100 membros do projeto, em que quatro eram residentes, um deles um voluntário de longa duração. Na sua maioria têm nacionalidade britânica e origem cidadina. A idade média do grupo é de 49,5 anos, com 4 elementos com idades entre os 49 e os 60 anos. A maior parte dos elementos possui uma licenciatura na área social ou ambiental e ainda formação profissional em homeopatia, yoga ou artes, para além de muita experiência em espiritualidades, ambiente e vida em comunidade. Apenas duas das pessoas entrevistadas nunca tinham estado em projetos semelhantes antes de se envolverem na iniciativa. À exceção do voluntário e de uma reformada, todos trabalham em regime de *part-time*, e o tempo dedicado ao projeto por cada elemento varia bastante, entre menos de 5h por semana a mais de 40h.

Quanto ao discurso dos líderes de *Regeneração rural*, este está marcado por bastantes elementos das visões do mundo da espiritualidade contemporânea e do pós-romantismo, existindo ainda alguns elementos pontuais do romantismo. Quanto à espiritualidade contemporânea, existe nesta iniciativa um sentido agudo de urgência em relação à crise ambiental global (... *as alterações climáticas indicam que não temos mais de 20 anos até haver um colapso severo do nosso paradigma social e económico ... está a colapsar... não tem qualquer futuro*), o que motivou os líderes a dedicarem os últimos anos da sua vida a uma missão, mostrando uma ética de serviço e profunda noção de responsabilidade pelos outros e a Terra: *Cheguei aos meus 54 anos... e pensei que teria talvez 25 anos úteis... a que quero dedicar a minha vida? Tenho que encontrar um local onde possa praticar [as minhas competências relacionadas com a medicina, ecologia e natureza] e convidar pessoas a vir e a juntar-se a nós... a humanidade desligou-se da natureza ... as pessoas comportam-se como ... se a sua vida não estivesse sujeita às leis da natureza. Isto é uma perturbação ... ajudar na reconexão é central para a cura ...da Terra. E nós vemos o nosso trabalho como uma tentativa de fazer parte dessa*

*reconexão. É a nossa maior missão. Acreditam que uma mudança de comportamento externo requer uma mudança interna no indivíduo e que essa mudança afetará o resto da sociedade, como se lê na seguinte afirmação: Estamos a encorajar as pessoas a compreender a mudança que têm de fazer no seu interior e a mudança que querem fazer na sua vida ... e isto para toda a Terra. De acordo com os líderes, a mudança de paradigma necessária para dar resposta às alterações climáticas deve ter início nos cidadãos (bottom-up): O que tem de acontecer é que os governos do mundo têm de ser ... impelidos ... por um movimento de pessoas a fechar a indústria de combustíveis fósseis e a reinvestir num modelo completamente diferente para criar energia ... e reavaliar muitos aspetos da nossa educação ... da saúde ... do trabalho. Como elementos pós-românticos do discurso temos a crença de que a humanidade faz parte de uma ordem natural maior (a natureza) com a qual deve viver em harmonia (a humanidade desligou-se da natureza ... as pessoas comportam-se como ... se a sua vida não estivesse sujeita às leis da natureza. Isto é uma perturbação. (...) A lei deveria estar em harmonia com a natureza. Se a lei está em conflito com a natureza, não é lei, é apenas uma invenção) e de que o ser humano tem de estar em sincronia com a natureza para ter acesso a conhecimento (o movimento global... que surgirá naturalmente porque é tempo disso e porque a natureza guiar-nos-á). Além disso, os líderes também explicam como a resolução dos problemas ecológicos deverá centrar-se na compreensão da relação entre os homens, o homem e o ambiente e o homem e a Terra: Temos de dedicar a nossa energia a encorajar e apoiar uma forma diferente de compreender a nossa relação com o ambiente, com a Terra, as ligações pessoais.*

### Gestão da Terra e Natureza\_1

*Gestão da Terra e da Natureza\_1* é uma iniciativa que teve início em 2013 no concelho de Vila Velha de Ródão por iniciativa do seu atual líder, que perdeu todo o dinheiro que juntara ao longo de anos de trabalho, na sequência de um desentendimento com os parceiros de um negócio em que esteve envolvido. A partir desse momento, este decidiu refazer a sua ética e alterar a forma de viver. Juntou-se a mais pessoas para poder ter financiamento e, com mais um amigo, deu início a um projeto rural, com várias valências – produção agrícola, turismo, educação, saúde e outros serviços – e o objetivo de garantir a própria produção de energia, alimento e rendimento. Arrendou um terreno com 40 ha, mais tarde aumentado para 180 ha, 90 dos quais se localizam em pleno Parque Natural do Tejo Internacional, para concretizar a visão do projeto. Os dois anos de vida do *Gestão da Terra e da Natureza\_1* foram utilizados para construir infraestruturas de residência, a partir de ruínas pré-existentes, para encontrar financiamento e dar início aos vários projetos que estarão brevemente a funcionar. Constituída legalmente como uma sociedade por quotas, a iniciativa associa mais de 20 empresas, cada uma responsável por um projeto financiado pelo Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER), por capitais próprios e por empréstimos bancários. Foi assim capaz de dar início a 24 projetos, entre os quais se contam a construção de um parque de campismo rural ecológico, estufas para a produção biológica de cogumelos *shitake*, produção biológica de frutos silvestres e azeitona, instalação de painéis solares e um sistema de biomassa para total autossuficiência energética e a construção de duas barragens para autossuficiência em água. Não oferecendo ainda qualquer atividade para o exterior, a *Gestão da Terra e da Natureza\_1* conta com 50 membros, dos quais 20 são

sócios, responsáveis pelas 24 empresas, e 30, trabalhadores remunerados contratados a tempo inteiro para concretizar a visão. Com a missão de *criar todas as condições para que através da sabedoria, da criatividade e do amor se consiga fixar as pessoas à terra e criar um estado dentro do Estado*, esta iniciativa visa mostrar que é possível ser rentável e ambientalmente e socialmente sustentável (entrevista).

Aquando da visita ao projeto foram entrevistados 2 voluntários e 4 membros. Maioritariamente portugueses e de origem urbana distribuíam-se pela faixa etária dos 20 aos 50 anos, eram solteiros ou divorciados e possuíam níveis de escolaridade altos – todos com o 12º ano completo e frequência universitária, e um com uma licenciatura concluída. Metade dos entrevistados está envolvido há pelo menos um ano, mas poucos tinham participado em projetos semelhantes anteriormente. Dos 6 entrevistados, apenas um era mulher, e foi possível observar que a maioria dos trabalhadores e residentes era do género masculino.

O discurso do líder da *Gestão da Terra e da Natureza\_1* é rico em elementos das visões do mundo associadas ao iluminismo, ao paradigma do crescimento económico e da espiritualidade contemporânea. No que diz respeito às influências iluministas, refira-se o carácter marcadamente racional do discurso, nomeadamente no que diz respeito à forma como um planeamento adequado levará o projeto a um sucesso garantido. Outros elementos iluministas incluem o objetivo de criar um projeto que garanta todas as necessidades básicas para a sobrevivência dos residentes e um espaço onde cada um tenha liberdade para fazer escolhas múltiplas, podendo assumir o controlo da sua vida, e ainda a vontade de partilhar o conhecimento adquirido. Ao nível axiológico, o discurso está muito pontuado por afirmações que revelam uma forte identificação da qualidade de vida com ideias típicas do paradigma do crescimento económico: o dinheiro é um bem essencial, é importante o projeto ser rentável, competitivo e capaz de entrar no mercado. Esse é o meio para conseguir atingir o fim último do projeto de capacitar as pessoas a tomar decisões sobre as suas vidas. Como sublinha o líder, *a missão é ... mostrar que é possível inserir-nos num contexto económico real, atual, competitivo, entrarmos no mercado, mas depois empoderar as pessoas a tomar as decisões sobre as suas folgas, o seu ordenado, vamos... incluir tudo isso numa lógica de trabalho real, de contexto real, com recursos escassos que têm de ser geridos por todos*. Em relação aos elementos da espiritualidade contemporânea, está patente no discurso do líder a ética de serviço e profunda noção de responsabilidade pelos outros e pela Terra quando este diz: *O objetivo é mostrar que pode fazer-se uma economia alternativa, com outro respeito pelas pessoas, pelos alimentos e pelos recursos*. E ainda a confiança de que uma revolução cultural da base para o topo é possível e necessária: *É preciso muitos Gestão da Terra e Natureza\_1, é preciso uma massa crítica, é preciso uma consciência nova, mas também é preciso projetos no terreno, tal como nós somos*. Apesar de percecionar o projeto como uma alternativa ao regime vigente, o líder deixa claro que a iniciativa está dependente do financiamento do sistema dominante: *Eu não conheço dinheiro que circule, que não seja do sistema dominante. ... às vezes temos aqui pessoas que dizem que querem viver sem dinheiro e eu pergunto logo «Tens telemóvel?» «Ah, sim... mas gasto pouco» «Não, mas se queres viver sem dinheiro, como é que tens um telemóvel? Como é que vais do ponto A ao ponto B?» «Vou de boleia.» «Mas, vais no verão, e no inverno...?» Lamento, mas ainda está por me mostrar alguém que faça, de uma forma coerente, aquilo*

que diz... porque eu não acredito nisso. Se me falares nos Masai ou nas tribos da Amazônia, OK. No contexto europeu, seja em que país for, só um, um exemplo, ... eu não conheço.

### *Transição\_1*

*Transição\_1* localiza-se no concelho de Castelo Branco numa propriedade privada de 10 ha. Foi criada em 2013 por uma alemã de 29 anos, mãe solteira com 3 filhos menores de 10 anos. A visão inicial era concretizar o sonho pessoal da fundadora de criar uma vila histórica onde as pessoas pudessem experimentar viver de acordo com diferentes épocas da história da humanidade, ou seja, criar uma linha do tempo dentro do espaço. Esta visão alterou-se apesar de não ter sido esquecida. Atualmente a missão é *restabelecer* no local *um ecossistema funcional* que sustente as pessoas, *criar uma simbiose entre as pessoas e o lugar* e ajudar a terra a regressar ao *seu estado mais saudável e mais estável* (entrevista). A grande força motivadora para o projeto foram os filhos da fundadora, pois esta queria ter um sítio onde vivessem fora do controlo do sistema. Mais recentemente a vontade de descobrir como o indivíduo funciona e como este pode viver em comunidade, algo que a líder considera como o estado mais natural do ser humano, tem sido também uma grande motivação. Apesar da intenção da formação de uma comunidade, a verdade é que a iniciativa não tem sido capaz de atrair outras pessoas que queiram residir permanentemente no local. *Transição\_1* consiste apenas numa autocaravana onde a família vive, numa cozinha e sala exteriores e numa horta. Está aberta a voluntários que ajudam na agricultura, construção e atividades do dia-a-dia a troco de alojamento e alimentação. Estes passam períodos de tempo com a família, mas nunca ficam permanentemente.

Existe apenas um adulto nesta iniciativa pelo que não se analisou o perfil dos indivíduos.

A análise de conteúdo do discurso da líder permitiu detetar vários elementos da espiritualidade contemporânea, do romantismo e alguns valores pós-românticos e iluministas. No que diz respeito à espiritualidade contemporânea, a iniciativa pretende *restabelecer um ecossistema funcional* no espaço que detém, existindo por isso um sentido de crise ambiental, e *ser uma inspiração* para os outros através do exemplo, acreditando que um único pequeno projeto pode ter uma maior influência (e provocar uma revolução *bottom-up*). O projeto pretende operar claramente fora do sistema, com a família a viver fora dele e a recusar a autoridade do mesmo. Esta ideia está bem patente na seguinte explanação: *Não temos uma verdadeira liberdade porque apesar de não querermos nada de ninguém, não recebermos fundos, não recebermos qualquer dinheiro, não pagarmos impostos e não votarmos para alguém nos governar, as autoridades... abusam dos teus filhos porque estes são a tua fraqueza... A primeira coisa que perguntam na entrevista é «Os seus filhos vão à escola?». E, se não cumprires, é muito perigoso... O único poder que qualquer autoridade tem [está] na mente das pessoas. Assim que as pessoas deixarem de acreditar, a autoridade não terá qualquer poder.* Os valores românticos estão patentes no realce dado ao individual, o emocional e o imaginativo. E ainda na reflexão sobre o significado da felicidade, as necessidades humanas emocionais básicas, as batalhas humanas interiores e como as necessidades individuais se manifestam no comportamento humano em contexto de grupo: *Se olhares para qualquer sociedade tribal existe uma grande ênfase no desenvolvimento pessoal porque cada elo dentro do grupo determina se o grupo é estável ou não. Nós nem sequer nos*

*damos a nós próprios tempo para nos sentarmos somente e sermos inúteis e descobrirmos ... quem somos. Por isso somos todos elos quebrados e vimos com imensa bagagem aos ombros. Precisamos urgentemente de descobrir quem somos, como somos felizes e como somos felizes em conjunto. Enquanto isto não existir dentro de ti (o conhecer-te a ti mesmo), não existe fora de ti, estás dependente dos outros para funcionar.* A líder tem também um grande interesse pela era medieval e eras anteriores. Já o seu objetivo da criação de uma simbiose entre pessoas e o lugar (o espaço natural), a sua ideia de que o ser humano precisa de autodescobrir-se para transcender a outro nível e de que a autoridade não deve ser externa são tipicamente apontamentos pós-românticos. Finalmente, e associada à resistência à autoridade externa por parte da líder, surge o objetivo da liberdade, ligado a uma visão do mundo iluminista.

### *Permacultura\_1*

Localizada no concelho de Palmela, *Permacultura\_1* existe desde 2009 e foi fundada por um grupo de cinco amigos, em que se incluía um casal. Este casal, um economista e uma *marketeer* com passados profissionais ligados ao mundo empresarial, viajaram até *Auroville*, uma comunidade alternativa situada na Índia, pois procuravam uma vida que lhes fizesse mais sentido. Inspirados pelo que viveram, e depois de terem conhecido três permacultores (dois biólogos e um físico), decidiram criar algo semelhante em Portugal, que estivesse disponível para o público em geral e não apenas para aqueles que procuram alternativas. De início começaram por fazer experiências em permacultura no quintal de um familiar e a delinear o projeto. Teria de ser sustentável ambientalmente e financeiramente e ao mesmo tempo enquadrar-se na visão dos fundadores. Começou então a pesquisa pelos fundos, para a qual muito contou a experiência universitária dos membros<sup>53</sup>, e foi a partir desse momento que tudo se desenrolou. A aquisição de um total de 550 mil euros provenientes de programas como o Social Investe<sup>54</sup>, o PRODOR, de um prémio atribuído pela Fundação Gulbenkian, de investidores sociais e de um empréstimo bancário, permitiram construir o que existe atualmente em *Permacultura\_1*, estando o projeto apenas na segunda fase de construção. Este está a ser desenvolvido numa propriedade alugada de 55 ha em pleno Parque Natural da Serra da Arrábida, possui instalações para a receção de visitantes, formação de grupos e alojamento de turistas e desenvolve atividades de formação (nas áreas das espiritualidades, ambiente, agricultura e *team-building*), de divulgação (palestras para o exterior e dias abertos à comunidade), de produção (hortícolas para consumo próprio) e receção de voluntários. Todas as atividades são geridas por um grupo coordenador, mas existe sempre pelo menos um membro, que vai alternando, que se dedica totalmente a *Permacultura\_1*, residindo permanentemente no local. A missão da iniciativa é a de *levar a sustentabilidade ao dia-a-dia dos portugueses*, sendo os objetivos *dar o exemplo, ser uma montra de sustentabilidade e com isso inspirar as pessoas para uma*

---

<sup>53</sup> Esta iniciativa está aliás muito marcada pela ligação ao mundo académico, não só porque muitos dos seus membros têm formação superior, mas também por existir uma parceria e contactos com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde um dos cofundadores é investigador.

<sup>54</sup> A Linha de Crédito Social Investe é um financiamento no âmbito do programa de apoio à economia social e incentivo ao desenvolvimento das atividades de natureza social e solidária das entidades sem fins lucrativos que integram o setor social. ([https://www.montepio.pt/SitePublico/pt\\_PT/setor-social/financiamentos/linhas-credito-protocoladas/social-investe.page?altcode=LCSOCINV](https://www.montepio.pt/SitePublico/pt_PT/setor-social/financiamentos/linhas-credito-protocoladas/social-investe.page?altcode=LCSOCINV))

*mudança consciente* (entrevista). O sonho é que o projeto cresça e que se construam muitas iniciativas semelhantes em todo o mundo.

No caso da *Permacultura\_1* foi entrevistada apenas uma pessoa, não sendo possível proceder a um perfil dos indivíduos envolvidos.

A análise do discurso da líder reflete elementos das visões do mundo associadas à espiritualidade contemporânea, ao iluminismo e ao paradigma do crescimento económico. A espiritualidade contemporânea está representada no relato de como a iniciativa teve início e das primeiras ideias dos seus fundadores: *A base [do projeto], a origem acabou por ser um casal... que estava a viajar pela Índia e foi à comunidade Auroville. E estavam lá e vinham com backgrounds de empresas... e chegaram lá e tiveram aquele «reality moment»: «Meus Deus, onde é que nós estamos? O que é que andávamos a fazer?». Porque quando eles foram fazer esta viagem já estavam à procura de algo com mais sentido. Entretanto, os outros 3 fundadores eram dois biólogos e um físico que já estavam na onda da permacultura. Já estavam à procura das teorias universais, de como é que as coisas se podem interligar.* A dimensão mais representada desta visão do mundo é a visão societal, sendo expressa uma vontade de fazer um projeto *bottom-up* que, pela sua simples existência, poderá influenciar o resto da sociedade através do exemplo e da inspiração que instila nas pessoas. Outro apontamento típico da espiritualidade contemporânea é o ambiente geral de experimentação com que teve início a iniciativa, antes de passar a um projeto com plano de negócios, missão e objetivos bem definidos e calendarizados. Algumas ideias iluministas também estão presentes no discurso. Por exemplo, a crença de que através do raciocínio o projeto terá sucesso: *Se nós fizermos as coisas certinhas (pagar as contas, etc.), o sistema ajuda, porque isto faz sentido*; o objetivo do conhecimento: *Então o casal [fundador] pensou ... Mas como pegar neste conhecimento, alternativo [aprendido em Auroville], e passá-lo para o público ... ?»; e a ideia de que o homem já encontrou as soluções para responder aos problemas existentes: A conclusão a que os 5 [fundadores] chegaram foi: as soluções para um mundo melhor já existem, simplesmente ainda não se conseguiram pôr em prática.* Finalmente, existem dois apontamentos associados ao paradigma dominante, nomeadamente a opinião de que a sustentabilidade financeira é essencial para o sucesso do projeto e que, seguindo as regras do sistema, o projeto vingará.

### *Sensibilização e educação*

*Sensibilização e educação* localiza-se no concelho de Sintra, onde teve origem em 2012 por iniciativa de 6 pessoas que já se conheciam da iniciativa *Sintra em Transição*. Após esse movimento transição entrar em *stand-by*, dada a ausência de espaço físico para reuniões, a grande escala de ação e o esgotamento dos recursos humanos e da sua capacidade de compromisso, um grupo manteve-se em contacto com a intenção de continuar a inspirar pessoas e a capacitá-las para relocalizar os serviços e os recursos. Quando encontraram uma quinta em Sintra, que necessitava de algum restauro, decidiram criar um novo projeto. Inicialmente apenas um espaço de coabitação, aos poucos a iniciativa foi ganhando contornos. Depois de um «Encontro de saberes», durante o qual se desenvolveram várias oficinas de sustentabilidade prática, decidiram que iriam continuar a trabalhar no sentido da visão da

transição, mas sem usar o termo «transição» pela sua complexidade e dificuldade de ser apreendido pela comunidade local. Nos primeiros anos, o projeto funcionou sob outro nome e os seus membros estiveram muito focados na quinta em si – *nos animais, na agricultura, no fechar dos ciclos* (entrevista) – ao mesmo tempo que dinamizavam eventos e formações em sustentabilidade prática (apicultura, carpintaria, construção natural, alimentação, cosmética, produtos de limpeza ecológicos). No final de 2014 e com a quinta a crescer deu-se um ponto de viragem em que se aperceberam que o projeto não englobava apenas a quinta, mas a aldeia em que se localizava e que esta poderia ser um exemplo vivo do que é a realocização e a reconstrução de uma localidade. Hoje a missão da iniciativa, que tem sido moldada e adaptada ao longo do tempo, é poder inspirar e educar as pessoas em temas da sustentabilidade prática e ser uma escola ambiental não formal para adultos. Pretendem ainda efetuar a ligação entre os ofícios tradicionais e os conhecimentos inovadores existentes atualmente. O espaço de 3 ha, arrendado, é atualmente o lar para 12 pessoas, 5 das quais residentes permanentes. Existe uma casa principal que é utilizada para as formações, para cozinhar e para o alojamento dos voluntários e estagiários, e ainda pequenos eco-abrigos onde os residentes permanentes moram.

Dos 12 residentes foram entrevistados dois, um estagiário português e um residente permanente holandês, ambos de origem urbana e de idades muito diferentes (25 e 68 anos, respetivamente). Ambos tinham completado o ensino secundário e o estagiário tinha frequentado a universidade sem completar a licenciatura. O residente permanente, não tendo curso superior, tinha muita experiência em várias áreas e trabalhava por conta própria em regime de *part-time*. Uma das líderes do projeto foi também entrevistada, mas apenas no contexto do preenchimento da *Ficha de identificação e caracterização da iniciativa*.

A análise do discurso da líder de *Sensibilização e educação* permitiu reconhecer elementos das visões do mundo associadas à espiritualidade contemporânea, ao iluminismo e alguns apontamentos associados ao paradigma do crescimento económico. Quanto aos elementos da espiritualidade contemporânea, existe neste projeto uma ética de serviço e de responsabilidade pelos outros e pela Terra, que se traduz na missão de inspirar e ensinar as pessoas em temas da sustentabilidade prática. Operando fora do confinamento do paradigma dominante, no sentido em que defende um processo de transição no qual a realocização das pessoas e recursos são aspetos fundamentais, o grupo passou e continua a passar por várias fases de experimentação, renovação e aprendizagem: *A missão foi sendo construída porque o grupo também passou por várias fases e várias pessoas. E sempre que entra uma pessoa e sai uma pessoa, essa visão e missão adapta-se e muda. E eu acho que isto é perfeitamente normal e é a riqueza disto. Todas as pessoas que por aqui passaram deixaram a sua marca e o seu ensinamento, e todas as situações foram para aprender, independentemente se foi positivo ou negativo, todas serviram para nós todos melhorarmos para saber como vamos continuar a construir isto.* Existe um sentido de crise energética e a crença de que o projeto pode inspirar as pessoas e alterar a realidade da comunidade onde opera (transição *bottom-up*). Como refere a líder: *... basta haver uma crise energética para que as pessoas consigam sentir que tem que haver uma reconstrução da nossa vida individual, do dia-a-dia, e também da reconstrução das cidades. Essa é uma das forças motrizes de Sensibilização e educação.* O grande objetivo da iniciativa é, pois, a aquisição e a transmissão de conhecimento, sendo o projeto uma escola aberta de ensino informal

em sustentabilidade prática para adultos. Pretendem assim capacitar as pessoas: *Nós trazemos o conhecimento, queremos inspirar e ensinar as pessoas e elas próprias acabam por ficar comprometidas com o projeto e pegam nessas temáticas, nessa parte pedagógica e desenvolvem.* Pretendem ainda ser um exemplo vivo *do que é a realocização e a reconstrução de uma cidade, de uma vila, no sentido de todos os produtos, os serviços, os recursos e as pessoas [estarem] mais localizadas... porque esse é um grande problema que existe na construção das cidades... muitos dos recursos que alimentam as pessoas vêm de muito longe.* Encontra-se nestas declarações a ideia tipicamente iluminista da humanidade a assumir o controlo na resolução dos seus problemas. Finalmente existe ainda neste projeto o objetivo de crescer e estabelecer uma rede de negócios locais, mostrando que para este grupo o crescimento (económico) é um meio necessário para ter impacto na sociedade, sendo a sustentabilidade financeira uma componente importante do projeto: *E à medida que vamos tendo cada vez mais iniciativas locais, empreendedoras [queremos] integrar pessoas, colaboradores ... que podem vir aqui ajudar, colaborar, aprender, ensinar e também criar uma rede de negócios empreendedores locais. Porque uma componente importante da sustentabilidade é sempre a parte financeira. Ela tem sempre que existir para financiar o projeto e os recursos.*

#### *Uso da Terra e Comunidade*<sup>55</sup>

*Uso da Terra e Comunidade* é uma iniciativa localizada no concelho de Odemira, fundada em 1995 por um casal alemão e um amigo seu, que já não está envolvido diretamente no projeto e sobre o qual não foi fornecida informação. O casal de fundadores, constituído por um antigo líder estudantil marxista do movimento Maio de 68 e uma teóloga, abandona a Alemanha depois de várias tentativas falhadas do líder em formar uma comunidade alternativa no seu país. Ao viajar pela Europa, em busca de um local onde construir um projeto do zero, a partir do qual pudessem criar uma vida em que todas as necessidades materiais e sociais do ser humano fossem satisfeitas regenerando ao mesmo tempo os ecossistemas, encontram o círculo de pedras de Évora. Na sequência de várias meditações no local, a líder terá recebido informação acerca da comunidade que aí terá habitado há milhares de anos, sobre a sua relação com o ambiente, o planeta e o universo, a forma como eles criavam uma comunidade funcional e lidavam de uma forma saudável com o tópico do amor e da sexualidade, entre outros aspetos. Essa ligação com o passado inspirou-a e fê-la acreditar que algo semelhante também poderia ser criado no futuro. Quando o casal visita o terreno onde hoje se localiza *Uso da Terra e Comunidade*, a líder sentiu um chamamento para construir aí a iniciativa. Com 20 anos de existência, o projeto conta hoje em dia com 160 residentes permanentes de várias nacionalidades e é conhecido como um centro de pesquisa para a paz de referência dentro do nicho das eco-aldeias. Para além do foco na pesquisa social e espiritual, a iniciativa oferece atividades de formação, divulgação e consciencialização e consultoria para o exterior, e produz ainda alimento, plantas medicinais, trabalhos de olaria, e costura internamente. A sua missão é *criar um protótipo ... de sociedade humana não violenta e funcional* (entrevista). Para tal, existe o objetivo de investigar e desenvolver as melhores soluções possíveis para

---

<sup>55</sup> Ao contrário das restantes iniciativas, no caso de *Uso da Terra e Comunidade* foi impossível entrevistar um dos líderes, pelo que todos os dados obtidos referentes à iniciativa foram dados por dois membros que facilitaram a receção da autora.

uma transição completa poder ocorrer ao nível social, económico, ambiental, educacional e em especial ao nível do amor.

Na visita a *Uso da Terra e Comunidade* foram entrevistados apenas quatro dos 160 residentes, três membros e um voluntário temporário. Estas pessoas eram todas estrangeiras, de nacionalidade britânica, francesa, italiana e alemã, de origem urbana, e com idades entre os 29 e os 41 anos. Nenhum tinha filhos e apenas o voluntário se encontrava em união de facto, enquanto os restantes eram solteiros. O nível de escolaridade dos entrevistados era bastante alto, com uma pessoa tendo completado o 12º ano e todos os outros um mestrado. Todos os indivíduos possuíam, ou muita experiência, ou muita formação nas áreas ambientais e já tinham participado noutros projetos semelhantes, como em eco-aldeias, ONGs, no Movimento Transição ou em projetos de permacultura ou agricultura. Apesar de todos dedicarem mais de 40h/semana ao projeto, excluindo o voluntário, estes também trabalhavam fora da iniciativa pontualmente ou em regime de *part-time*.

A análise do discurso do representante de *Uso da Terra e Comunidade* apresenta bastantes elementos das visões do mundo do romantismo em quase todas as suas dimensões e muitos elementos da espiritualidade contemporânea no que diz respeito à dimensão da visão societal. Relativamente aos elementos românticos, a inspiração para a formação desta comunidade surge numa meditação levada a cabo pela líder, teóloga e especialista em sociedades matriarcais, no círculo de pedras de Évora. Também a localização exata do projeto surge depois de uma série de coincidências, interpretadas como significantes, e uma meditação e um «chamamento» que terão ocorrido numa fonte do local, hoje chamada de «Oráculo». Um círculo de pedras terá sido depois simbolicamente também construído em *Uso da Terra e Comunidade*. Estes elementos revelam uma predileção pelo misterioso, o oculto e uma cultura antiga por parte dos líderes, assim como uma exaltação da emoção acima da razão e dos sentidos acima do intelecto como fontes de conhecimento, aspetos tipicamente românticos. A comunicação com os animais e seres invisíveis que se pratica na iniciativa também confirma esta predileção pelo misterioso e irracional. Estes valores são inclusivamente passados às crianças onde se estimula acima de tudo a *criatividade, espontaneidade e a qualidade individual*. Quanto aos problemas ecológicos, a iniciativa pretende resolvê-los refletindo sobre a forma como interagimos com os animais e planeta, como obtemos e gerimos recursos, como regeneramos os ecossistemas, promovendo um tipo de relação diferente com a natureza e a vida. O representante dos líderes cita o psiquiatra austríaco Wilhelm Reich para explicar como as pessoas lidam atualmente com os problemas existentes: *Wilhelm Reich que é uma ... inspiração que temos aqui em Uso da Terra e Comunidade ao nível do conhecimento humano ... diz que «A indiferença é o fascismo dos nossos tempos». Isso é no fundo uma janela que nos dá para perceber, para mim pelo menos, dá-me um certo insight para perceber que existe uma indiferença estrutural no ser humano hoje em dia, simplesmente pela capacidade de estarmos a viver num sistema em que sabemos que o nosso petróleo não é limpo, que a nossa comida está muitas vezes associada à destruição dos ecossistemas, à utilização de pesticidas, que a nossa energia elétrica também não é limpa, que as roupas que nós compramos, que a carne que nós compramos, os laticínios que nós compramos... tudo está ligado a uma certa destruição que se estivesse em frente aos nossos olhos não conseguiríamos estar em cumplicidade com ela. Mas relaxamos numa certa repressão dessa realidade para continuarmos a viver a nossa vida nos modos*

*minimamente normais. Já os apontamentos da espiritualidade contemporânea estão presentes no sentido agudo de urgência e crise em relação à forma como hoje a humanidade explora os recursos, a natureza e as pessoas e ainda na profunda ética de serviço e de responsabilidade pelos outros e pela Terra, propondo-se *Uso da Terra e Comunidade* a criar um protótipo, um caso de estudo ou um caso modelo para uma sociedade humana não violenta, funcional e isso engloba criar um futuro sem guerra... não só à guerra explícita entre países... também à capacidade dos seres humanos viverem uns com os outros, à forma como interagimos com o planeta, com os animais. Para além disso, é desenvolvido um trabalho de experimentação (investigação) pelos residentes e existe a crença de que projetos *bottom-up* como este podem, em rede, cooperar e contribuir para uma mudança: O plano é *impulsionar e apoiar todos os projetos que queiram assumir uma investigação para um futuro sem guerra em todas estas áreas diferentes, portanto que em vários sítios deste planeta se estabeleçam sítios que possam entrar nessa investigação de construir protótipos concretos, onde as pessoas vivam e estejam envolvidas nessa investigação ... precisamos destes locais que mostrem o que é que poderia ser, como é que poderia ser uma alternativa e que estejam envolvidos nessa investigação ... e cada vez mais tentar impulsionar a criação de uma rede global destes modelos ... locais que estejam numa investigação comum e que cooperem uns com os outros, que troquem informação e que se apoiem uns aos outros nesta investigação.**

## *Gestão da Terra e Natureza\_2*

A origem de *Gestão da Terra e Natureza\_2* está intimamente ligada à história de Portugal do Pós 25 de Abril. O avô do líder atual perde os terrenos da família localizados no concelho de Montemor-o-Novo, na sequência da Reforma Agrária e estes só voltam a ser devolvidos à família anos mais tarde. A herdeira e mãe do atual líder forma uma sociedade agrícola em 1996, reconstrói a casa e recupera a terra. Líder e mãe começam a trabalhar juntos na sociedade agrícola, mas dada a diferença de visões, ao líder são doadas duas das herdades da família, onde viria a desenvolver o projeto: *Gestão da Terra e Natureza\_2*. A missão e os objetivos desta iniciativa estão relacionados com a reflexão sobre a utilidade de uma estrutura fundiária: *Como é que o espaço pode ser utilizado pela comunidade? ... colaborar com universidades... Como pode dar trabalho às pessoas?.* *Gestão da Terra e Natureza\_2* assume-se assim como um *projeto social, com espírito de ONG, apesar de não ser reconhecido legalmente como tal, que pretende tratar a herdade como um bem comum, percebendo a relação com o meio e tentando fazer parte da solução dos problemas atuais ao colaborar com a investigação* (entrevista). Atualmente a iniciativa conta com cerca de 57 membros (dos quais 18 residentes), dando dezoito vezes mais emprego do que qualquer outra instituição na região. Neste conjunto de membros incluem-se 19 pessoas que trabalham com um contrato fixo permanente, 7 com contrato não permanente, voluntários, residentes não trabalhadores e ainda 15-20 pessoas envolvidas em micro-projetos autónomos, mas complementares, que se desenvolvem dentro da herdade. O foco do trabalho continua a ser a produção agrícola e pecuária em modo biológico utilizando sistemas sustentáveis, mas o leque de atividades tem-se vindo a diversificar ao longo dos anos, apostando-se também na colaboração com instituições de investigação, na formação em permacultura, bioconstrução e cães pastores, na oferta de programas de voluntariado e estágios curriculares, na venda de produtos em

várias cidades e numa loja própria em Lisboa (que estava em vias de ser transformada em restaurante biológico aquando das entrevistas) e dias abertos à comunidade. Os micro-projetos autónomos vieram acrescentar atividades nas áreas da produção de plantas aromáticas e medicinais e mel, *catering*, roupas recicladas, embalagens para produtos, passeios a cavalo e aulas de equitação. A herdade, embora sendo propriedade do líder e este ter o posto de trabalho de coordenador, é gerida como uma empresa social, em que o objetivo principal é o interesse dos seus trabalhadores e não o lucro. Para tal ser concretizado, esta sobrevive com um conjunto de valores e ética que tem evoluído de forma diferente do sistema económico vigente. Por exemplo, nos últimos meses o projeto evoluiu para ser uma CSA (Community Supported Agriculture), isto é, um projeto em que os clientes que compram os produtos da herdade assumem a responsabilidade de adquirir periodicamente determinadas quantidades, mesmo quando por razões externas a produção não dá resposta a esses pedidos, sendo a responsabilidade por uma agricultura de qualidade partilhada entre produtores e consumidores.

Como somente uma pessoa foi entrevistada, não se realizou o perfil dos indivíduos que constituem esta iniciativa.

O discurso do líder de *Gestão da Terra e Natureza\_2* apresenta bastantes elementos das visões do mundo da espiritualidade contemporânea e do iluminismo e alguns apontamentos do romantismo. No que diz respeito à espiritualidade contemporânea, existe um sentido agudo de urgência em relação à situação atual, de que o mundo não é o ideal (em termos ambientais, alimentares, económicos e políticos) e de que o projeto tem a responsabilidade de fazer algo em relação a isso, sendo que a sua missão é cuidar do planeta e das pessoas (aspetos que não são mutuamente exclusivos). Isto é feito de uma forma que opera claramente fora do paradigma dominante, nomeadamente tendo como objetivo o interesse da sociedade (e não o lucro), o desenvolvimento de uma economia integral e holística (que integre o ambiente e a complexidade da realidade), o melhoramento do que já existe (e não o seu crescimento) e a autonomização das áreas na gestão do projeto (em vez da sua hierarquização). Citando o líder: *Há muitos anos que tentamos que [o projeto] vá criando uma estrutura cada vez mais autónoma e mais fundamentada nas pessoas e, portanto, fugir deste modelo “patrão – trabalhadores” ... A ideia [é] não sermos os únicos responsáveis por tudo o que está aqui a acontecer e termos outros parceiros que também fazem parte do ecossistema e que também gerem áreas do ecossistema .... Transforma-se numa microeconomia, numa economia humana. A perspetiva não é de crescer, mas continuar a trabalhar naquilo que é, para mim, a função básica do ser humano, que é integrar um projeto grandioso e magnífico neste planeta, neste momento chamado vida. O que Gestão da Terra e Natureza\_2 tem de fazer é cuidar melhor da pequenina parcela do planeta que temos à nossa responsabilidade ... Não é possível tratar do planeta sem tratar ao mesmo tempo das pessoas, nem o contrário. E por isto estes dois desafios estão completamente interligados. O nosso trabalho vai ser sempre esse. E isto não implica crescimento de maneira nenhuma. ... Isto não é uma máquina frachizável... A economia social, que nós tentamos também explorar e praticar é uma coisa muito simples: a tua vida pessoal e a vida das instituições é motivada não pelas questões da própria empresa, por questões pessoais, mas por necessidades da sociedade (que inclui o planeta).* O envolvimento ativo na resolução dos problemas identificados mostra que existe a crença de que a mudança pode ocorrer no sentido *bottom-up* e todo esse trabalho é feito num

contexto de *imensa investigação, imensa observação, imensa prática e experimentação*. O iluminismo está presente no objetivo do conhecimento e da aprendizagem de diferentes aspetos, como o desenvolvimento de ecossistemas sustentáveis, a compreensão da relação com o meio ou as relações sociais. Em relação ao papel do homem no universo, este é visto como o ser que tem a função de potenciar os ecossistemas já existentes e de criar ecossistemas mais perfeitos que aqueles que a natureza é capaz: ... *o trabalho principal passa por compreender melhor a relação com a natureza neste espaço, aprender a gerir melhor e a construir os ecossistemas muito mais perfeitos do que aqueles que a mãe natureza conseguiu construir até chegarem os humanos. Eu acho que nós humanos somos o novo solo. Somos aquilo que o solo já foi capaz de fazer, de construir sistemas super complexos e super perfeitos, mas nós ainda conseguimos fazer melhor. Por que os conseguimos compreender e então podemos construir os édens, os paraísos na Terra num sítio qualquer e essa é a nossa missão*. Desta forma, é celebrado o poder do homem para compreender o universo e melhorar a sua condição. Finalmente, está ainda presente o fator de que para resolver os problemas ecológicos é necessário outro tipo de relação com a natureza, um apontamento típico da visão do mundo romântica.

### 3.1.2. As visões do mundo.

As visões do mundo pelas quais as iniciativas se regem foram captadas através da análise de conteúdo realizada aos discursos dos líderes das iniciativas (ou seus representantes). Com base nas fichas de identificação das visões do mundo de cada iniciativa (Anexo 6) apurou-se, para cada paradigma e por iniciativa, a razão entre o número total de valores presentes e o número total de valores considerados, o que permitiu comparar as iniciativas quanto às visões do mundo preponderantes. Os resultados apresentam-se no Quadro 1.

**Quadro 1** - Visões do mundo das iniciativas. Número de valores de cada visão do mundo presentes no discurso do líder em razão do número total de valores considerados.

Visão do mundo	Iniciativa									Total
	2	1	9	6	7	3	8	5	4	
Espiritualidade contemporânea	0,75	0,57	0,50	0,50	0,45	0,42	0,38	0,38	0,31	4,26
Romantismo		0,29	0,10			0,16	0,62	0,31		1,48
Pós-romantismo	0,25					0,42		0,23		0,90
Iluminismo			0,40	0,30	0,27			0,08	0,38	1,43
Crescimento económico		0,14		0,20	0,27				0,31	0,92

Legenda: 1 – *Economia e Finanças*; 2 – *Saúde e bem-estar espiritual*; 3 – *Regeneração rural*; 4 – *Gestão da Terra e Natureza\_1*; 5 - *Transição\_1*; 6 - *Permacultura\_1*; 7 - *Sensibilização e educação*; 8 - *Uso da Terra e Comunidade*; 9 - *Gestão da Terra e Natureza\_2*. Fonte: Fichas de identificação das visões do mundo de cada iniciativa e respetiva representatividade no discurso dos líderes (ou seus representantes). (Anexo 6)

O discurso dos líderes veicula predominantemente valores associados à Espiritualidade contemporânea. Estes discursos são ainda ricos em valores do Romantismo e Iluminismo e pobres em elementos do Crescimento económico e do Pós-romantismo. No entanto alguma diversidade existe entre iniciativas. Se se considerar que as visões do mundo Iluminismo e Crescimento económico e

Romantismo e Pós-romantismo não são mais do que evoluções históricas das mesmas ideias base, então três grupos de iniciativas emergem:

- As iniciativas *Gestão da Terra e Natureza\_1* (4), *Permacultura\_1* (6)<sup>56</sup> e *Sensibilização e educação* (7), cujo discurso tem um carácter fortemente iluminista e típico do paradigma do crescimento económico;
- As iniciativas *Regeneração rural* (3), *Transição\_1* (5) e *Uso da Terra e Comunidade* (8), cujo discurso tem um carácter essencialmente romântico e pós-romântico;
- Iniciativas *Economia e Finanças* (1), *Saúde e bem-estar espiritual* (2) e *Gestão da Terra e Natureza\_2* (9), com um discurso especialmente marcado pelas ideias da *Espiritualidade contemporânea*.

A junção dos resultados continua a mostrar que a *Espiritualidade contemporânea* é, de longe, a visão do mundo mais representada no conjunto dos discursos do(s) líder(es) das iniciativas, ou seus representantes.

Para compreender que dimensões do *Integrative Worldview Framework* assumem mais importância nos discursos do(s) líder(es) das iniciativas ou seus representantes, somou-se, por dimensão, o número de valores presentes no conjunto dos discursos (Quadro 2).

**Quadro 2** - Representação das visões do mundo por dimensão do IWF (Nº de valores presentes no conjunto dos discursos por dimensão).

Dimensões/ Visões mundo	Ontologia	Epistemologia	Axiologia	Antropologia	Visão societal	Total
Iluminismo		2	8	6		16
Romantismo	2	4	7	3	4	20
Crescimento económico			6		5	11
Pós-romantismo	8	1	1	2	3	15
Espiritualidade contemporânea	5		9	2	41	57
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>7</b>	<b>31</b>	<b>13</b>	<b>53</b>	<b>119</b>

Fonte: Fichas de identificação das visões do mundo de cada iniciativa e respetiva representatividade no discurso dos líderes (ou seus representantes). (Anexo 6)

Do total dos valores presentes no discurso de cada líder (n=119) quase metade (53) diz respeito à dimensão *Visão societal* e a grande maioria destes (41) pertence à visão do mundo *Espiritualidade contemporânea*. A concentração de valores num paradigma acontece apenas nesta dimensão societal. Os valores associados à dimensão *Axiologia* estão também fortemente representados, embora a uma distância significativa da *Visão societal*. Os valores epistemológicos são os menos referidos nos discursos.

<sup>56</sup> A iniciativa *Permacultura\_1* (6) apresenta resultados semelhantes para as visões da *Espiritualidade contemporânea* e *Iluminismo/Crescimento económico*. Escolheu-se colocá-la no grupo de iniciativas com carácter fortemente iluminista e típico do crescimento económico, pois esta tem fortes características de um negócio de turismo rural e os valores associados à *espiritualidade contemporânea* estavam quase exclusivamente presentes no discurso quando o líder relatava o início de vida do projeto.

### 3.1.3. Análise das práticas

#### Práticas ambientais

As iniciativas de base estudadas seguem um elevado número de estratégias ambientais visando a poupança, conservação e gestão da água e da energia, a redução dos resíduos e a proteção e restauração da biodiversidade e dos ecossistemas (Quadro 3). Com a exceção da iniciativa 5 (*Transição\_1*), as iniciativas aplicam mais de dois terços das estratégias consideradas, obtendo a iniciativa 4 (*Gestão da Terra e Natureza\_1*) o melhor resultado. As estratégias mais difíceis de cumprir estão relacionadas com a poupança, conservação e gestão de energia. As mais fáceis de cumprir parecem ser aquelas relativas à proteção e restauração da biodiversidade e ecossistemas, pois todas as iniciativas obtiveram resultados francamente positivos (>0,70), tendo inclusive quatro iniciativas somado a pontuação máxima (*Regeneração rural*, *Gestão da Terra e Natureza\_1*, *Permacultura\_1* e *Gestão da Terra e Natureza\_2*).

**Quadro 3** - Resultados das práticas ambientais (água, energia, resíduos e biodiversidade) de cada iniciativa (pontuação máxima= 1).

Iniciativa	Práticas ambientais				Média total
	Água	Energia	Resíduos	Biodiversidade e ecossistemas	
1	NA	NA	NA	NA	NA
2	0,75	0,70	0,90	0,90	0,81
3	0,55	0,55	0,75	1,00	0,71
4	0,95	0,70	0,90	1,00	0,89
5	0,71	0,30	0,85	0,70	0,64
6	0,95	0,75	0,80	1,00	0,88
7	0,86	0,60	0,80	0,80	0,77
8	0,80	0,65	0,80	0,90	0,79
9	0,86	0,35	0,85	1,00	0,77
<b>Média</b>	<b>0,80</b>	<b>0,58</b>	<b>0,83</b>	<b>0,91</b>	<b>0,78</b>

Legenda: 1 – *Economia e Finanças*; 2 – *Saúde e bem-estar espiritual*; 3 – *Regeneração rural*; 4 – *Gestão da Terra e Natureza\_1*; 5 - *Transição\_1*; 6 - *Permacultura\_1*; 7 - *Sensibilização e educação*; 8 - *Uso da Terra e Comunidade*; 9 - *Gestão da Terra e Natureza\_2*; NA – Não aplicável. Fonte: Resultados da avaliação das práticas ambientais de cada iniciativa. (Anexo 9)

Contudo estes resultados devem ser lidos com algum cuidado. No caso da iniciativa com pior pontuação geral, *Transição\_1*, as baixas pontuações no que diz respeito ao item «energia» devem-se ao facto da família residente viver numa autocaravana, não pontuando nas estratégias relativas a métodos de construção ecológicos ou que reduzem as perdas de energia. No entanto, ao contrário de outros projetos, esta pequena família vive de forma bastante simples e é totalmente autossustentável em termos energéticos. A bateria de estratégias ambientais definidas para a análise da sustentabilidade ambiental pode não ter sido, para este caso em especial, a mais adequada. Para a iniciativa 1 (*Economia e Finanças*) não foi possível efetuar uma avaliação das práticas ambientais, uma vez que esta não possui um espaço próprio interior ou exterior nem os seus membros vivem em comunidade, não se aplicando várias das estratégias definidas.

Nas iniciativas estudadas, as pessoas tendem a deslocar-se essencialmente a pé, de bicicleta ou de automóvel a curtas distâncias e de automóvel a longas distâncias (Quadro 4). O transporte de bens e mercadorias é realizado principalmente com o automóvel, tanto a curtas como a longas distâncias. O avião, o meio de transporte ao qual está associada uma maior pegada ecológica, é usado

por 4 iniciativas na deslocação de membros e por 2 no transporte de bens e mercadorias. Uma iniciativa (*Uso da Terra e Comunidade*) possui vários carros elétricos que permitem o deslocamento de membros, bens e mercadorias a curtas distâncias.

**Quadro 4** - Número de iniciativas que utiliza os meios de transporte de acordo com a distância e tipo de transporte.

Tipo de transporte	Curtas Distâncias		Longas distâncias	
	Membros	Bens e mercadorias	Membros	Bens e mercadorias
Meio de transporte				
A pé	6	1		
Bicicleta	5	1		
Carro	5	4	6	4
Motorizada/Moto 4	1			
Carrinha	4	3	3	3
Comboio/Autocarro	1		4	
Avião	1		4	2
<i>Car-sharing</i>	4		4	
Trator	1			
Carro elétrico	1	1		

Fonte: Resultados da avaliação das práticas ambientais de cada iniciativa. (Anexo 9)

À exceção da iniciativa *Economia e Finanças*, onde não se pratica agricultura, todas as iniciativas cultivam o seu alimento em modo biológico ou em regime de permacultura apenas (*Saúde e bem-estar espiritual*) (Quadro 5). A produção do próprio alimento é muito variável, com as iniciativas *Gestão da Terra e Natureza\_1* e *Transição\_1* a produzirem a menor percentagem (10%) e a iniciativa 9 a produzir a maior (quase 100%). Apenas em duas iniciativas se pratica uma dieta mista (*Sensibilização e educação* e *Gestão da Terra e Natureza\_2*). Nas restantes pratica-se uma alimentação de base essencialmente não animal: vegana, vegetariana, lacto-vegetariana ou macrobiótica. A maioria das iniciativas prefere combinar a medicina natural com a convencional (Quadro 6).

**Quadro 5** – Resultados referentes ao tipo de dieta, produção do próprio alimento e tipo de agricultura para cada iniciativa estudada.

Iniciativa	Alimentação		
	Dieta	% Produção próprio alimento	Tipo agricultura
1	Lacto-vegetariana, Vegetariana, Vegana	0	-
2	Vegetariana	<25	Permacultura
3	Macrobiótica	50	Biológica, Agro-ecológica
4	Vegetariana e Macrobiótica	10	Biológica
5	Lacto-vegetariana	10	Biológica
6	Vegetariana nos cursos e pequenos-almoços do turismo rural; turistas podem trazer qualquer tipo de produto alimentar do exterior	<25	Biológica, Permacultura
7	Mista	70	Biológica
8	Vegana	Não sabe, mas não tencionam ultrapassar os 40% para apoiar a produção regional.	Biológica, Permacultura
9	Trabalhadores comem na cantina que é maioritariamente vegetariana (só comem carne quando sobra das vendas).	quase 100%	Biológica

Legenda: 1 – *Economia e Finanças*; 2 – *Saúde e bem-estar espiritual*; 3 – *Regeneração rural*; 4 – *Gestão da Terra e Natureza\_1*; 5 - *Transição\_1*; 6 - *Permacultura\_1*; 7 - *Sensibilização e educação*; 8 - *Uso da Terra e Comunidade*; 9 - *Gestão da Terra e Natureza\_2*.

**Quadro 6** – Resultados referentes ao tipo de medicina praticada em cada iniciativa.

Iniciativa	Tipo de medicina
1. <i>Economia e Finanças</i>	Natural, Ayurvédica; Outras: Yoga, Meditação, Fitoterapia
2. <i>Saúde e bem-estar espiritual</i>	Natural
3. <i>Regeneração rural</i>	Natural; Outras: Homeopatia
4. <i>Gestão da Terra e Natureza_1</i>	Natural e Convencional
5. <i>Transição_1</i>	Convencional; Outras: Homeopatia e Fitoterapia
6. <i>Permacultura_1</i>	Mista
7. <i>Sensibilização e educação</i>	Natural e Mista
8. <i>Uso da Terra e Comunidade</i>	Convencional; Outras: Homeopatia
9. <i>Gestão da Terra e Natureza_2</i>	ao critério de cada um

### Práticas sociais

No que diz respeito à gestão da vida pessoal e coletiva, três iniciativas colocam os interesses do grupo acima do indivíduo (*Saúde e bem-estar espiritual* (2), *Permacultura\_1* (6) e *Uso da Terra e Comunidade* (8)), não havendo nas iniciativas 2 e 8, de acordo com os seus entrevistados, uma verdadeira separação entre a vida pessoal e coletiva. Assim, em ambas iniciativas, questões como conflitos pessoais, dificuldades no relacionamento entre duas pessoas, ou até mesmo a decisão de conceber um filho são abertamente partilhadas, resolvidas ou decididas pela comunidade. Por outro lado, quatro iniciativas colocam os interesses do indivíduo acima dos do grupo (*Regeneração rural*, *Gestão da Terra e Natureza\_1*, *Sensibilização e educação* e *Gestão da Terra e Natureza\_2*), nunca interferindo na vida pessoal dos seus membros. Nas duas restantes iniciativas não se vive em comunidade e por isso não se aplica a análise desta prática. Na maioria dos projetos defende-se a integração de diferentes gerações, mas apenas em três iniciativas vivem crianças (*Transição\_1*, *Uso da Terra e Comunidade* e *Gestão da Terra e Natureza\_2*). A forma como as decisões são tomadas difere de iniciativa para iniciativa e também conforme se trate de uma decisão relacionada com as tarefas diárias ou com decisões que afetem mais profundamente os projetos, como decisões orçamentais. Na maioria das iniciativas (*Saúde e bem-estar espiritual*, *Regeneração rural*, *Gestão da Terra e Natureza\_1*, *Transição\_1* e *Gestão da Terra e Natureza\_2*) funciona uma estrutura hierárquica, isto é, as decisões são tomadas pelos líderes, mas em duas destas (*Gestão da Terra e Natureza\_1* e *Gestão da Terra e Natureza\_2*) estes acrescentaram que as decisões menores do dia-a-dia são tomadas de baixo para cima. Nas restantes iniciativas os processos de tomada de decisão variam entre a sociocracia (*Economia e Finanças*), ou seja, por consentimento e delegada a círculos semiautónomos, o consenso (*Economia e Finanças*, *Transição\_1* e *Sensibilização e educação*), a descentralização (existência de vários órgãos de decisão) (*Sensibilização e educação* e *Uso da Terra e Comunidade*) e a democracia direta (*Permacultura\_1*), em que cada pessoa tem poder de voto. Finalmente, em relação à gestão dos conflitos, algumas iniciativas têm uma estratégia bem definida, como a aposta na prevenção em *Economia e Finanças* e *Gestão da Terra e Natureza\_2* (através do incentivo ao convívio, promoção de um sentido de comunidade, respeito pela vida privada, transparência orçamental), e na discussão em grupo dos problemas pessoais e coletivos, como nos projetos *Saúde e bem-estar* e *Uso da Terra e Comunidade*, acompanhada de sessões de meditação

no caso do primeiro. Outras iniciativas referem a estratégia do diálogo aberto (*Regeneração rural, Gestão da Terra e Natureza\_1 e Transição\_1*), com possível mediação por parte dos líderes. A iniciativa *Permacultura\_1* mencionou o bom senso como estratégia de resolução de conflitos e a *Sensibilização e educação* não parece ter qualquer estratégia definida para esta situação. Um quadro resumo das práticas sociais de cada iniciativa pode ser consultado em anexo (Anexo 10).

### *Práticas económicas*

As nove iniciativas estudadas têm modos de financiamento diferentes e, muitas vezes, fontes de financiamento múltiplas. A maioria delas gera rendimentos através das suas atividades, nomeadamente, cursos, retiros ou formações ou ainda venda de produtos (produtos alimentares biológicos, mel, artesanato, entre outros). Outras recorrem a apoios financeiros comunitários ou a subsídios estatais (*Gestão da Terra e Natureza\_1 e Gestão da Terra e Natureza\_2*), a empréstimos bancários (*Gestão da Terra e Natureza\_1, Permacultura\_1*) ou ainda a donativos (*Saúde e bem-estar, Uso da Terra e Comunidade*). Contudo, em cinco iniciativas, os capitais próprios dos membros representam uma parte significativa do financiamento. Este capital é injetado pelos líderes (*Regeneração rural*) ou seus familiares (*Transição\_1*), mas, na maioria das iniciativas, são os membros que contribuem periodicamente com uma renda (*Saúde e bem-estar espiritual, Sensibilização e educação e Uso da Terra e Comunidade*), indo, de quando, em quando, trabalhar e ganhar dinheiro fora da iniciativa. Em cinco iniciativas alguns ou todos os membros são remunerados, de forma pontual (*Saúde e bem-estar espiritual e Regeneração rural*) ou contínua (*Gestão da Terra e Natureza\_1, Permacultura\_1 e Gestão da Terra e Natureza\_2*), sendo que nas iniciativas *Gestão da Terra e Natureza\_1 e Gestão da Terra e Natureza\_2* todos os trabalhadores são remunerados e existem tetos mínimos e máximos de rendimento por forma a manter as remunerações mais equitativas. Os resultados obtidos para cada iniciativa podem ser consultados em anexo (Anexo 11).

### *Práticas espirituais*

A grande maioria das iniciativas tem por base uma ideologia de carácter espiritual, mas que nem sempre se traduz em práticas espirituais regulares ou obrigatórias aos membros. Os líderes podem seguir práticas espirituais, como a meditação e o *shamanismo*, e disponibilizá-las aos voluntários que estejam interessados (*Regeneração rural*), trabalhar no desenvolvimento pessoal informalmente (*Transição\_1*) ou praticar yoga e convidar os restantes membros a juntar-se caso sintam vontade (*Gestão da Terra e da Natureza\_2*). A dimensão espiritual estava totalmente ausente nas iniciativas *Gestão da Terra e da Natureza\_1 e Sensibilização e educação*, não existindo práticas espirituais regulares, atividades de desenvolvimento pessoal ou qualquer filosofia de cariz espiritual subjacente aos seus objetivos. Os resultados para cada iniciativa encontram-se no Anexo 12.

## **3.2. Os participantes. Motivações e visões do mundo.**

Descrevem-se, de seguida, as características sociodemográficas do conjunto dos participantes entrevistados e ainda a relação que estes têm com a iniciativa e o seu grau de satisfação com a mesma.

Posteriormente, referem-se as motivações que os levaram a envolver-se nas respetivas iniciativas e, finalmente, apresentam-se os resultados respeitantes às suas visões do mundo.

### 3.2.1. Caracterização sociodemográfica

Com base nas respostas aos inquéritos efetuados, apurou-se o tipo de pessoas envolvidas nas 9 iniciativas (Quadro 7). Durante este trabalho foram entrevistadas 32 pessoas, 8 fundadores e 24 não fundadores. Das 32 pessoas, 24 foram classificadas como «membros», isto é, pessoas ativamente envolvidas na iniciativa de forma permanente ou intermitente, residentes ou não, remuneradas ou não. 7 pessoas consideraram-se «voluntários», pois estavam envolvidos no projeto por um período de tempo limitado e não eram remunerados, podendo residir ou não na iniciativa. Uma pessoa estava a desenvolver um programa de estágio curricular não remunerado numa das iniciativas aquando da visita da autora, sendo classificado de «estagiário». A amostra contava com 14 mulheres e 18 homens, com idades compreendidas entre os 21 e os 68 anos, maioritariamente solteiros (16) e casados ou envolvidos numa relação em união de facto (13). Não existiam idosos dependentes dos membros entrevistados e apenas nas iniciativas *Transição\_1*, *Uso da Terra e Comunidade* e *Gestão da Terra e Natureza\_2* havia crianças. A maioria dos entrevistados tinha nacionalidade portuguesa (12) e britânica (9), sendo que existiam na amostra 29 europeus, 2 sul-americanos e 1 norte-americano, todos de origem urbana. Representavam um conjunto de indivíduos com altos níveis de escolaridade, tendo 1 pessoa completado apenas o 11º ano, doze o ensino secundário (mas oito chegaram a frequentar um curso universitário), 1 um curso profissional (tendo também frequentado um curso universitário), 13 a licenciatura e 5 o mestrado. As áreas de especialização dos cursos superiores eram variadas: Ciências Sociais (5), Ciências do Ambiente (4), Artes (3), Engenharias (2), Letras (2), Ciências da Saúde (1), Economia e Gestão (1), tendo um indivíduo completado duas licenciaturas, uma em Ciências do Ambiente e outra em Ciências Sociais. Dos 32 entrevistados, três estão envolvidos na iniciativa há menos de 1 mês, nove entre 1 mês e 1 ano, treze entre 1 ano e 5 anos e sete há mais de 5 anos. Estes dedicam na sua maioria mais de 40 horas semanais ao projeto, mas apenas onze participantes são remunerados pelo seu trabalho. 4 membros de *Saúde e bem-estar* são pontualmente remunerados por aulas, retiros e eventos, enquanto todos os membros entrevistados nas iniciativas *Gestão da Terra e Natureza\_1*, *Permacultura\_1*, *Gestão da Terra e Natureza\_2* e *Permacultura\_2* eram pagos pelo seu trabalho. 6 entrevistados, quase todos voluntários, têm acesso a alojamento e alimentação gratuitos. As restantes pessoas não recebem qualquer remuneração pelo seu trabalho, tendo que contribuir para as despesas, que podem ser apenas pontuais, por exemplo deslocações diárias ou para eventos (*Economia e Finanças*, *Regeneração rural*), ou rendas mensais que variam entre 125 (*Sensibilidade e educação*) e 600 (*Uso da Terra e Comunidade*) euros por mês, nos casos em que essa informação foi partilhada com a autora. Nas iniciativas *Saúde e bem-estar* e *Uso da Terra e Comunidade*, alguns membros precisam de passar períodos fora do país a trabalhar para poder pagar os períodos de residência e trabalho na iniciativa.

Aos inquiridos foi ainda perguntado qual o nível de satisfação em relação à iniciativa em que estavam envolvidos, dando-se a possibilidade de classificar o mesmo numa escala de 0 a 10, em que

0 significava «Não estou nada satisfeito» e 10 «Estou muitíssimo satisfeito». Todas as respostas foram positivas (> 5), com a maioria dos entrevistados a dar uma classificação de pelo menos 8.

**Quadro 7 – Resumo dos dados sociodemográficos da amostra em estudo.**

Total entrevistados: n= 32		Frequência	Percentagem (%)
Fundador/ Não fundador	Fundador	8	25
	Não fundador	24	75
Tipo	Membro	24	75
	Estagiário	1	3,1
	Voluntário	7	21,9
Género	Feminino	14	43,8
	Masculino	18	56,3
Idade	Menos de 30 anos	7	21,9
	Entre 30-39 anos	9	28,1
	Entre 40 e 49 anos	10	31,3
	Mais de 49 anos	6	18,8
Estado civil	Solteira/o	16	50
	Casada/o	6	18,8
	União de facto	7	21,9
	Divorciada/o	3	9,4
Nacionalidade	Norte e Centro Europa	15 (dos quais 9 são britânicos)	46,9
	Sul Europa	14 (dos quais 12 são portugueses)	43,8
	América do Norte	1	3,1
	América do Sul	2	6,3
Naturalidade	Urbana	32	100
	Rural	0	0
Nível de escolaridade	11º ano	1	3,1
	12º ano	12 (8 com frequência universitária)	37,5
	Cursos técnico-profissionais	1 (com frequência universitária)	3,1
	Licenciatura	13 (1 completou duas licenciaturas)	40,6
	Mestrado	5 (1 frequenta doutoramento)	15,6
Área especialização	Ciências Sociais	5	15,6
	Ciências do Ambiente	4	12,5
	Artes	3	9,4
	Outras (Engenharias, Letras, Ciências da Saúde, Economia e Gestão)	6	18,8
Duração do envolvimento	Menos de 1 mês	3	9,4
	1 mês – 1 ano	9	28,1
	1 ano – 5 anos	13	40,6
	Mais de 5 anos	7	21,9
Tempo dedicado	< 5h / semana	3	9,4
	25h / semana	1	3,1
	30 – 40h / semana	9	28,1
	>40h / semana	19	59,4
Remuneração	Sim	11	34,4
	Não	15	46,9
	Alojamento e alimentação	6	18,8
Níveis de satisfação (escala de 0 a 10)	[ 10-8 ]	20	62,5
	] 7-5 ]	11	34,4
	Não responde	1	3,1
	Média: 8,23		

### 3.2.2. Motivações.

Solicitou-se aos entrevistados o seguinte exercício acerca das suas motivações para fundarem ou se juntarem à iniciativa em que estão envolvidos: classificar, numa escala de *Likert* entre 1 (Nada

importante) e 5 (Muito importante), as motivações possíveis apresentadas em lista pré-definida; os indivíduos podiam ainda referir outras motivações não contempladas na lista, caso achassem necessário. As motivações listadas foram posteriormente agrupadas em três categorias: ecológicas/sustentabilidade, retorno ao rural e filosóficas/existenciais. Feito o apuramento (Quadro 8), podemos verificar que as motivações mencionadas como mais importantes para o conjunto dos indivíduos pertenciam à categoria «ecológicas/sustentabilidade», sendo a motivação «Contribuir para uma sociedade mais sustentável» a que teve uma pontuação média mais alta. Por seu lado, as motivações menos importantes pertencem à categoria «retorno ao rural» e são nomeadamente «Estava desempregado ou à procura do primeiro emprego» e «Abandono da cidade». As causas ambientais parecem constituir as principais motivações para que esta amostra de indivíduos tenha fundado ou se tenha envolvido nas iniciativas, sem que isto signifique a subalternização de outros aspetos, pois muitas pessoas não deram importância a determinadas motivações uma vez que estas já as guiavam nas suas escolhas de vida muito antes da decisão de se juntarem à iniciativa. Assim, havia por exemplo muitos entrevistados que já não viviam em meio urbano há muito e, como tal, abandonar a cidade não tinha constituído uma motivação para aderir ou fundar a iniciativa.

**Quadro 8** - Lista de motivações para os indivíduos se juntarem ou fundarem a iniciativa, respetiva categoria e resultados (médias e desvio padrão).

<b>Categoria</b>	<b>Motivação</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
ecológicas/sustentabilidade	Contribuir para uma sociedade mais sustentável	<b>4,78</b>	0,491
	Pode ser uma solução para o futuro	<b>4,74</b>	0,631
	Viver de uma forma mais sustentável	<b>4,72</b>	0,523
	Procura do contacto com a natureza	<b>4,38</b>	0,942
	Aprender sobre sustentabilidade	3,63	1,338
	Aprender sobre ecologia	3,22	1,289
filosóficas/existenciais	Mudar de vida ou procurar novas formas de viver	<b>4,28</b>	0,924
	Ser útil	3,91	1,594
	Viver uma experiência diferente	3,91	1,201
	Expressar/Aderir à filosofia da iniciativa	3,84	1,344
	Procura de um sentido de identidade	2,31	1,424
retorno ao rural	Procura de uma vida ligada à agricultura	3,41	1,316
	Aprender sobre permacultura	3,28	1,464
	Procura de uma vida em comunidade	3,03	1,47
	Abandono da cidade	<b>2,06</b>	1,501
	Estava desempregado ou à procura do primeiro emprego	<b>1,41</b>	1,132

### 3.3.3. Visões do mundo

As visões do mundo dos participantes foram apuradas a partir da pontuação dada pelos entrevistados às afirmações selecionadas do inquérito de Hedlund-de Witt, A. *et al.* (2014). O Quadro 9 mostra a lista das afirmações que serviram para caracterizar as visões do mundo dos membros das iniciativas e os resultados obtidos para o conjunto dos membros (médias e desvios padrão). As afirmações encontram-se organizadas de acordo com os cinco fatores identificados por Hedlund-de

Witt *et al.* (2014) na amostra do seu estudo: crescimento interno, espiritualidade contemporânea, Deus tradicional, foco no dinheiro e materialismo secular. Estes fatores foram mantidos nesta dissertação para fins de interpretação dos resultados. O fator crescimento interno assemelha-se à descrição pós-romântica de Taylor, pois diz respeito à existência de um domínio interior no indivíduo e no mundo que o rodeia, traduzindo-se este em expressões como «riqueza interior», «sentimento e intuição» e a ligação intrínseca entre o ser humano e o mundo. A espiritualidade contemporânea refere-se à compreensão da vida como explicitamente espiritual ou divina, mas de uma forma mais contemporânea, com referências a uma realidade com alma, à reencarnação, aos seres humanos como tendo um centro espiritual ou divino e ao universo como dando expressão a uma inteligência criativa. O Deus tradicional refere-se ao divino compreendido de uma forma mais tradicional, com referências ao «Deus acima da Terra», rejeitando que o desenvolvimento da vida na Terra é pura coincidência e defendendo que o ser humano é o único ser na Terra com consciência. O foco do dinheiro diz respeito à motivação de ganhar dinheiro e aspirar a uma vida de qualidade com bens materiais. Apesar de não expressar uma visão do mundo compreensiva pois não abarca as cinco dimensões do IWF, neste trabalho considerou-se que estas afirmações eram indicativas de uma visão do mundo associada ao paradigma do crescimento económico. O secularismo material atribui apenas um significado utilitário à vida, defende a dicotomia mente-corpo e tem como única fonte de conhecimento a ciência, refletindo ainda uma orientação sociopolítica de liberalismo individualista. Neste trabalho este fator foi considerado como indicativo de uma visão do mundo iluminista.

Os resultados mostram que predominam os fatores espiritualidade contemporânea e crescimento interno (pós-romantismo). Os fatores foco no dinheiro (crescimento económico) e materialismo secular (iluminismo) apresentam valores muito baixos. O fator Deus tradicional obteve também pontuações significativas em três das cinco afirmações, mas este, não tendo sido mencionado em mais nenhuma das fontes bibliográficas consultadas, considerou-se que sairia fora do âmbito do trabalho a que a autora se tinha proposto, e não foi, por isso, aqui estudado.

**Quadro 9** - As visões do mundo dos entrevistados, pontuações (média e desvio padrão) por fatores e dimensões do *Integrative Worldview Framework*.

Fator (Visão do mundo)	Afirmações para caracterizar as visões do mundo (dimensões IWF)	Média	Desvio padrão
Materialismo secular (Iluminismo)	Eu acredito que o ser humano é por natureza, isto é, na sua essência, bom. (an)	4,28	0,958
	Toda a gente tem de tomar conta de si próprio e defender-se. (vs)	3,29	1,371
	A coisa mais importante da minha vida é que eu me divirta e seja feliz. (ax)	2,91	1,201
	Eu quase nunca reflito sobre o significado e o propósito da vida. (e/ax)	1,31	0,821
	A ciência é a única fonte válida de conhecimento. (e)	<b>1,23</b>	0,425
	Eu não acho que o corpo e a mente estejam intimamente ligados. (an/o)	<b>1,25</b>	0,803
Foco no dinheiro (Crescimento económico)	Eu ambiciono ter um estilo de vida luxuoso e confortável. (ax)	<b>1,81</b>	1,12
	Ganhar muito dinheiro é bastante importante para mim. (ax)	1,44	0,948
	Quanto mais dinheiro eu puder gastar, maior qualidade de vida eu tenho. (ax)	<b>1</b>	0

Deus tradicional	Guardo regularmente um momento para reflexão, oração ou meditação. (e/ax)	4,59	0,756
	O que as pessoas chamam de Deus existe acima de nós mas também aqui no mundo à nossa volta. (o)	4,19	1,306
	Deus está acima da vida na terra. (o)	2,19	1,352
	É pura coincidência que a vida humana se tenha desenvolvido na terra. (inverso) (o)	1,72	1,054
	O ser humano é o único ser na Terra com consciência. (an/o)	1,44	0,914
Espiritualidade contemporânea (Espiritualidade contemporânea)	Eu acredito que cada ser humano tem uma essência espiritual ou divina. (an)	<b>4,81</b>	0,535
	Eu vejo a terra e a humanidade como parte de uma realidade espiritual ou dotada de uma alma. (o)	<b>4,78</b>	0,42
	Já tive experiências que se podem chamar de espirituais. (e/o)	<b>4,75</b>	0,508
	Eu acredito que o universo dá expressão a uma inteligência criativa. (o)	4,44	1,076
	Eu acredito em reencarnação, ou seja, que nós renascemos neste mundo depois de morrermos. (an)	3,78	1,211
	Eu acho a ideia de espiritualidade ou algo espiritual completamente sem sentido. (inverso) (o)	<b>1,32</b>	0,871
Crescimento interno (Pós-romantismo)	O crescimento interno é bastante importante para mim. (e/ax)	<b>4,78</b>	0,553
	O mundo só pode ser mudado se primeiro houver uma mudança interna no indivíduo. (vs)	<b>4,72</b>	0,729
	Eu vejo a vida como um grande processo de crescimento. (o)	4,66	0,602
	Para além da ciência, os sentimentos e a intuição são necessários para conhecer a realidade. (e)	4,63	0,907
	A riqueza tanto pode ser encontrada dentro de nós como no mundo à nossa volta. (o/an)	4,61	0,615
	Eu quero contribuir para a sociedade à minha maneira, que é única. (ax)	3,47	1,414

Legenda: an= antropologia; ax= axiologia; e= epistemologia; o= ontologia; vs= visão societal

Os resultados obtidos através da análise de conteúdo dos discursos líderes e das respostas dos membros às afirmações coincidem quanto ao predomínio da espiritualidade contemporânea e à fraca presença de elementos típicos do crescimento económico. Contudo, enquanto os membros entrevistados parecem ter uma visão do mundo que mistura elementos do pós-romantismo e da espiritualidade contemporânea, os discursos dos líderes refletem uma visão do mundo marcadamente *New Age* (espiritualidade contemporânea), mas que tende ou para os valores do Romantismo/Pós-romantismo ou Iluminismo/Crescimento económico. A análise das visões do mundo dos membros produziu ainda resultados muito homogêneos, não sendo visível a divisão em três grupos que se encontrou nos discursos.

### 3.3. Avaliação do sucesso

#### 3.3.1. Fatores de sucesso

Identificaram-se os fatores de sucesso definidos pela bibliografia de referência nas iniciativas estudadas. O Quadro 10 mostra em detalhe as médias obtidas em cada item dos fatores de sucesso pelo conjunto das iniciativas, permitindo perceber que itens mais prejudicam ou beneficiam cada fator. O fator «Perceção da existência de uma crise no regime» possui um único item e obteve a pontuação

geral mais alta (em *ex aequo* com outro item), isto é, a grande maioria dos entrevistados percebe a existência de uma crise no regime e uma oportunidade para as práticas do nicho oferecerem soluções. Todos os itens do fator «Construção de redes» obtiveram pontuações altas. No que diz respeito à «Disponibilidade de recursos», os itens que mais beneficiam o fator são a aposta na organização em subgrupos, a utilização de infraestruturas críticas, a disponibilidade de tempo dos membros se dedicarem aos projetos e os altos níveis de escolaridade dos membros do grupo coordenador. Os itens que mais o prejudicam são a pouca preocupação em representar efetivamente a diversidade/ as minorias da comunidade local e em ter um grupo coordenador com formação específica. Ainda assim, este fator atinge uma pontuação global satisfatória. Já em relação à «Gestão das expectativas e visões», dois itens prejudicam a pontuação geral, em especial o facto da maioria das iniciativas não abordar temas mais fáceis primeiro e temas mais complexos num estágio avançado, mas também o aspeto das expectativas sobre o que o nicho pode oferecer não serem amplamente partilhadas, específicas, realistas e atingíveis. Os fatores «Processos de aprendizagem» e «Contexto social local» possuem cada um apenas um item que beneficia a pontuação geral, mostrando que estes não estão a ser geridos adequadamente pelas iniciativas estudadas. Ainda assim, mesmo negligenciando esses dois fatores, sete das nove iniciativas conseguem alcançar pontuações positivas, tendo por isso potencial para ter sucesso. Os resultados obtidos individualmente por cada iniciativa e para cada fator de sucesso podem ser consultados no Anexo 7.

**Quadro 10** - Médias dos resultados obtidos para cada item dos fatores de sucesso.

Fatores de sucesso	Hipótese: Um nicho/iniciativa tem sucesso quando...	Média
Gestão das expectativas e visões	As expectativas sobre o que o nicho pode oferecer são amplamente partilhadas, específicas, realistas e atingíveis	1,00
	Tem um estatuto legal que facilita a interação com outros atores como as autoridades locais	1,56
	Consegue limitar o conflito ideológico interno e/ou geri-lo positivamente	1,44
	Aborda temas mais fáceis primeiro e temas mais complexos num estágio avançado	0,33
<b>Média</b>		<b>1,08</b>
Construção de redes	Está bem interligado com uma série de atores, que apoiam o nicho com recursos.	1,44
	Gere bem a comunicação interna	1,33
	Gere bem a comunicação externa	1,44
	É capaz de cooperar ou agir em parceria com outras organizações (ex.: autoridades, empresas, <i>media</i> locais)	1,33
<b>Média</b>		<b>1,39</b>
Processos de aprendizagem	A aprendizagem é de primeira (dentro do quadro de referência dominante) e de segunda ordem (questionamento desse quadro de referência, para mudar os padrões de pensamento e ação)	0,89
	Processos de aprendizagem estão standardizados e há produção e circulação de conhecimento	1,33
	Formação interna em assuntos práticos / técnicos e ideológicos (incluindo aspetos sociopsicológicos que levam ao crescimento da iniciativa e do nicho)	1,00
	Formação externa em assuntos práticos / técnicos e ideológicos, com aprendizagem experiencial em vez de cognitiva.	0,89
<b>Média</b>		<b>1,03</b>
Contexto social local	Se localiza num <i>milieu</i> alternativo (= alta densidade localizada de instituições, redes, grupos e práticas contra culturais)	0,67
	Se localiza num local (rural, aldeia, vila) no qual as redes sociais são mais densas e o capital social mais alto	1,00
	Está localizado num contexto em que os restantes atores vêm a iniciativa (transição) como positiva	1,25
<b>Média</b>		<b>0,97</b>

<b>Disponibilidade de recursos</b>	Utiliza infraestruturas críticas (ex.: salas de reuniões, computadores, etc.)	<b>1,67</b>
	Consegue assegurar financiamento	<b>1,00</b>
	Os seus membros têm um tempo significativo para se dedicar às atividades da iniciativa (de transição)	<b>1,67</b>
	Recruta ativamente os seus membros	<b>1,33</b>
	Pode depender de pessoal remunerado, não dependendo demasiado do trabalho de voluntários	<b>0,89</b>
	Tem um grupo coordenador	<b>2,00</b>
	Tem um grupo coordenador grande	<b>1,11</b>
	Está organizado em subgrupos (temáticos ou de acordo com os projetos)	<b>1,78</b>
	A maioria dos seus membros tem uma idade específica	<b>1,00</b>
	Um nº significativo dos membros do grupo coordenador têm formação específica (gestão de grupos, motivação, <i>coaching</i> )	<b>0,50</b>
	Representa efetivamente a diversidade/ as minorias da comunidade local	<b>0,43</b>
	O grupo de fundadores é grande	<b>0,56</b>
	Um nº significativo de membros do grupo coordenador têm níveis de escolaridade altos e consequentemente competências necessárias para o desenvolvimento da iniciativa (transição)	<b>1,60</b>
<b>Média</b>	<b>1,24</b>	
<b>Perceção da existência de uma crise</b>	Indivíduos percecionam a existência de uma crise no regime (perceção dos indivíduos) e uma oportunidade para práticas do nicho oferecerem soluções.	<b>1,78</b>
<b>Média</b>	<b>1,78</b>	

Fonte: Fichas de apuramento dos fatores de sucesso de cada iniciativa e respetiva classificação. (Anexo 7)

Os resultados gerais da identificação dos fatores de sucesso nas iniciativas estudadas e respetivas médias (ordenados por classificação geral obtida) podem ser consultados no Quadro 11. De acordo com a classificação utilizada (0 – fator ausente; 1 – fator pouco presente/presente; 2 – fator muito presente) conclui-se que apenas duas iniciativas não apresentam fatores suficientes que lhes permitam ter sucesso (*Economia e Finanças* e *Transição\_1*). Todas as restantes iniciativas obtiveram uma pontuação positiva (acima dos 50% ou 6 pontos), apesar de algo baixa no seu conjunto (7,3). Algumas iniciativas destacam-se por ter pontuações relativamente mais altas que as restantes, nomeadamente *Gestão da Terra e Natureza\_2* e *Permacultura\_1* que obtiveram mais de 9 pontos, sendo por isso as iniciativas com maior potencial para ter sucesso. Existem três fatores de sucesso nos quais as iniciativas apostam bastante - «Perceção de existência de uma crise», «Construção de redes» e «Disponibilidade de recursos» - e três que negligenciam - «Contexto social local», «Processos de aprendizagem» e «Gestão das expectativas». A «Construção de redes» e a «Gestão das expectativas» são os fatores que mais separam as iniciativas com maior potencial de sucesso das de menor. No que respeita o «Contexto social local» e a «Perceção da existência de uma crise», as diferenças são pouco significativas entre as iniciativas com maior e menor potencial de sucesso (Quadro 12).

**Quadro 11** - Resultados gerais da identificação dos fatores de sucesso nas iniciativas estudadas e respectivas médias (ordenados por classificação geral obtida).

Iniciativa	Classificação geral (máx: 12 pontos)	Fatores de sucesso					
		Percepção existência crise	Construção de redes	Disponibilidade de recursos	Gestão das expectativas	Processos de aprendizagem	Contexto social local
9	9,54	2	2	1,54	1,75	1,5	0,75
6	9,39	2	2	1,64	1,5	1,25	1
8	8,27	2	1,5	1,27	1,25	1,75	0,5
4	8,17	2	2	1,42	1,5	0,75	0,5
2	7,67	2	0,75	1,17	1,25	2	0,5
7	7,25	1	1,5	1,5	0,75	0,5	2
3	6,28	2	1,5	1,2	0,75	0,5	0,33
1	5,53	2	0,5	0,78	0,75	1	0,5
5	3,62	1	0,75	0,62	0,25	0	1
<b>Média</b>	<b>7,3</b>	<b>1,78</b>	<b>1,39</b>	<b>1,24</b>	<b>1,08</b>	<b>1,03</b>	<b>0,97</b>

Legenda: 1 – Economia e Finanças; 2 – Saúde e bem-estar espiritual; 3 – Regeneração rural; 4 – Gestão da Terra e Natureza\_1; 5 - Transição\_1; 6 - Permacultura\_1; 7 - Sensibilização e educação; 8 - Uso da Terra e Comunidade; 9 - Gestão da Terra e Natureza\_2. Fonte: Fichas de apuramento dos fatores de sucesso de cada iniciativa e respetiva classificação. (Anexo 7)

**Quadro 12** – Fatores que mais separam as iniciativas com maior potencial de sucesso das de menor.

Iniciativa	Classificação geral (máx: 12 pontos)	Fatores de sucesso					
		Gestão das expectativas	Construção de redes	Processos de aprendizagem	Contexto social local	Disponibilidade de recursos	Percepção existência crise
Com maior potencial sucesso							
9	9,54	1,75	2	1,5	0,75	1,54	2
6	9,39	1,5	2	1,25	1	1,64	2
<b>Média</b>	<b>9,47</b>	<b>1,63</b>	<b>2</b>	<b>1,38</b>	<b>0,88</b>	<b>1,59</b>	<b>2</b>
Com menor potencial sucesso							
1	5,53	0,75	0,5	1	0,5	0,78	2
5	3,62	0,25	0,75	0	1	0,62	1
<b>Média</b>	<b>4,58</b>	<b>0,5</b>	<b>0,63</b>	<b>0,5</b>	<b>0,75</b>	<b>0,7</b>	<b>1,5</b>
Distância entre médias							
	<b>4,89</b>	<b>1,13</b>	<b>1,37</b>	<b>0,88</b>	<b>0,13</b>	<b>0,89</b>	<b>0,5</b>

Legenda: 1 – Economia e Finanças; 5 - Transição\_1; 6 - Permacultura\_1; 9 - Gestão da Terra e Natureza\_2. Fonte: Fichas de apuramento dos fatores de sucesso de cada iniciativa e respetiva classificação. (Anexo 7)

### 3.3.2. Indicadores de sucesso

Uma leitura dos resultados médios obtidos para a lista completa de indicadores (Quadro 13) permite-nos concluir que as iniciativas têm passado por processos de replicação essencialmente internos (aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias, número de edifícios construídos, publicações ou cursos oferecidos) e que estas não se têm replicado para o exterior, quer aumentando a sua distribuição geográfica ou contribuindo para a formação de outras iniciativas. Também nos processos de crescimento, o único item que envolve o crescimento da iniciativa para o exterior das suas fronteiras físicas (Aumento área geográfica ao longo do tempo) obteve uma pontuação menor que 1. Esta tendência verifica-se ainda de forma óbvia nos processos de transposição que, por definição, envolvem a transferência de ideias do nicho para o exterior ou contexto dominante, sendo os resultados visivelmente fracos. Quanto ao critério «Duração», a existência de 7 iniciativas consideradas jovens ou muito jovens (<10 anos) faz com que a pontuação média seja baixa. Olhando para todos os indicadores, aqueles que mais contribuem para o sucesso das iniciativas analisadas são o *Aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias através de inovação, aprendizagem e experimentação* e o *Aumento do nº de projetos desenvolvidos ao longo do tempo*. Por seu lado, é a falta da aposta no *Crescimento da distribuição geográfica das iniciativas, no Aumento do nº de iniciativas (transição) ao longo do tempo*,

no N<sup>o</sup> de ideias/sistemas/processos desenvolvidos pela iniciativa e adotados por instituições do contexto dominante que mais penaliza o sucesso das iniciativas. Os resultados obtidos individualmente por cada iniciativa e para cada indicador podem ser consultados no Anexo 8.

**Quadro 13** - Média dos resultados obtidos para cada indicador.

	Indicadores de sucesso	Média
1. Replicação	Aumento do n <sup>o</sup> de iniciativas (transição) ao longo do tempo;	0,56
	Crescimento da distribuição geográfica das iniciativas;	0,22
	Envolvimento do grupo ou membros na formação de outra(s) iniciativa de base;	0,78
	N <sup>o</sup> de edifícios construídos (usando técnica x) ao longo do tempo;	1,33
	Aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias através de inovação, aprendizagem e experimentação;	1,44
	N <sup>o</sup> de publicações (livros, artigos) acerca da tecnologia usada, ideologia, etc.;	1,33
	N <sup>o</sup> de cursos oferecidos para disseminação das tecnologias, ideologias, etc..	1
2. Crescimento em escala	Aumento do n <sup>o</sup> de membros (ativos) ao longo do tempo;	1,33
	Aumento do n <sup>o</sup> de projetos desenvolvidos ao longo do tempo;	1,44
	Aumento da área geográfica de atuação ao longo do tempo;	0,89
	As tecnologias/técnicas inovadoras têm a capacidade de serem produzidas/utilizadas em massa (planos, materiais e técnicas standardizados, e podem resultar num negócio);	1,33
	Progresso interno realizado (ingredientes de Transição, permacultura, passos completos para obterem algum tipo de acreditação ou pertencerem a uma rede, etc.).	1,22
3. Transposição	As mensagens do movimento são promovidas por atores <i>mainstream</i> ;	1,11
	N <sup>o</sup> de ideias/sistemas/processos desenvolvidos pela iniciativa e adotados por instituições do contexto dominante (ex.: formações às autoridades locais);	0,71
	N <sup>o</sup> de projetos/parcerias desenvolvidos em cooperação com instituições do contexto dominante;	1
	N <sup>o</sup> de projetos/parcerias desenvolvidos em cooperação com a comunidade local;	0,78
	Abertura do regime dominante: Beneficiam de medidas governamentais de encorajamento;	1
	Adaptação do nicho ao regime: Nicho cede a pressões regulamentais para cumprir <i>standards</i> e sobreviver;	1,11
	Projeto intermédio.	1
4. Duração	0-5 anos: 0; 0; 5-10 anos: 1; >10 anos: 2.	0,78

Fonte: Fichas de apuramento dos indicadores de sucesso de cada iniciativa e respetiva medição. (Anexo 8)

Com base nos indicadores de sucesso definidos e nos resultados obtidos para cada iniciativa (Quadro 14), podemos verificar que existem 4 iniciativas com pontuação negativa (inferior a 50% ou a 4 pontos) – *Sensibilização e educação, Regeneração rural, Economia e Finanças e Transição\_1* - e 5 iniciativas com um resultado positivo (superior a 50% ou a 4 pontos) – *Gestão da Terra e Natureza\_2, Uso da Terra e Comunidade, Permacultura\_1, Saúde e bem-estar espiritual e Gestão da Terra e Natureza\_1*. No geral para o sucesso têm contribuído essencialmente processos de crescimento em escala e é a duração da iniciativa o tipo de indicador que mais afeta a pontuação das iniciativas, sendo quatro delas muito jovens (menos de 5 anos de existência). Dentro do conjunto de iniciativas com menos de 5 anos, tanto *Gestão da Terra e Natureza\_1* como *Sensibilização e educação* têm significativamente mais sucesso que as restantes. Esta última, se não fosse penalizada pela sua juventude, poderia ser considerada globalmente de sucesso, tendo valores associados aos processos de crescimento em escala e transposição bastante altos. No conjunto das iniciativas que contam com 5-10 anos de existência, destacam-se *Permacultura\_1* e *Saúde e bem-estar espiritual* pela positiva. Já *Regeneração rural*, mesmo sendo eliminada a penalização do indicador «Duração», continua a não mostrar sucesso. A amostra estudada tem um sucesso algo fraco, mas que é muito penalizado pela juventude dos projetos e também pela menor ocorrência de processos de replicação e transposição.

**Quadro 14** – Resultados gerais dos quatro tipos de indicadores para cada iniciativa, ordenados de acordo com a classificação geral.

Iniciativa	Classificação geral (máx.=8)	Tipos de Indicadores de sucesso			
		Duração	Replicação	Transposição	Crescimento em escala
9	6,31	2	1	1,71	1,6
8	5,8	2	1,29	0,71	1,8
6	5,4	1	1,29	1,71	1,4
2	4,8	1	1,71	0,29	1,8
4	4,29	0	0,86	1,43	2
7	3,75	0	0,86	1,29	1,6
3	3,32	1	0,43	1,29	0,6
1	1,26	0	0,86	0	0,4
5	0,29	0	0,29	0	0
<b>Média</b>	<b>3,97</b>	<b>0,78</b>	<b>0,95</b>	<b>0,94</b>	<b>1,24</b>

Legenda: 1 – *Economia e Finanças*; 2 – *Saúde e bem-estar espiritual*; 3 – *Regeneração rural*; 4 – *Gestão da Terra e Natureza\_1*; 5 - *Transição\_1*; 6 - *Permacultura\_1*; 7 - *Sensibilização e educação*; 8 - *Uso da Terra e Comunidade*; 9 - *Gestão da Terra e Natureza\_2*. Fonte: Fichas de apuramento dos indicadores de sucesso de cada iniciativa e respetiva medição. (Anexo 8)

## CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO

Neste capítulo discutem-se os resultados do capítulo anterior, tirando-se importantes conclusões acerca dos paradigmas que estão a ser vividos nas iniciativas de base estudadas, do seu sucesso e das pessoas que as constituem.

### *Os novos paradigmas*

A análise das visões do mundo dos membros e dos líderes (ou seus representantes) das iniciativas estudadas e o levantamento das práticas ambientais, sociais, económicas e espirituais foram realizados para compreender que paradigmas estão a ser experimentados nas iniciativas de base desenvolvidas em Portugal em meio rural. Os resultados da análise das visões do mundo presentes nos discursos dos líderes, ou seus representantes, permitiram detetar diferenças entre iniciativas de acordo com a visão preponderante. A visão do mundo iluminista/crescimento económico domina em três iniciativas (*Gestão da Terra e Natureza\_1*, *Sensibilização e educação* e *Permacultura\_1*), a romântica/pós-romântica em outras três (*Regeneração rural*, *Transição\_1* e *Uso da Terra e Comunidade*) e a espiritualidade contemporânea nas restantes iniciativas (*Economia e Finanças*, *Saúde e bem-estar espiritual* e *Gestão da Terra e Natureza\_2*). Nas iniciativas onde predomina a visão iluminista/crescimento económico, a visão romantismo/pós-romantismo está totalmente ausente no discurso e o inverso também ocorre, à exceção da iniciativa *Transição\_1*, mas sem grande significado. Desta forma, estes resultados parecem confirmar a existência de uma tensão entre as visões iluminista e romântica na paisagem cultural contemporânea tal como preconizado por Taylor (1989). De acordo com este autor as duas visões do mundo tendem a manifestar-se de forma diferente no que respeita ao modo como os problemas ecológicos devem ser solucionados, dada a influência que as visões do mundo têm na relação entre o homem e o ambiente. Contudo, a presença significativa de valores da espiritualidade contemporânea, que incidem em todas as iniciativas na dimensão visão societal, contradiz essa ideia. Na forma como a sociedade se deve organizar e solucionar os seus problemas (incluindo os ecológicos), existe uma convergência de ideologia notável no sentido desta visão do mundo. A dicotomia acima referida também não é confirmada na análise das visões do mundo dos membros, que revelou um conjunto de indivíduos muito homogêneo, com visões do mundo essencialmente pautadas pela espiritualidade contemporânea e pelo pós-romantismo. Não é possível tirar elações acerca da visão societal a partir desta análise, pois essa dimensão foi pouco explorada. Os resultados podem sugerir que existe alguma divergência entre as visões do mundo dos líderes (ou seus representantes) e os restantes elementos. Porém, estes devem ser lidos com algum cuidado uma vez que as visões do mundo foram analisadas de duas formas diferentes, não sendo comparáveis entre si, e nenhuma delas explorava de forma equitativa as cinco dimensões do modelo IWF aqui utilizado ou as cinco visões do mundo estudadas. Assim, embora a tensão entre as visões iluminista/crescimento económico e romantismo/pós-romantismo esteja refletida em diferenças nos discursos dos líderes ou seus representantes, ela convive com uma forte visão do mundo da espiritualidade contemporânea. Esta convivência permite que, ao contrário do que Taylor (1989) defende, visões do mundo aparentemente contrárias partilhem visões societais e origem projetos que se identificam com um mesmo movimento, neste caso o movimento de iniciativas de base em Portugal e, em particular, a

Rede Convergir. Tendo em conta que na perceção dos entrevistados as iniciativas estudadas pretendem ser um exemplo de uma alternativa à forma como a sociedade vive atualmente e ainda inspirar outros a seguir caminhos alternativos, entende-se que elas sejam expressão do surgimento de uma nova cultura, a cultura da espiritualidade contemporânea, já referida por Hedlund-de Witt (2011).

A análise das práticas ambientais, sociais, económicas e espirituais das iniciativas estudadas ajuda a compreender como esta cultura se manifesta na vida concreta. As práticas ambientais seguidas por todas as iniciativas mostram que os comportamentos pró-ambientais são uma parte importante da vida destes projetos. De acordo com Hedlund-de Witt (2011) a visão do mundo da espiritualidade contemporânea tem potencial para promover o desenvolvimento sustentável e, de facto, todas as iniciativas cumprem bastantes estratégias relativas à poupança, conservação e gestão da água e energia, à redução dos resíduos e à proteção e restauração da biodiversidade e dos ecossistemas. Fazem ainda esforços para produzir o próprio alimento, sempre de modo biológico e/ou em permacultura e a maioria segue uma dieta de origem não animal - aspetos que diminuem consideravelmente a pegada ecológica destes projetos. A preocupação com as questões ambientais está ainda patente na análise das motivações dos membros para fundar ou juntar-se às iniciativas, em que «Contribuir para uma sociedade mais sustentável», «Procura do contacto com a natureza», «Aprender sobre sustentabilidade» e «Pode ser uma solução para o futuro» mostraram ser de significativa importância para os entrevistados. As iniciativas que obtiveram os melhores resultados relativamente às práticas ambientais (por exemplo, a iniciativa *Gestão da Terra e Natureza\_1*) não são necessariamente aquelas cujo discurso estava mais fortemente marcado pelas ideias da visão do mundo da espiritualidade contemporânea. Ainda assim, uma vez que não parece existir qualquer ligação entre as restantes visões do mundo e a avaliação das práticas ambientais, sugere-se que a visão do mundo da espiritualidade contemporânea exerça uma influência significativa sobre a escolha de adotar estratégias pró-ambientais nestes projetos, sem ser única nessa influência. Hedlund-de Witt (2011) identifica também os riscos que podem advir de uma visão do mundo associada à espiritualidade contemporânea. Foi possível reconhecer a presença de alguns deles nas iniciativas estudadas. A existência de comportamentos e tendências narcisistas foi percecionada em três iniciativas. Discursos egocêntricos e algo pretensiosos, manipulação pelos líderes de membros psicologicamente mais frágeis ou a rejeição da cultura e língua portuguesa são alguns exemplos. A instrumentalização e comercialização da espiritualidade contemporânea parece ocorrer em pelo menos uma das iniciativas, onde as práticas espirituais são utilizadas para tornar os membros dependentes dos líderes e da sua filosofia e, conseqüentemente, das inúmeras formações oferecidas. Outro risco, verificado em dois projetos, prende-se com a crença de que se chegou a uma crise evolutiva e que a transformação é um processo inevitável. Esta ideia resulta num maior foco dos membros no desenvolvimento pessoal, não existindo uma manifestação física da mudança necessária, numa altura em que se precisam de projetos concretos no terreno que façam a diferença. Ademais, quando as iniciativas concretizam o processo de transformação, este beneficia principalmente quem já está envolvido no movimento de iniciativas de base em Portugal e não a sociedade em geral, o que pode contribuir para a marginalização destes projetos.

Relativamente às práticas sociais parece haver uma grande diversidade dentro da amostra na forma como os conflitos são geridos e as decisões tomadas, apesar de ainda dominar a estrutura hierárquica. Já no que diz respeito à gestão da vida pessoal e coletiva, as iniciativas optam por colocar os interesses do indivíduo sobre os do grupo (4 iniciativas) ou vice-versa (3 iniciativas). A diversidade encontrada e até a falta de estratégias em algumas iniciativas pode indicar que o nicho de iniciativas de base em Portugal ainda se encontra num período inicial de crescimento e, conseqüentemente, de experimentação, não tendo ainda consolidado e convergido em regras estabelecidas, como a teoria de nichos prevê. Já em relação às práticas económicas, as iniciativas dependem bastante da oferta de cursos e formações e da injeção de capitais dos próprios membros que vão à sociedade englobante ganhar dinheiro, o que as torna pouco sustentáveis economicamente e põe em risco a sua existência numa sociedade em que o dinheiro é imprescindível para um projeto sobreviver. Quanto às práticas espirituais, verificou-se que a dimensão espiritual tem um lugar importante na grande maioria das iniciativas, mas que raramente são impostas práticas espirituais regulares. Esta ausência de dogmatismo e autoritarismo é uma das características fundamentais da espiritualidade contemporânea, confirmando-se mais uma vez a presença desta visão do mundo na amostra estudada.

Concluindo, nas iniciativas de base estudadas parece estar a ser experimentado um novo paradigma que assenta ideologicamente na espiritualidade pós-cristã «New Age» (espiritualidade contemporânea). Esta traduz-se aparentemente em práticas pró-ambientais, na linha do desenvolvimento sustentável, e ainda em práticas espirituais que respeitam a escolha e liberdade individuais. A espiritualidade contemporânea parece, porém, não ter encontrado ainda a sua voz relativamente à forma como se manifesta em termos sociais e económicos. Nestes âmbitos, encontram-se iniciativas que ainda funcionam nos mesmos termos que a sociedade dominante, tendo um carácter pouco inovador: tomam-se decisões de forma hierárquica; apenas existe a opção de colocar o coletivo sobre o indivíduo ou o oposto; o financiamento continua dependente do regime dominante. Contudo, observam-se algumas práticas que, embora timidamente inovadoras, podem contribuir para alternativas viáveis. São exemplos disso a diversificação dos processos de tomada de decisão em algumas iniciativas e na forma como os conflitos são geridos, a implementação de tetos máximos e mínimos nas remunerações, as atividades de desenvolvimento pessoal existentes que permitem uma melhor compreensão e resolução dos problemas pessoais e coletivos. Estas práticas e estratégias, por serem pouco radicais, podem inclusivamente difundir-se mais facilmente pelo regime dominante e beneficiar no futuro a sociedade em geral. É importante referir que a relação que as iniciativas estudadas estabelecem com o regime dominante não parece ser de oposição absoluta, como foi por exemplo observado por Halfacree (2007) na Grã-Bretanha. Apesar de defender que opera fora do domínio do paradigma dominante, o nicho de iniciativas de base do Portugal rural não parece pretender destruir o sistema, mas funcionar em paralelo ou até em conjunto com o mesmo. Os projetos mostraram-se geralmente bastante abertos para trabalhar com o regime ou mesmo a criar algo de novo a partir de dentro do regime. Para além disso, a maioria dos projetos estudados não se revê como um projeto de âmbito rural. Sendo assim, as iniciativas de base da amostra não são um exemplo das ruralidades radicais descritas por Halfacree (2007).

### O sucesso das iniciativas de base

Neste trabalho avaliou-se o sucesso das iniciativas de base identificando-se fatores de sucesso e medindo-se indicadores de sucesso pré-definidos. Ao contrário de outros trabalhos, em que são utilizadas grandes amostras que permitem um tratamento estatístico dos dados mais detalhado, aqui foram estudados poucos projetos não sendo possível um trabalho de quantificação semelhante. No entanto, o estudo de uma amostra menor permitiu conhecer em profundidade cada iniciativa e uma avaliação mais complexa da amostra. Assim sendo, na avaliação do sucesso interessa essencialmente analisar as maiores diferenças dos resultados. Estes mostram que existe uma concordância entre as classificações obtidas na identificação dos fatores e na medição dos indicadores. Foram identificados mais fatores de sucesso nas iniciativas 9 (*Gestão da Terra e Natureza\_2*), 8 (*Uso da Terra e Comunidade*) e 6 (*Permacultura\_1*) e o maior sucesso foi também medido nas mesmas iniciativas. Menos fatores foram identificados nas iniciativas 3 (*Regeneração rural*), 1 (*Economia e Finanças*) e 5 (*Transição\_1*), e são estas também as iniciativas com menor sucesso. Dois fatores de sucesso - «Contexto social local» e «Perceção da existência de uma crise» - obtiveram classificações semelhantes, tanto em iniciativas com maior potencial de sucesso, como nas de menor. Desta forma, sugere-se que estes dois fatores não sejam os maiores contribuintes para o sucesso de uma iniciativa de base, pelo menos no contexto português, ao contrário do que é defendido em Seyfang e Longhurst,(2013), Feola e Nunes (2014) e Longhurst (2015). No caso do fator «Contexto social local», a localização num *milieu* alternativo não parece ter influência no potencial de sucesso das iniciativas. Isto pode dever-se ao facto do movimento de iniciativas de base em Portugal ser ainda jovem, não existindo locais que possam ser considerados verdadeiros *milieus* alternativos, isto é, com uma alta densidade de instituições, redes, grupos e práticas contra cultura. Efetivamente, com base nas informações da Rede Convergir, é difícil localizar altas densidades de iniciativas de base, para além daquelas localizadas nas áreas da Grande Lisboa e Porto (maioritariamente urbanas e não rurais), onde também se encontram inúmeras instituições, redes, grupos e práticas da cultura dominante. As iniciativas estudadas, embora localizadas em meios rurais onde as redes sociais podem ser mais densas, estavam geralmente afastadas fisicamente das vilas ou aldeias, não tendo muitas vezes contacto com a população local, nem beneficiando do capital social aí existente, prejudicando a avaliação do fator «Contexto social local». Os resultados homogéneos obtidos no fator «Perceção da existência de uma crise» também não são surpreendentes. Quando questionados acerca das motivações para o envolvimento no projeto, 81,3% dos inquiridos disseram acreditar que este poderia constituir uma solução para o futuro, mostrando assim que a perceção da existência de uma crise já existiria, sendo esta uma força motora para aderir ou fundar a iniciativa.

Na medição dos indicadores considera-se que o indicador «Duração» terá penalizado em demasia os resultados, pois de acordo com o mesmo apenas duas iniciativas têm uma avaliação verdadeiramente positiva. Num estudo de Feola e Nunes (2014) sobre o sucesso e fracasso de iniciativas do Movimento Transição, os autores concluíram que as iniciativas de muito ou bastante sucesso existiam há cerca de quatro anos. Contudo, na sua amostra constavam 276 iniciativas e o movimento existe apenas desde 2005. A amostra aqui estudada era muito menor e os seus projetos apresentavam idades compreendidas entre os 2 e os 20 anos, pelo que fez mais sentido optar por um

outro sistema de classificação que refletisse as diferenças entre as 9 iniciativas. Caso se tivesse usado o indicador estabelecido pelo trabalho de Feola e Nunes (2014), os resultados produzidos teriam sido bem diferentes para o indicador «Duração»: seis das nove iniciativas teriam sido consideradas de muito ou bastante sucesso. Existem ainda dois valores nos resultados da medição dos indicadores de sucesso que se destacam. As iniciativas 8 (*Uso da Terra e Comunidade*) e 2 (*Saúde e bem-estar espiritual*), ou seja, a segunda e a quarta iniciativa de maior sucesso respetivamente, obtiveram classificações bastante baixas no tipo de indicador «Transposição», onde se avaliam as parcerias e as ligações entre a iniciativa e o contexto dominante. Coloca-se assim a questão da possibilidade de uma transformação sociotécnica poder ocorrer apenas por processos de replicação e crescimento em escala, isto é, apenas com o apoio do próprio nicho, sem que haja intervenção do regime dominante. Essa possibilidade contrariaria a conclusão de Seyfang (2010) de que uma transformação sociotécnica não pode ser alcançada pelo nicho apenas e de que é necessário um certo contexto político e social para que práticas e ideias do nicho sejam transpostas para o regime dominante. Dada a reduzida dimensão da amostra não é possível retirar conclusões definitivas, mas uma vez que as iniciativas 8 e 2 existem há 20 e 8 anos, respetivamente, e são constituídas por mais de 50 membros cada uma sugere-se que é pelo menos possível o nicho expandir-se por si só até um certo ponto, que pode ser suficiente para ter alguma influência na sociedade em geral. A iniciativa 8, por exemplo, é hoje uma grande referência nacional e internacional ao nível da vida comunitária em eco-aldeias. Nesse sentido seria interessante incluir na medição do sucesso um indicador que medisse o progresso feito ao nível de *networking* interno ao nicho, que parece poder ser tão importante como o externo. Por exemplo, a iniciativa 3 (*Regeneração rural*), atinge uma avaliação alta no fator «Construção de redes» (1,5) pois três dos quatro itens dizem respeito à ligação com o exterior, mas esta não dedica nenhum esforço ou tempo na construção de ligações dentro do nicho, o que a prejudica bastante. É uma iniciativa que não conhecia sequer a Rede Convergir à altura das entrevistas, não tinha conhecimento das restantes iniciativas de base em Portugal ou dos eventos que são organizados e juntam as pessoas envolvidas no movimento, nem das oportunidades existentes a nível de financiamento estatal e comunitário para projetos semelhantes. Defende-se, pois, que tanto os indicadores como os fatores de sucesso definidos pela literatura (Geels e Schot, 2007; Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013; Feola e Nunes, 2014; Dóci *et al.*, 2015; Longhurst, 2015) não captam adequadamente a influência que uma boa construção de redes internas pode ter para o crescimento do nicho de iniciativas de base.

### *As pessoas por trás das iniciativas*

As entrevistas realizadas revelaram um conjunto de membros muito homogéneo ao nível das suas origens (maioritariamente europeias e totalmente urbanas), com altos níveis de escolaridade e em geral satisfeitos com a iniciativa em que estão envolvidos, apesar de dois terços não receber qualquer remuneração pela sua dedicação ao projeto, na maioria envolvendo mais de 30h semanais. Estas pessoas parecem ainda ser altamente motivadas por questões ecológicas e de sustentabilidade, o que as terá levado a juntarem-se aos projetos. Não é de estranhar, pois, que a análise das suas visões do mundo tenha mostrado vários elementos da espiritualidade contemporânea e do pós-romantismo. A primeira tem como ideia central que existe uma força divina na natureza, que deve ser

respeitada, e que aliada ao sentido agudo de urgência e crise ecológica, pode motivar as pessoas a terem uma ética de serviço e uma profunda noção de responsabilidade pelos outros e pela Terra. A ocorrência de um «chamamento» ou um «sentido de missão» foram inclusivamente razões referidas por alguns membros para se envolverem nos projetos. A segunda visão do mundo postula que a humanidade faz parte da natureza, com a qual deve viver em harmonia e sintonia. Reconhecer o seu lugar na natureza é a forma da humanidade resolver os problemas ecológicos. Assim, as motivações ecológicas destas pessoas incentivaram-nas a juntarem-se a ou a fundar projetos onde se seguem práticas amigas do ambiente, como se verificou na avaliação das práticas ambientais das iniciativas estudadas.

A forte presença da visão do mundo pós-romântica no conjunto dos participantes não foi detetada na análise de conteúdo do discurso dos líderes ou seus representantes, sugerindo uma eventual discrepância entre as visões do mundo dos líderes e dos entrevistados. Não sendo possível confirmar este aspeto na estrita análise da informação relativa às visões do mundo, pode-se, no entanto, acrescentar que em duas iniciativas se observou haver expectativas diferentes por parte dos líderes e dos membros em relação ao que estas poderiam oferecer. Um líder de uma delas referiu que o desenvolvimento pessoal não era uma prioridade, mas os seus membros mencionaram problemas de comunicação, ausência de convívio e eventos culturais como aspetos a melhorar. Em muitas das iniciativas visitadas eram precisamente os momentos dedicados ao desenvolvimento pessoal que proporcionavam a resolução de conflitos pessoais e interpessoais, a convivialidade e criavam o sentido de comunidade e, conseqüentemente, uma cultura própria. Para o líder da segunda iniciativa o projeto não tinha o intuito de «viver a comunidade», mas os membros entrevistados mostraram-se insatisfeitos com a ausência de momentos para troca de experiências e baixa qualidade das relações humanas que se estabeleciam dentro do projeto. Assim, defende-se que a lista de fatores de sucesso de uma iniciativa de base deveria incluir aspetos sociopsicológicos que são extremamente importantes para o recrutamento e manutenção de membros. Como defendido por Seyfang e Haxeltine (2012), são necessárias estratégias que construam uma identidade de grupo, promovam a coesão de grupo e criem um sentido de propósito coletivo para o nicho crescer e consolidar. No estudo de Feola e Nunes (2014) acerca do Movimento Transição, a função social, refletida nos valores da convivialidade, divertimento ou sentido de comunidade, foi também mencionada pelos membros das iniciativas como sendo um aspeto determinante para o sucesso das mesmas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho estudaram-se nove iniciativas de base localizadas em meio rural em Portugal continental com o intuito de dar resposta às quatro perguntas de investigação iniciais. Estas iniciativas regem-se por visões do mundo diferentes - iluminista/crescimento económico, romantismo/pós-romantismo ou espiritualidade contemporânea-, mas todas partilham elementos da espiritualidade contemporânea ao nível das suas visões sociais. Entende-se assim que estas iniciativas sejam uma expressão do surgimento de uma cultura da espiritualidade contemporânea em Portugal. Esta manifesta-se na vida concreta em comportamentos pró-ambientais, que promovem o desenvolvimento sustentável. Encontra-se, contudo, numa fase de experimentação em relação às suas práticas sociais e económicas, que assumem um carácter algo inovador, mas não radicalmente novo. Com base em fatores e indicadores de sucesso concluiu-se que pelo menos cinco das nove iniciativas têm potencial para se expandir e influenciar a sociedade em geral. A ausência de radicalismo nas iniciativas pode constituir uma mais-valia e facilitar a aceitação e difusão de novas práticas para o regime dominante. As iniciativas de base estudadas parecem inclusivamente interessadas em trabalhar em paralelo ou em conjunto com o próprio sistema dominante. O grande desafio será estes projetos manterem-se fiéis à sua filosofia num sistema altamente homogeneizador e baseado numa economia de mercado.

Encontraram-se várias dificuldades ao longo deste estudo. A escolha de estudar uma amostra pequena e em profundidade não permitiu um tratamento estatístico fino dos dados. A abrangência da investigação gerou resultados múltiplos, complexos e de difícil análise. O tema, abordado no meio académico apenas nos últimos anos, encontra-se ainda em definição e muito do vocabulário associado está pouco estabilizado. E surgiu muitas vezes a questão de como analisar adequadamente um conjunto de iniciativas de base que vive segundo paradigmas alternativos tendo como quadro de referência o paradigma atual. Nesse contexto seria interessante analisar por que assume o modelo Perspetiva Multinível que as inovações de nicho sigam apenas trajetórias que levam a uma homogeneização do regime, seja como consequência da competição entre o nicho e o regime em vigor, do colapso do regime ou da absorção das inovações de nicho pelo regime existente. Se uma mudança de paradigma requer pensar fora do confinamento do paradigma que lhe antecede, então mais estudos deveriam ser conduzidos para explorar outras possibilidades, como por exemplo a convivência de vários regimes em paralelo ou uma coexistência harmoniosa entre vários nichos e um regime dominante. Para terminar, colocam-se duas questões: Vivem-se paradigmas alternativos nas iniciativas aqui estudadas? E são estas iniciativas experiências *in-vitro* de potenciais sociedades futuras? Com base no estudo realizado a autora crê que a mudança de paradigma é algo por que todos os entrevistados anseiam e para a qual trabalham ao nível pessoal e coletivo com espírito de missão. Ainda existe um longo caminho a percorrer, pois os paradigmas alternativos ainda não se manifestam em todas as dimensões sociais, nem existe na maioria das iniciativas participantes suficientes para conduzir experiências verdadeiramente comunitárias. Contudo, não há dúvida que existe um movimento a crescer em Portugal e, de acordo com a amostra estudada e a metodologia utilizada, este tem potencial para se expandir e influenciar a nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, J. (2013) – *Projeto de Reabilitação Urbana - Eco Aldeia Cabeço Monteiro (Idanha-a-Nova)*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior.
- BELYAKOVA, O. (2012) – *Da Sustentabilidade Local à Global. Aveiro – Município em Transição*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, Universidade de Aveiro.
- BOIANOVSKY, M. & HOOVER, K.D. (2014) - In the Kingdom of Solovia: The Rise of Growth Economics at MIT, 1956–70. *History of Political Economy*, 46, pp. 198-228.
- BOOTH, P. (2006) - *Towards a Liberal Utopia?*, London, Continuum – IEA Institute of Economic Affairs 2006, 226 p.
- CORREIA, S. (2011) – *Uma Aproximação da Permacultura ao Design - O caso do sanitário ecológico em contexto rural*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.
- DAWSON, J. (2010) – *Ecovillages. New Frontiers for Sustainability*. Schumacher Briefings 12. Devon, Green Books, 94 p.
- DÓCI, G.; VASILEIADOU, E. & PETERSEN, A.C. (2015) - Exploring the transition potential of renewable energy communities. *Futures*, 66, pp. 85–95.
- ESTEVES, M. (2010) – *Sustentabilidade e bem-estar humano: duas faces da mesma moeda? Estudo exploratório do bem-estar subjectivo em comunidades intencionais que vivem segundo princípios de sustentabilidade*. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Nova de Lisboa.
- GIDDENS, A. (1990) - *The Consequences of Modernity*. Cambridge, Polity Press, 200 p.
- FEOLA, G. & NUNES, R. (2014) - Success and failure of grassroots innovations for addressing climate change: The case of the Transition Movement. *Global Environmental Change*, 24, pp. 232–250.
- FERGUSON, R.S. & LOVELL, S.T. (2014) – Permaculture for agroecology: design, movement, practice, and worldview. A review. *Agronomy for Sustainable Development*, 34 (2), pp 251-274.
- GEELS, F.W. (2002) – Technological transitions as evolutionary reconfiguration processes: a multi-level perspective and a case-study. *Research Policy*, 31, pp. 1257–1274.
- GEELS, F.W. & SCHOT, J. (2007) – Typology of sociotechnical transition pathways. *Research Policy*, 36, pp. 399–417.
- HALFACREE, K. (2007) - Trial by space for a 'radical rural': Introducing alternative localities, representations and lives. *Journal of Rural Studies*, 23, pp. 125–141.

- HEDLUND-DE WITT, A. (2011) - The rising culture and worldview of contemporary spirituality: A sociological study of potentials and pitfalls for sustainable development. *Ecological Economics*, 70, pp. 1057–1065.
- HEDLUND-DE WITT, A. (2012) - Exploring worldviews and their relationships to sustainable lifestyles: Towards a new conceptual and methodological approach. *Ecological Economics*, 84, pp. 74–83.
- HEDLUND-DE WITT, A.; BOER, J.; BOERSEMA, J.J. - Exploring inner and outer worlds: A quantitative study of worldviews, environmental attitudes, and sustainable lifestyles. *Journal of Environmental Psychology*, 37, pp. 40-54.
- HOLMGREN, D. (2011) – *Permaculture. Principles & Pathways Beyond Sustainability*. Hampshire, Permanent Publications, 286 p.
- HOPKINS, R. (2008) – *The Transition Handbook. From oil dependency to local resilience*. Devon, Green Books, 240 p.
- HOUTMAN, D. & AUPERS, S. (2007) - The Spiritual Turn and the Decline of Tradition: The Spread of Post-Christian Spirituality in 14 Western Countries, 1981–2000. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 46(3), pp. 305–320.
- INGEBRIGTSEN, S. & JAKOBSEN, O. (2012) - Utopias and realism in ecological economics - Knowledge, understanding and improvisation. *Ecological Economics*, 84, pp. 84–90.
- IPCC, 2007: Climate Change 2007: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Core Writing Team, Pachauri, R.K and Reisinger, A. (eds.)]. IPCC, Geneva, Switzerland, 104 pp.
- KEMP, R. (2009) - Eco-innovation and transitions. *Economia delle fonti di energia e dell'ambiente*, 1, pp. 103-124.
- KEMP, R.; SCHOT, J. & HOOGMA, R. (1998) – Regime Shifts to Sustainability Through Processes of Niche Formation: The Approach of Strategic Niche Management. *Technology Analysis & Strategic Management*, 10 (2), pp. 175-195.
- KOLTKO-RIVERA, M.E. (2004) – The Psychology of Worldviews. *Review of General Psychology*, 8 (1), pp. 3–58.
- LONGHURST, N. (2015) - Towards an 'alternative' geography of innovation: Alternative milieu, socio-cognitive protection and sustainability experimentation. *Environmental Innovation and Societal Transitions*.
- MAHESHVARANANDA, D. & BRANCH, M. (2010) – The Progressive Utilization Theory (PROUT): alternative economic and spiritual model for the welfare of all. Working USA: The Journal of Labor and Society, 13, pp. 31–40.

- MÄLGAND, M.; BAY-MORTENSEN, N.; BEDKOWSKA, B.; HANSEN, F.N.; SCHOW, M.; THOMSEN, A.A. & HUNKA, A.D. (2014) - Environmental awareness, the Transition Movement, and place: Den Selvforsynende Landsby, a Danish Transition initiative. *Geoforum*, 57, pp. 40–47.
- MARTÍNEZ-ALIER, J.; PASCUAL, U.; VIVIEN, F.D. & ZACCAI, E. (2010) Sustainable de-growth: Mapping the context, criticisms and future prospects of an emergent paradigm. *Ecological Economics*, 69, pp. 1741–1747.
- MATOS, F. (2011) - *Pensando a resiliência e a sustentabilidade das cidades: Experiências na Iniciativa de Transição em Telheiras (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa.
- MIDDLEMISS, L. & PARRISH, B.D. (2010) - Building capacity for low-carbon communities: The role of grassroots initiatives. *Energy Policy*, 38, pp. 7559–7566.
- MILFONT, T.L. & DUCKITT, J. (2004) - The structure of environmental attitudes: A first- and second-order confirmatory factor analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 24, pp. 289–303.
- MULUGETTA, Y.; JACKSON, T.; VAN DER HORST, D. (2010) - Carbon reduction at community scale. *Energy Policy*, 38, pp. 7541–7545.
- PIRES, C. (2012) – *Ecoaldeias: Construindo Alternativas. Estudo exploratório do movimento social das Ecoaldeias através do Global Ecovillage Network, Tamera e Los Angeles Ecovillage*. Dissertação de Mestrado. ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa.
- QUENTAL, N., LOURENÇO, J.M. & SILVA, F.N. (2011) - Sustainable Development Policy: Goals, Targets and Political Cycles. *Sustainable Development*, 19, pp. 15–29.
- SANTOS, E. (2012) – *Quintã. Estratégias para Ordenamento Paisagístico*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- SCHMELZER, M. (2015) - The growth paradigm: History, hegemony, and the contested making of economic growthmanship. *Ecological Economics*, 118, pp. 262–271.
- SCHNEIDER, F.; KALLIS, G. & MARTÍNEZ-ALIER, J. (2010) - Crisis or opportunity? Economic degrowth for social equity and ecological sustainability. Introduction to this special issue. *Journal of Cleaner Production*, 18, pp. 511–518.
- SCHOT, J. & GEELS, F.W. (2008) - Strategic niche management and sustainable innovation journeys: theory, findings, research agenda, and policy. *Technology Analysis & Strategic Management*, 20 (5), pp. 537–554.
- SCHULTZ, P.W. & ZELEZNY, L. (1999) – Values as predictors of environmental attitudes: Evidence for consistency across 14 countries. *Journal of Environmental Psychology*, 19, pp. 255–265.

SCHULTZ, P.W.; SHRIVER, C.; TABANICO, J.J. & KHAZIAN, A.M. (2004) - Implicit connections with nature. *Journal of Environmental Psychology*, 24, PP. 31-42.

SEYFANG, G. & HAXELTINE, A. (2012) – Growing grassroots innovations: exploring the role of community-based initiatives in governing sustainable energy transitions. *Environment and Planning C: Government and Policy*, 30, pp. 381 – 400.

SEYFANG, G. & LONGHURST, N. (2013) - Desperately seeking niches: Grassroots innovations and niche development in the community currency field. *Global Environmental Change*, 23, pp. 881–891.

SEYFANG, G. & SMITH, A. (2007) - Grassroots Innovations for Sustainable Development: Towards a New Research and Policy Agenda. *Environmental Politics*, 16 (4), pp. 584 – 603.

WOODS, M. (2011) – *Rural*. Oxon, Routledge, 336 p.

## OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO

<http://earth-neighbours.com/> - acedido a 12 de maio de 2015.

<http://gen.ecovillage.org/> - acedido pela primeira vez a 10 de maio de 2015 e frequentemente ao longo do resto do ano.

<http://gen.ecovillage.org/en/article/what-ecovillage> - acedido a 13 de dezembro de 2015.

<http://gen.ecovillage.org/en/page/vision-mission-goals> - acedido a 14 de dezembro de 2015

<http://gen.ecovillage.org/en/projects/map> - acedido a 14 de dezembro de 2015.

<http://thesociocracygroup.com> – acedido a 18 de fevereiro de 2016.

<http://transicaoportugal.net/> - acedido a 11 de maio de 2015.

<http://www.biodivcanada.ca> – acedido a 14 de junho de 2015.

<http://www.britannica.com/biography/Thomas-S-Kuhn#ref168964> – acedido a 4 de dezembro de 2015.

<http://www.britannica.com/event/Enlightenment-European-history> - acedido a 4 de dezembro de 2015.

<http://www.britannica.com/art/Romanticism> - acedido a 4 de dezembro de 2015.

<http://www.caneloproject.com/> - acedido a 12 de março de 2016.

<http://www.context.org/iclib/> - acedido a 14 de dezembro de 2015.

<http://www.footprintnetwork.org/pt/index.php/GFN> - acedido a 2 de junho de 2015.

<http://www.gaia.org/gaia/gaiatrust/> - acedido a 14 de dezembro de 2015.

[www.ic.org](http://www.ic.org) - acedido a 11 de maio de 2015.

[https://www.montepio.pt/SitePublico/pt\\_PT/setor-social/financiamentos/linhas-credito-protocoladas/social-investe.page?altcode=LCSOCINV](https://www.montepio.pt/SitePublico/pt_PT/setor-social/financiamentos/linhas-credito-protocoladas/social-investe.page?altcode=LCSOCINV) - acedido a 21 de fevereiro de 2015.

<http://permaculturaportugal.ning.com/> - acedido a 12 de maio de 2015.

<http://portugal.ecovillage.org/> - acedido a 10 de maio de 2015.

<http://www.redeconvergir.net> - acedido pela primeira vez a 10 de maio de 2015 e acedido diariamente até ao fim do ano.

<http://www.redeconvergir.net/catalise> - acedido a 13 de dezembro de 2015.

<http://www.redeconvergir.net/iniciativas#!lat=39.568&lng=-8.707> – acedido a 14 de dezembro de 2015.

<http://www.redeconvergir.net/sobre> - acedido a 13 de dezembro de 2015.

<http://www.sustainablebuild.co.uk/InsulationMaterials.html> - acedido a 14 de junho de 2015.

<https://www.transitionnetwork.org> - acedido pela primeira vez a 11 de maio de 2015 e várias vezes ao longo do resto do ano.

<http://www.un.org/en/development/devagenda/habitat.shtml> - acedido a 14 de dezembro de 2015.

<http://www.worldvaluessurvey.org> - acedido a 11 de dezembro de 2015.

<http://www.woof.pt/home/> - acedido a 11 de maio de 2015.

<http://www3.epa.gov> – acedido a 14 de julho de 2015.

**ANEXOS**

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA INICIATIVA

A aplicar ao líder/ coordenador

Data:

### A. A INICIATIVA

1. Nome da iniciativa:
2. História. Descreva brevemente como teve início esta iniciativa. (natureza do grupo fundador, dimensão do grupo fundador, data de fundação; [quem, o quê, quando, onde, como, porquê])
3. Missão e objetivos. Qual a missão e os objetivos desta iniciativa?
4. Existência de um plano de orientação. Quais os passos que foram definidos para cumprir essa missão e esses objetivos?
5. Número de membros.
  - 5.1. Qual o número e o estatuto dos membros atuais?
    - Nº total de membros:
    - Residentes:
    - Não residentes:
    - Membros fundadores:
    - Colaboradores:
    - Colaboradores ocasionais:
    - Voluntários:
    - Estagiários:
    - Outro:
6. Remuneração. Há alguém que receba um salário (monetário ou não) da iniciativa pelo seu trabalho? Se sim, quantas pessoas recebem e qual a natureza do seu salário?
7. Estatuto legal. Qual o estatuto legal da iniciativa?
  - Não tem
  - Empresário ou comerciante em nome individual
  - Sociedade unipessoal por quotas
  - Sociedade em nome coletivo
  - Sociedade por quotas
  - Sociedade anónima
  - Sociedade anónima europeia
  - Sociedade civil
  - Sociedade civil sob forma comercial
  - Sociedade em comandita
  - Sociedade desportiva
  - Cooperativa
  - Associação
  - Fundação
  - Agrupamento complementar de empresas
  - Agrupamento europeu de interesse económico
  - Estabelecimento individual de responsabilidade limitada (EIRL)
  - Outro:
8. Acreditação. A iniciativa possui alguma acreditação? Se sim, qual?
  - Eco-villages
  - Transition Movement
  - Outra:

9. Pertença a rede nacional.
- 9.1. A iniciativa pertence a alguma rede nacional? Se sim, qual?  
 Rede Convergir  
 Rede Nacional de Iniciativas Transição  
 Rede TPP (Rede Transição e Permacultura em Portugal)  
 Outra:
- 9.2. Se não, tenciona aderir?

## B. AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

10. Tipo de atividades desenvolvidas aquando do início de vida da iniciativa. Que tipo de atividades eram desenvolvidas quando a iniciativa começou?

Temática	Tipo de atividade				Natureza da atividade	
	Formação (cursos, <i>workshops</i> , aulas)	Divulgação / Consciencialização	Produção / Fabrico	Consultadoria	Externa (público em geral)	Interna Obrigatória / Voluntária
Jardinagem						
Agricultura biológica						
Permacultura						
Culinária						
Construção ecológica						
Energias renováveis						
Ecologia						
Reciclagem						
Reutilização						
Artesanato						
Meditação						
Yoga						
Gestão de grupos						
<i>Coaching</i>						
Comunidade						
Apicultura						
Extração de óleos essenciais						
Plantas medicinais						
Cosmética natural						
Produtos de limpeza naturais						
Outras:						

11. Evolução das atividades ao longo do tempo. As atividades que a iniciativa desenvolve hoje continuam as mesmas?
12. Procura das atividades ao longo do tempo. No caso das atividades dirigidas ao público em geral, como tem evoluído a procura das mesmas desde o começo da iniciativa?
13. Projetos irmãos. A iniciativa deu origem a outros projetos que considere serem projetos-irmãos? Se sim, a iniciativa mantém a ligação a esses projetos?

## C. A ORGANIZAÇÃO

14. Grupo coordenador.

14.1. A iniciativa possui um grupo coordenador?

14.2. Se sim, qual a sua dimensão?

15. Organização em subgrupos. Os membros da iniciativa estão organizados em subgrupos (temáticos, por exemplo)?

16. Recrutamento.

16.1. Como é feito o recrutamento dos novos membros?

Não recruta ativamente membros

Contactos pessoais

*Workshops*

Eventos

*Websíte*

Materiais eletrónicos (*newsletters*)

Materiais impressos

Outros:

16.2. Como é feita a integração dos novos membros? (duração, formações obrigatórias, etc.)

17. Tomada de decisão. Dê-me 3 exemplos de decisões importantes que o grupo tenha tomado durante o ano passado. Qual foi o critério de tomada de decisão? (ex.: 1 pessoa – 1 voto; decisão é delegada no grupo coordenador, ...)

18. Resolução de conflitos. Dê-me 3 exemplos de conflitos internos que ocorreram durante o ano passado. Como foram esses conflitos solucionados?

19. Comunicação. Quais os meios utilizados pela iniciativa para comunicar internamente (dentro da iniciativa e com outras iniciativas semelhantes) e externamente?

Meios de comunicação	Interna (dentro da iniciativa)	Interna ao nicho (iniciativas semelhantes)	Externa
Contactos pessoais			
<i>Workshops</i>			
Eventos (conferências, encontros)			
<i>Website</i>			
<i>Blog</i>			
Materiais eletrónicos (ex.: <i>mailing list</i> )			
Materiais impressos			
<i>Newsletters</i>			
Registos			
Telefone			
E-mails			
Exposições			
Imprensa local			
Grupos <i>online</i>			
Redes sociais			
Não comunica			
Outros:			

20. Divulgação. Qual o número de publicações realizadas pela iniciativa?

Livros:

Artigos em revistas técnicas:

Artigos de investigação:

Vídeos *online*:

Outros:

21. Parcerias. Que tipo de parcerias é que existem ou existiram entre a iniciativa e outras instituições?

<b>Tipo de instituição</b>	<b>Nº de parcerias</b>	<b>Nome das instituições</b>	<b>Localização</b>	<b>Período (passado/atual)</b>
Autarquia				
<i>Mass media</i>				
Empresas locais				
Empresas sociais (ex.: IPSS)				
ONGs				
Outras iniciativas da Rede Convergir				
Com instituições educativas/ de investigação				
Organizações voluntárias				
Instituições de caridade				
Partidos políticos				
Outras				

#### D. RECURSOS

22. Propriedade. Quando a iniciativa começou, qual era a área ocupada pelas suas instalações? Qual a área ocupada atualmente?

23. Regime de propriedade. Qual o regime de propriedade das instalações da iniciativa?

24. Instalações e infraestruturas.

24.1. Que instalações e infraestruturas dispunha inicialmente a iniciativa?

Sala de reuniões  
 Escritório  
 Cozinha (comunitária)  
 Quartos  
 Casas de banho  
 Dojo  
 Computador  
 Impressora  
 Internet  
 Equipamento para realização e reprodução de vídeo  
 Outras:

24.2. Que instalações e infraestruturas a iniciativa dispõe atualmente?

Sala de reuniões  
 Escritório  
 Cozinha (comunitária)  
 Quartos  
 Casas de banho  
 Dojo  
 Computador  
 Impressora  
 Internet  
 Equipamento para realização e reprodução de vídeo  
 Outras:

25. Recursos financeiros.

25.1. Qual a percentagem de recursos financeiros provenientes de fonte externa à iniciativa?

Todos os fundos são externos (100%)

A maioria dos fundos são externos (75%)

Proporções semelhantes de fundos internos e externos (50%)

Poucos fundos externos (25%)

Nenhuns fundos externos (0%)

Não sabe

Não responde

Outra:

25.2. Qual a origem dos recursos financeiros externos?

Fundos comunitários

Apoios estatais

Doações

Não sabe

Não responde

Outra:

25.3. Como são repartidas as despesas e os ganhos dentro da iniciativa?

## E. AS PRÁTICAS AMBIENTAIS

26. Alimentação.

26.1. Qual a dieta praticada dentro da iniciativa?

Omnívora

Lacto-vegetariana

Vegetariana

Vegana

Macrobiótica

Outra:

26.2. A iniciativa produz o próprio alimento? Se sim, qual a percentagem de alimento que é produzida?

100%

75%

50%

25%

Outra:

26.3. Que tipo de agricultura é praticada pela iniciativa?

Biológica

Permacultura

Agro-ecológica

Outra:

27. Energia.

27.1. A iniciativa tem fontes de energia próprias? Se sim, quais?

27.2. Qual a percentagem de energia consumida que é proveniente de fontes próprias renováveis?

100%

75%

50%

25%

Outra:

27.3. Quais as estratégias utilizadas para poupar e gerir a energia?

<b>ENERGIA - Estratégias</b>	<b>S</b>	<b>N</b>	<b>NS</b>	<b>NR</b>
E1 - Utilização de lâmpadas de baixo consumo (lâmpadas fluorescentes compactas, LEDs)				
E2 - Utilização de eletrodomésticos A+, A++ ou A+++				
E3 - Equipamentos eletrónicos desligados a partir da tomada (evitando-se equipamentos em <i>stand-by</i> ou <i>off-mode</i> )				
E4 - Orientação a sul para ganhos solares e iluminação (aquecimento passivo)				
E5 - Paredes claras para refletir a luz natural				
E6 - Vidros duplos				
E7 - Paredes de trombe - parede maciça que absorve a energia solar que nela incide ao longo do dia, armazenando-a e irradiando calor para o interior da habitação no período da noite (aquecimento passivo)				
E8 - Utilização de estufas, que atenuam as trocas térmicas entre o interior e o exterior (aquecimento passivo)				
E9 - Ventilação natural (arrefecimento passivo)				
E10 - Controle da radiação solar das superfícies envidraçadas através de estores ou palas (arrefecimento passivo)				
E11 - Isolamento térmico de paredes				
E12 - Isolamento térmico de pavimentos				
E13 - Isolamento térmico natural (aglomerado de cortiça)				
E14 - Isolamento térmico convencional (espuma de poliuretano, lã de rocha, lã de vidro, poliestireno expandido, poliestireno extrudido)				
E15 - Certificação energética dos edifícios				
E16 - Certificação ambiental				
E17 - Preferência por produtos locais				
*E18 - Consumo consciente				
*E19 - Autossuficiente (independente da rede) com recurso a fontes renováveis				
*E20 - Construção tradicional				

Legenda: \*Práticas adicionadas após as entrevistas; S – Sim; N – Não; NS – Não sabe; NR – Não responde.

28. Água.

28.1. Quais as estratégias utilizadas para poupar, conservar e gerir a água?

<b>ÁGUA - Estratégias</b>	<b>S</b>	<b>N</b>	<b>NS</b>	<b>NR</b>
A1 - Inspeções anuais de fugas de água				
A2 - Fecho de torneiras durante banho, lavagem dos dentes, lavagem das mãos				
A3 - Preferência por duches em detrimento de banhos de imersão				
A4 - Utilização de chuveiros de baixo caudal e fluxo turbulento				
A5 - Na lavagem manual da loiça, enchimento do lava-loiças com água				
A6 - Lavagem de loiça em máquina com carga máxima				
A7 - Lavagem de roupa em máquina com carga máxima				
A8 - Utilização de sistemas de distribuição e irrigação eficientes				
A9 - Rega efetuada de manhã cedo ou à noite				
A10 - Uso de plantas nativas com baixas necessidades de água				
A11 - Agrupamento de plantas de acordo com as necessidades em água				
A12 - Armazenamento da água da chuva para rega				
A13 - Reutilização da água da chuva para fins diversos				
A14 - Reutilização da água de lavagem de frutos e vegetais				
A15 - Na ausência de sanitas secas, utilização de autoclismo de baixa capacidade (6 litros) ou de dupla dose (3 e 6 litros) e/ou colocação de objeto ou barreira dentro do autoclismo para diminuir o volume da descarga.				
A16 - Utilização de sanitas secas				
A17 - Utilização de produtos de limpeza amigos do ambiente/ não poluentes				
A18 - Utilização de produtos de higiene amigos do ambiente/ não poluentes				
A19 - Reciclagem/ Tratamento da água (ex.: plantas, filtros, ...)				
*A20 - Controlo da qualidade da água				
*A21 - Consumo consciente				
*A22 - Fora da rede (nascente, rio, furo, poço)				

Legenda: \*Práticas adicionadas após as entrevistas; S – Sim; N – Não; NS – Não sabe; NR – Não responde.

29. Transporte.

29.1. Como se deslocam os membros da iniciativa?

Meio de transporte	Curta distância	Longa distância
A pé		
Bicicleta		
Automóvel		
Motorizada		
Carrinha		
Comboio (transporte público)		
Autocarro (transporte público)		
Avião		
Sistema de <i>car-sharing</i>		
Outros:		

29.2. Qual o meio de transporte utilizado para o transporte de mercadorias?

Meio de transporte	Curta distância	Longa distância
A pé		
Bicicleta		
Automóvel		
Motorizada		
Carrinha		
Comboio (transporte público)		
Autocarro (transporte público)		
Avião		
Sistema de <i>car-sharing</i>		
Outros:		

30. Resíduos.

30.1. Quais as estratégias utilizadas para reduzir os resíduos?

RESÍDUOS - Estratégias	S	N	NS	NR
R1 - Preferência por produtos de longa duração e não descartáveis ou recarregáveis (panos de limpeza em tecido, lâminas de barbear recarregáveis, chávenas, canetas com recargas, pilhas recarregáveis, etc.)				
R2 - Preferência por produtos sem embalagem (sabão em vez de gel de banho, fruta avulso em vez de embalada, etc.)				
R3 - Reutilização e arranjo de equipamentos elétricos e eletrónicos em vez de eliminação				
R4 - Oferta de roupa que já não usa a instituições, amigos, etc.				
R5 - Compra de roupa em segunda mão				
R6 - Utilização de fraldas reutilizáveis				
R7 - Gestão eficiente dos alimentos (compra das quantidades que realmente precisa, armazenamento sob vácuo, utilização de restos para nova refeição, etc.)				
R8 - Utilização de e-mail em vez de fax ou correio				
R9 - Impressão frente e verso				
R10 - Impressão apenas das páginas que realmente precisa				
R11 - Reutilização de papel impresso para rascunho				
R12 - Recarregamento de tinteiros e <i>toners</i>				
R13 - Opção por materiais com rótulo ecológico				
R14 - Utilização de pilhas recarregáveis				
R15 - Preferência por produtos a granel				
R16 - Utilização de sacos reutilizáveis				
R17 - Compostagem				
R18 - Reciclagem				
R19 - Entrega de resíduos especiais ou perigosos em pontos de entrega seletivos (óleo, baterias, pilhas, etc.)				
*R20 – Desperdícios orgânicos usados como alimento de animais domésticos				

Legenda: \*Práticas adicionadas após as entrevistas; S – Sim; N – Não; NS – Não sabe; NR – Não responde.

31. Biodiversidade e ecossistemas.

31.1. Quais as estratégias de proteção e restauração da biodiversidade e ecossistemas utilizadas?

<b>BIODIVERSIDADE e ECOSSISTEMAS - Estratégias</b>	<b>S</b>	<b>N</b>	<b>NS</b>	<b>NR</b>
B1 - Uso de pesticidas				
B2 - Uso de adubos artificiais				
B3 - Estratégias para atrair polinizadores (abelhas, borboletas) Ex: Uso de flores específicas (amarelas, violetas/azuis com cheiro doce) para atração de abelhas; Colocação de ninhos artificiais para abelhas, etc.				
B4 - Estratégias para atrair insetos predadores				
B5 - Estratégias para atrair pássaros, pequenos mamíferos, morcegos, anfíbios. Ex: Uso de flores específicas para alimentar as lagartas de borboletas; Criação de ambientes propícios ao crescimento de insetos: poças, arbustos, etc.; Plantação de plantas nativas; Colocação de nichos artificiais.				
B6 - Reflorestação com árvores autóctones				
B7 - Monitorização da fauna (mapeamento e contagem de populações)				
B8 - Monitorização do habitat				
B9 - Reintrodução de espécies				
B10 - Restauração de habitats				
B11 - Limpeza de locais contaminados				
B12 - Controlo da qualidade do solo				
B13 - Recuperação dos solos				
B14 - Fabrico de solo				
B15 - Controlo da erosão do solo				
B16 - Controlo da qualidade da água				
B17 - Ações de conservação de espécies				
B18 - Realização de/ participação em ações de sensibilização ambientais				
B19 - Cooperação com reservas naturais locais				
B20 - Recolha e armazenamento de sementes autóctones				

Legenda: S – Sim; N – Não; NS – Não sabe; NR – Não responde.

32. Medicina.

32.1. Qual o tipo de medicina utilizada pelos membros da iniciativa?

- Natural
- Chinesa
- Ayurvédica
- Convencional
- Mista
- Outra:

## Entrevista a membro/voluntário/estagiário

### A) Informações pessoais

1. Nacionalidade
2. Naturalidade
3. Género
4. Idade
5. Estado civil  
Solteira/o  
Casada/o  
União de facto  
Divorciada/o  
Viúva/o  
Outro:
6. Descendência.
  - 6.1. Tem filhos?
  - 6.2. Se sim, vivem consigo?
  - 6.3. Se sim, quais as suas idades?
7. Escolaridade.
  - 7.1. Qual ao seu nível de escolaridade?  
4º ano concluído  
12º ano concluído  
Licenciatura  
Mestrado  
Doutoramento  
Outro:
  - 7.2. Qual a área em que se formou?
8. Formação.
  - 8.1. Frequentou algum tipo de formação relevante para o bom funcionamento da iniciativa?
  - 8.2. Se sim, alguma dessas formações foi obtida internamente à iniciativa?
  - 8.3. Se sim, as formações tinham um carácter obrigatório ou voluntário?

Formação (cursos, workshops, aulas)	Oferta		Natureza	
	Interna	Externa	Obrigatória	Voluntária
Jardinagem				
Agricultura biológica				
Permacultura				
Culinária				
Construção ecológica				
Energias renováveis				
Ecologia				
Reciclagem				
Reutilização				
Artesanato				
Meditação				
Yoga				
Gestão de grupos				
Coaching				
Comunidade				
Apicultura				
Extração de óleos essenciais				
Plantas medicinais				
Cosmética natural				
Produtos de limpeza naturais				
Outras:				

9. Ocupação.

9.1. Tem uma ocupação profissional externa à iniciativa?

9.2. Se sim, qual é essa ocupação?

Profissão/ Ocupação:

Empregado por conta de outrem – *full-time*

Empregado por conta de outrem – *part-time*

Empregado por conta própria – *full-time*

Empregado por conta própria – *part-time*

9.3. Se não, em que situação se encontra?

Estudante

Reformado

Desempregado

Outra:

## B) Informações sobre o envolvimento na iniciativa

10. Envolvimento.

10.1. É membro fundador?

10.2. Se não é membro fundador, há quanto tempo está envolvido na iniciativa?

10.3. Se não é membro fundador, como teve conhecimento da iniciativa?

Amigos/ colegas

Familiares

Media

Outros projetos

Internet

Outra:

10.4. É a primeira vez que está envolvido num projeto semelhante?

- 10.5. Se não, em que outro(s) projeto(s) já esteve envolvido?  
ONG ambiental  
Projeto de permacultura  
Eco-aldeia  
Projeto Transição  
Outro:
11. Missão e objetivos.  
11.1. Qual a missão e os objetivos desta iniciativa?  
11.2. Se é membro fundador, qual o maior feito atingido até à data pela iniciativa?
12. Funções.  
12.1. Qual a sua função dentro da iniciativa e em que projetos está envolvido?  
12.2. Quanto tempo dedica à iniciativa?  
<5h por semana  
5-10h por semana  
11-20h por semana  
21-30h por semana  
31h-40h por semana  
> de 40h  
12.3. O trabalho que aqui desempenha é compensado financeiramente ou de outra forma?  
Se sim, de que forma?  
12.4. Qual é a duração do seu projeto de voluntariado/ estágio?<sup>57</sup>  
12.5. Em que consiste o seu projeto?<sup>58</sup>  
12.6. Por que escolheu esta iniciativa em particular para desenvolver o seu projeto?<sup>59</sup>

### C) Motivações

13. Envolvimento.  
13.1. Numa escala de 1 a 5, em que  
1 - «Nada importante»  
2 - «Pouco importante»  
3 - «Nem muito nem pouco importante»  
4 - «Importante»  
5 - «Muito importante»  
quão importantes foram as seguintes razões para aderir à iniciativa?

---

<sup>57</sup> Apenas para voluntário ou estagiário.

<sup>58</sup> Apenas para voluntário ou estagiário.

<sup>59</sup> Apenas para voluntário ou estagiário.

Razões	1 Nada importante	2 Pouco importante	3 Nem muito nem pouco importante	4 Importante	5 Muito importante
Contribuir para uma sociedade mais sustentável					
Viver uma experiência diferente					
Procura de uma vida em comunidade					
Procura do contacto com a natureza					
Ser útil					
Viver de uma forma mais sustentável					
Mudar de vida ou procurar novas formas de viver					
Procura de uma vida ligada à agricultura					
Aprender sobre ecologia					
Aderir à filosofia da iniciativa					
Procura de um sentido de identidade					
Aprender sobre sustentabilidade					
Estava desempregado ou à procura do primeiro emprego					
Abandono da cidade					
Aprender sobre permacultura					
Pode ser uma solução para o futuro					
Outras:					

- 13.2. E agora, mantém-se na iniciativa pelas mesmas razões?  
13.3. Se *sim*, existem outras razões? Quais?  
13.4. Se *não*, quais são as atuais razões?  
13.5. Por que escolheu esta iniciativa em particular?

14. Residência.

- 14.1. Reside na iniciativa? Porquê?

## D) Expectativas

15. Satisfação.

- 15.1. Numa escala de 0-10, em que 0 significa «Não estou nada satisfeito» e 10 significa «Estou muitíssimo satisfeito», como classificaria a sua satisfação em relação à iniciativa? Porquê?  
15.2. O que alteraria ou faria de diferente neste projeto se tivesse essa oportunidade?  
15.3. Tenciona continuar a colaborar com a iniciativa? Porquê?

16. Práticas ambientais. Na hora de medir o impacto que cada um de nós tem no ambiente, a forma como gerimos a água, a energia, os resíduos, como nos movemos e como nos alimentamos são aspetos normalmente apontados como extremamente importantes.

- 16.1. Para cada um dos campos, água, energia, resíduos e transportes, quais os procedimentos ou práticas desta iniciativa que escolhe como os melhores exemplos de práticas ambientalmente sustentáveis?

17. Práticas sociais. Esta iniciativa pertence à Rede Convergir, que «pretende mapear todos os projetos sustentáveis e inspiradores para que em rede» os projetos possam «cooperar, potenciar sinergias e contribuir para uma sociedade equilibrada e uma vida humana em harmonia». Se nos focarmos em práticas sociais, como a gestão da vida pessoal e familiar e a vida coletiva, a forma de distribuição dos rendimentos na sociedade, a integração de diferentes gerações, os processos de tomada de decisão e a gestão dos conflitos, de que forma é que esta iniciativa contribui para uma sociedade mais equilibrada?

18. O futuro da iniciativa.

18.1. Como visualiza a iniciativa daqui a 5 anos?

- Cresce
- Multiplica-se
- Funde-se com outra
- Divide-se
- Diminui
- Desaparece
- Mantém-se
- Outra:

## E) Visão do mundo

19. Visão do mundo.

19.1. Numa escala de 1 a 5, em que:

- 1 – Discordo totalmente
- 2 – Discordo (parcialmente)
- 3 – Nem discordo nem concordo
- 4 – Concordo (parcialmente)
- 5 - Concordo totalmente

qual a sua opinião sobre as seguintes afirmações:

Afirmações	1 Discordo totalmente	2 Discordo (parcialmente)	3 Nem discordo nem concordo	4 Concordo (parcialmente)	5 Concordo totalmente
Eu acredito que o ser humano é por natureza, isto é, na sua essência, bom.					
Eu vejo a terra e a humanidade como parte de uma realidade espiritual ou dotada de uma alma.					
É pura coincidência que a vida humana se tenha desenvolvido na terra.					
Eu quero contribuir para a sociedade à minha maneira, que é única.					
A coisa mais importante da minha vida é que eu me divirta e seja feliz.					
Quanto mais dinheiro eu puder gastar, maior qualidade de vida eu tenho.					
Eu acredito que cada ser humano tem uma essência espiritual ou divina.					
O mundo só pode ser mudado se primeiro houver uma mudança interna no indivíduo.					
Eu ambiciono ter um estilo de vida luxuoso e confortável.					
A ciência é a única fonte válida de conhecimento.					
O crescimento interno é bastante importante para mim.					
Guardo regularmente um momento para reflexão, oração ou meditação.					
Já tive experiências que se podem chamar de espirituais.					
Eu não acho que o corpo e a mente estejam intimamente ligados.					
Eu acho a ideia de espiritualidade ou algo espiritual completamente sem sentido.					
Eu vejo a vida como um grande processo de crescimento.					
Deus está acima da vida na Terra.					
Eu acredito em reencarnação, ou seja, que nós renascemos neste mundo depois de morreremos.					
O ser humano é o único ser na Terra com consciência.					
Ganhar muito dinheiro é bastante importante para mim.					
Eu quase nunca reflito sobre o significado e o propósito da vida.					
A riqueza tanto pode ser encontrada dentro de nós como no mundo à nossa volta.					
Eu acredito que o universo dá expressão a uma inteligência criativa.					
O que as pessoas chamam de Deus existe acima de nós mas também aqui no mundo à nossa volta.					
Toda a gente tem de tomar conta de si próprio e defender-se.					
Para além da ciência, os sentimentos e a intuição são necessários para conhecer a realidade.					

20. A crise.

- 20.1. Como vê a atual crise económica e financeira? Como uma oportunidade ou uma barreira à evolução da sociedade? Porquê?
- 20.2. Qual o papel desta iniciativa e de outras semelhantes no contexto da crise económico e financeira?

**Anexo 3 – Fatores que promovem o crescimento e expansão das iniciativas e do nicho (Fatores de sucesso).**

<b>Fator de sucesso</b>	<b>Hipótese: Um nicho/iniciativa tem sucesso quando...</b>	<b>Referência</b>
Gestão das expectativas (internas e externas) e visões	As expectativas sobre o que o nicho pode oferecer são amplamente compartilhadas, específicas, realistas e atingíveis.	Seyfang e Haxeltine (2012) Seyfang e Longhurst (2013)
	Tem um estatuto legal que facilita a interação com outros atores como as autoridades locais.	Feola e Nunes (2014)
	Consegue limitar o conflito ideológico interno e/ou geri-lo positivamente.	Feola e Nunes (2014)
	Aborda temas mais fáceis primeiro e temas mais complexos num estágio avançado.	Feola e Nunes (2014)
Construção de redes (internas e externas)	Está bem interligado com uma série de atores, que apoiam o nicho com recursos.	Seyfang e Haxeltine (2012) Seyfang e Longhurst (2013) Geels e Schot (2007) Dóci <i>et al.</i> (2015)
	Gere bem a comunicação interna.	Feola e Nunes (2014)
	Gere bem a comunicação externa.	Feola e Nunes (2014)
	É capaz de cooperar ou agir em parceria com outras organizações (ex.: autoridades, empresas, <i>media</i> locais).	Feola e Nunes (2014)
Processos de aprendizagem (internos e externos)	A aprendizagem é de primeira (dentro do quadro de referência dominante) e de segunda ordem (questionamento desse quadro de referência, para mudar os padrões de pensamento e ação).	Seyfang e Haxeltine (2012) Seyfang e Longhurst (2013) Geels e Schot (2007) Dóci <i>et al.</i> (2015)
	Processos de aprendizagem estão estandardizados e há produção e circulação de conhecimento.	Seyfang e Longhurst (2013) Geels e Schot (2007) Dóci <i>et al.</i> (2015)
	Formação interna em assuntos práticos / técnicos e ideológicos (incluindo aspetos sociopsicológicos que levam ao crescimento da iniciativa e do nicho).	Seyfang e Haxeltine (2012)
	Formação externa em assuntos práticos / técnicos e ideológicos, com aprendizagem experiencial em vez de cognitiva.	Seyfang e Haxeltine (2012)
Localização	Se localiza num <i>milieu</i> alternativo (= alta densidade localizada de instituições, redes, grupos e práticas culturais).	Longhurst (2015)
	Se localiza num local (rural, aldeia, vila) no qual as redes sociais são mais densas e o capital social mais alto.	Feola e Nunes (2014)
	Está localizado num contexto em que os restantes atores vêm a iniciativa (transição) como positiva.	Feola e Nunes (2014)
Recursos	Têm recursos.	Seyfang e Longhurst (2013)
	Utiliza infraestruturas críticas (ex.: salas de reuniões, computadores, etc.).	Feola e Nunes (2014)
	Consegue assegurar financiamento.	Feola e Nunes (2014)
	Os seus membros têm um tempo significativo para se dedicar às atividades da iniciativa (de transição).	Feola e Nunes (2014)

(continua)

**Anexo 3 – Fatores que promovem o crescimento e expansão das iniciativas e do nicho (Fatores de sucesso).** (continuação)

<b>Fator de sucesso</b>	<b>Hipótese: Um nicho/iniciativa tem sucesso quando...</b>	<b>Referência</b>
Recursos	Recruta ativamente os seus membros.	Feola e Nunes (2014)
	Pode depender de pessoal remunerado, não dependendo demasiado do trabalho de voluntários.	Feola e Nunes (2014)
	Tem um grupo coordenador.	Feola e Nunes (2014)
	Tem um grupo coordenador grande.	Feola e Nunes (2014)
	Está organizado em subgrupos (temáticos ou de acordo com os projetos).	Feola e Nunes (2014)
	A maioria dos seus membros tem uma idade específica.	Feola e Nunes (2014)
	Um nº significativo dos membros do grupo coordenador têm formação específica (gestão de grupos, motivação, <i>coaching</i> ).	Feola e Nunes (2014)
	Representa efetivamente a diversidade/ as minorias da comunidade local.	Feola e Nunes (2014)
	O grupo de fundadores é grande.	Feola e Nunes (2014)
	Um nº significativo de membros do grupo coordenador têm níveis de escolaridade altos e conseqüentemente competências necessárias para o desenvolvimento da iniciativa (transição).	Feola e Nunes (2014)
Crise no regime como janela de oportunidade	Existe uma crise no regime e oportunidade para práticas do nicho oferecerem soluções. (Perceção dos entrevistados)	Seyfang e Longhurst (2013) Seyfang (2010)

**Anexo 4 – Lista de indicadores utilizados para medir o crescimento e a expansão das iniciativas e do nicho (Indicadores de sucesso).**

<b>Modo de Transição</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Referência</b>
<p>Replicação; (Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013)</p> <p>→ Replicação das iniciativas (interna ao nicho) → Replicação dentro da iniciativa</p>	<p>Aumento do nº de iniciativas (transição) ao longo do tempo;</p> <p>Crescimento da distribuição geográfica das iniciativas;</p> <p>Envolvimento do grupo ou membros na formação de outra(s) iniciativa de base;</p> <p>Nº de edifícios construídos (usando técnica x) ao longo do tempo;</p> <p>Aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias através de inovação, aprendizagem e experimentação;</p> <p>Nº de publicações (livros, artigos) acerca da tecnologia usada, ideologia, etc.;</p> <p>Nº de cursos oferecidos para disseminação das tecnologias, ideologias, etc.;</p>	<p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang, 2010</p> <p>Seyfang, 2010</p> <p>Seyfang, 2010</p> <p>Seyfang, 2010</p>
<p>Crescimento em escala; (Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013)</p>	<p>Aumento do nº de membros (ativos) ao longo do tempo;</p> <p>Aumento do nº de projetos desenvolvidos ao longo do tempo;</p> <p>Aumento da área geográfica de atuação ao longo do tempo;</p> <p>As tecnologias/ técnicas inovadoras têm a capacidade de serem produzidas/ utilizadas em massa (planos, materiais e técnicas estandardizados, e podem resultar num negócio);</p> <p>Progresso interno realizado (ingredientes de Transição, princípios de permacultura, passos completados para obter algum tipo de acreditação ou pertencerem a uma rede, etc.);</p>	<p>Seyfang e Haxeltine, 2012; Feola e Nunes, 2014</p> <p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang, 2010</p> <p>Feola e Nunes, 2014</p>
<p>Transposição. (Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013)</p>	<p>As mensagens do movimento são promovidas por atores <i>mainstream</i>;</p> <p>Nº de ideias/sistemas/processos desenvolvidos pela iniciativa e adotados por instituições do contexto dominante (ex.: formações às autoridades locais);</p> <p>Nº de projetos/parcerias desenvolvidos em cooperação com instituições do contexto dominante;</p> <p>Nº de projetos/parcerias desenvolvidos em cooperação com a comunidade local;</p> <p>Abertura do regime dominante: Beneficiam de medidas governamentais de encorajamento;</p> <p>Adaptação do nicho ao regime: Nicho cede a pressões regulamentais para cumprir <i>standards</i> e sobreviver;</p> <p>Projeto intermédio (integra aspetos convencionais e alternativos).</p>	<p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang e Haxeltine, 2012</p> <p>Seyfang, 2010</p> <p>Seyfang, 2010</p> <p>Seyfang, 2010</p>

**Anexo 5 – Grelhas utilizadas na análise dos discursos dos líderes das iniciativas ou seus representantes.**

Grelha 5.1. – Análise da visão do mundo Iluminista.

Conceito	Variável/ Categoria	Valores
<p><b>Visão do mundo Iluminista</b></p>	<p><b>Ontologia</b> (pressupostos relacionados com a natureza, constituição e estrutura da realidade, incluindo a natureza, o cosmos, o divino; o que é a natureza, como teve origem o universo, existe ou não um divino e qual a sua natureza)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Universo objetivado<sup>2</sup></li> <li>- O Universo é um mecanismo governado por algumas leis simples e detetáveis<sup>1</sup></li> </ul>
	<p><b>Epistemologia</b> (natureza, âmbito e limitações do conhecimento; o que é o conhecimento, como tem origem)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Razão instrumental<sup>2</sup></li> <li>- Celebração da razão<sup>1</sup></li> <li>- O caminho para a verdade assenta na aplicação da razão humana<sup>1</sup></li> <li>- A metodologia do raciocínio garante a validade e sucesso da aplicação da razão<sup>1</sup></li> </ul>
	<p><b>Axiologia</b> (o que significa uma «boa vida» em termos morais e de qualidade de vida, valores éticos e estéticos; o que é uma boa vida, que tipo de vida tem qualidade e dá realização, quais os nossos valores éticos e estéticos mais estimados, o que é a vida)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ênfase nos valores instrumentais<sup>2</sup></li> <li>- Objetivo do conhecimento<sup>1</sup></li> <li>- Objetivo da liberdade<sup>1</sup></li> <li>- Objetivo da felicidade<sup>1</sup></li> <li>- Os humanos não são bons nem maus<sup>1</sup></li> <li>- Os humanos estão interessados na sua sobrevivência<sup>1</sup></li> <li>- Os humanos estão interessados na maximização do próprio prazer<sup>1</sup></li> </ul>
	<p><b>Antropologia</b> (pressupostos sobre o tipo de criatura que o ser humano é e qual o seu papel e propósito na existência e no universo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Humanidade assumindo o controlo<sup>2</sup></li> <li>- Celebração do poder do homem para compreender o universo<sup>1</sup></li> <li>- Celebração do poder do homem para melhorar a sua condição<sup>1</sup></li> <li>- A história humana é um registo de progresso geral<sup>1</sup></li> </ul>
<p><b>Visão Societal</b> (ideias sobre como a sociedade deve estar organizada e como os seus problemas devem ser solucionados)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resolução de problemas ecológicos através de meios técnicos<sup>2</sup></li> <li>- A autoridade atribuída tem de ser submetida a investigação por parte de mentes livres<sup>1</sup></li> </ul>	

Referências bibliográficas: <sup>1</sup> Enciclopédia Britannica *online*; <sup>2</sup> Hedlund-de Witt *et al.* (2014); <sup>3</sup> Taylor (1989) citado em Hedlund-de Witt *et al.* (2014)

Grelha 5.2. – Análise da visão do mundo Romântica.

Conceito	Variável/ Categoria	Valores
<b>Visão do mundo Romântica</b>	<p><b>Ontologia</b> (pressupostos relacionados com a natureza, constituição e estrutura da realidade, incluindo a natureza, o cosmos, o divino; o que é a natureza, como teve origem o universo, existe ou não um divino e qual a sua natureza)</p> <p><b>Epistemologia</b> (natureza, âmbito e limitações do conhecimento; o que é o conhecimento, como tem origem)</p> <p><b>Axiologia</b> (o que significa uma «boa vida» em termos morais e de qualidade de vida, valores éticos e estéticos; o que é uma boa vida, que tipo de vida tem qualidade e dá realização, quais os nossos valores éticos e estéticos mais estimados, o que é a vida)</p> <p><b>Antropologia</b> (pressupostos sobre o tipo de criatura que o ser humano é e qual o seu papel e propósito na existência e no universo)</p> <p><b>Visão Societal</b> (ideias sobre como a sociedade deve estar organizada e como os seus problemas devem ser solucionados)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O universo é uma ordem maior de seres vivos<sup>2</sup></li> <li>- Ênfase na imaginação como um portal para a experiência transcendental e verdade espiritual<sup>1</sup></li> <li>- Predileção pelo exótico, o remoto, o misterioso, o estranho, o oculto, o monstruoso, o doente, e até o satânico<sup>1</sup></li>   <li>- Estar aberto à natureza por dentro e por fora<sup>2</sup></li> <li>- Exaltação geral da emoção acima da razão<sup>1</sup></li> <li>- Exaltação dos sentidos acima do intelecto<sup>1</sup></li>   <li>- Ênfase nos valores intrínsecos<sup>2</sup></li> <li>- Realce do individual, do subjetivo, do irracional, do imaginativo, do pessoal, do espontâneo, emocional, do visionário, do transcendental<sup>1</sup></li> <li>- Rejeição da racionalidade, da ordem, da calma, da harmonia, do equilíbrio, da idealização (do Classicismo e Neoclassicismo)<sup>1</sup></li> <li>- Valorização profunda das belezas da natureza<sup>1</sup></li> <li>- Interesse obsessivo pela cultura folclórica, origens culturais nacionais e étnicas, e a era medieval<sup>1</sup></li>   <li>- A humanidade é parte de uma ordem maior<sup>2</sup></li> <li>- Examinação acrescida da personalidade humana e dos seus humores e potencialidades mentais<sup>1</sup></li> <li>- Preocupação com o génio, o herói, e a figura excecional no geral, e um foco nas suas paixões e batalhas interiores<sup>1</sup></li> <li>- Nova visão do artista enquanto criador individual supremo, cujo espírito criativo é mais importante do que a adesão estrita a regras formais e procedimentos tradicionais<sup>1</sup></li> <li>- Viragem para o eu<sup>1</sup></li>   <li>- Resolução de problemas ecológicos através de outro tipo de relação com a natureza e a vida<sup>2</sup></li> <li>- Resolução de problemas com poluição ou limites ecológicos através do reconhecimento de que somos parte de uma ordem maior de seres vivos do qual dependemos e que partilhamos com outras criaturas<sup>3</sup></li> </ul>

Referências bibliográficas: <sup>1</sup> Enciclopédia Britannica *online*; <sup>2</sup> Hedlund-de Witt *et al.* (2014); <sup>3</sup> Taylor (1989) citado em Hedlund-de Witt *et al.* (2014)

Grelha 5.3. – Análise da visão do mundo Pós-romântica.

Conceito	Variável/ Categoria	Valores
<p><b>Visão do mundo Pós-Romântica</b></p>	<p><b>Ontologia</b> (pressupostos relacionados com a natureza, constituição e estrutura da realidade, incluindo a natureza, o cosmos, o divino; o que é a natureza, como teve origem o universo, existe ou não um divino e qual a sua natureza)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A humanidade faz parte de uma ordem natural maior (a natureza) com a qual deve viver em harmonia<sup>3</sup></li> <li>- O acesso à ordem maior é realizado de forma interna, intuitiva e subjetivada e para tal o ser humano tem que estar em sincronia com a natureza, em sintonia com os próprios sentimentos, emoções e intuições (a natureza está dentro de nós)<sup>23</sup></li> <li>- Ideia da reunificação com a natureza e as pessoas<sup>3</sup></li> <li>- O ser humano emerge na autodescoberta (o ser humano transcende-se através da autodescoberta)<sup>3</sup></li> <li>- O ser humano pode tornar-se consciente (e até expressar) da grande corrente da vida que flui através de todas as coisas<sup>3</sup></li> </ul>
	<p><b>Epistemologia</b> (natureza, âmbito e limitações do conhecimento; o que é o conhecimento, como tem origem)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O acesso à ordem maior é realizado de forma interna, intuitiva e subjetivada e para tal o ser humano tem que estar em sincronia com a natureza, em sintonia com os próprios sentimentos, emoções e intuições (a natureza está dentro de nós)<sup>23</sup></li> </ul>
	<p><b>Axiologia</b> (o que significa uma «boa vida» em termos morais e de qualidade de vida, valores éticos e estéticos; o que é uma boa vida, que tipo de vida tem qualidade e dá realização, quais os nossos valores éticos e estéticos mais estimados, o que é a vida)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A autoridade espiritual e moral internalizada<sup>3</sup></li> </ul>
	<p><b>Antropologia</b> (pressupostos sobre o tipo de criatura que o ser humano é e qual o seu papel e propósito na existência e no universo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cada indivíduo é diferente e original e tem um caminho próprio a percorrer<sup>3</sup></li> <li>- A humanidade faz parte de uma ordem natural maior (a natureza) com a qual deve viver em harmonia<sup>3</sup></li> </ul>
	<p><b>Visão Societal</b> (ideias sobre como a sociedade deve estar organizada e como os seus problemas devem ser solucionados)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resolução dos problemas ecológicos no reconhecimento por parte da humanidade do seu lugar na grande ordem natural<sup>3</sup></li> <li>- A humanidade faz parte de uma ordem natural maior (a natureza) com a qual deve viver em harmonia<sup>3</sup></li> </ul>

Referências bibliográficas: <sup>1</sup> Enciclopédia Britannica *online*; <sup>2</sup> Hedlund-de Witt *et al.* (2014); <sup>3</sup>Taylor (1989) citado em Hedlund-de Witt *et al.* (2014)

Grelha 5.4. – Análise da visão do mundo Paradigma do crescimento económico.

Conceito	Variável/ Categoria	Valores
<p><b>Visão do mundo Crescimento económico</b></p>	<p><b>Ontologia</b> (pressupostos relacionados com a natureza, constituição e estrutura da realidade, incluindo a natureza, o cosmos, o divino; o que é a natureza, como teve origem o universo, existe ou não um divino e qual a sua natureza)</p> <p><b>Epistemologia</b> (natureza, âmbito e limitações do conhecimento; o que é o conhecimento, como tem origem)</p> <p><b>Axiologia</b> (o que significa uma «boa vida» em termos morais e de qualidade de vida, valores éticos e estéticos; o que é uma boa vida, que tipo de vida tem qualidade e dá realização, quais os nossos valores éticos e estéticos mais estimados, o que é a vida)</p> <p><b>Antropologia</b> (pressupostos sobre o tipo de criatura que o ser humano é e qual o seu papel e propósito na existência e no universo)</p> <p><b>Visão Societal</b> (ideias sobre como a sociedade deve estar organizada e como os seus problemas devem ser solucionados)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A humanidade é a força geológica dominante no planeta<sup>2</sup></li>   <li>- Crença no crescimento ilimitado<sup>12</sup></li> <li>- Crescimento económico associado ao aumento do nível de vida<sup>4</sup></li> <li>- Crescimento económico associado ao progresso<sup>4</sup></li> <li>- O crescimento é um meio necessário para atingir os objetivos essenciais da sociedade, como o progresso, bem-estar e poder nacional<sup>2</sup></li>   <li>- O ser humano está isento de constrangimentos ecológicos<sup>3</sup></li>   <li>- O crescimento é uma política imperativa absolutamente central<sup>12</sup></li> <li>- O crescimento é um meio necessário para atingir os objetivos essenciais da sociedade, como o progresso, bem-estar e poder nacional<sup>2</sup></li> <li>- Uso do PIB para medir a atividade económica<sup>2</sup></li> <li>- O crescimento é a solução para os desafios socioeconómicos<sup>2</sup></li> </ul>

Referências bibliográficas: <sup>1</sup> Hobart Paper (1961) citado em Booth (2006); <sup>2</sup>Schmelzer (2015); <sup>3</sup>Dunlap (1980) citado em Hedlund-de Witt (2012); <sup>4</sup>OCDE (2008)

Grelha 5.5. – Análise da visão do mundo Espiritualidade contemporânea.

Conceito	Variável/ Categoria	Valores
<p><b>Visão do mundo Espiritualidade contemporânea</b></p>	<p><b>Ontologia</b> (pressupostos relacionados com a natureza, constituição e estrutura da realidade, incluindo a natureza, o cosmos, o divino; o que é a natureza, como teve origem o universo, existe ou não um divino e qual a sua natureza)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uma revolução espiritual ou viragem espiritual está a ocorrer<sup>16</sup></li> <li>- Existe uma força divina presente em toda a natureza, que deve ser respeitada<sup>3</sup></li> <li>- Crença na reencarnação<sup>3</sup></li> <li>- Interconexão<sup>3</sup></li> <li>- O contacto com o eu divino permite reconectar com a esfera sagrada que tudo une e ultrapassar a alienação<sup>1</sup></li> <li>- O trabalho individual permite o aumento da consciência acerca da natureza divina do mundo como um todo<sup>3</sup></li> <li>- O eu equivale ao sagrado<sup>3</sup></li> <li>- O divino é imanente (e não transcendente)<sup>4</sup></li> </ul>
	<p><b>Epistemologia</b> (natureza, âmbito e limitações do conhecimento; o que é o conhecimento, como tem origem)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rejeição da fé religiosa e da razão científica como motores da verdade<sup>1</sup></li> <li>- A voz interior, os sentimentos, as emoções e a intuição são os veículos do conhecimento<sup>13</sup></li> </ul>
	<p><b>Axiologia</b> (o que significa uma «boa vida» em termos morais e de qualidade de vida, valores éticos e estéticos; o que é uma boa vida, que tipo de vida tem qualidade e dá realização, quais os nossos valores éticos e estéticos mais estimados, o que é a vida)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetivo da realização pessoal interior e espiritual em detrimento da material<sup>3</sup></li> <li>- A mudança de comportamento externo requer uma mudança interna no indivíduo na forma de pensar, sentir e se relacionar com o mundo<sup>7</sup></li> <li>- A perfeição só pode ser encontrada para além do eu socializado (ego) através do crescimento pessoal<sup>1</sup></li> <li>- O contacto com o eu mais profundo envolve um longo processo de crescimento pessoal<sup>2</sup></li> <li>- A espiritualidade interior é um meio para atingir um mundo de harmonia, paz e felicidade<sup>7</sup></li> <li>- Trabalhar no desenvolvimento pessoal é um ato de serviço<sup>3</sup></li> <li>- Ativismo subtil tem efeito no indivíduo que o pratica e na comunidade e mundo<sup>9</sup></li> </ul>
	<p><b>Antropologia</b> (pressupostos sobre o tipo de criatura que o ser humano é e qual o seu papel e propósito na existência e no universo)</p> <p><b>Visão Societal</b> (ideias sobre como a sociedade deve estar organizada e como os seus problemas devem ser solucionados)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O indivíduo é na sua essência espiritual<sup>1</sup></li> <li>- A esfera pessoal é fonte de vitalidade autêntica, criatividade, amor, tranquilidade, sabedoria, poder, autoridade<sup>1</sup></li> <li>- O trabalho individual permite o aumento da consciência acerca da natureza divina do mundo como um todo<sup>3</sup></li> <li>- Trabalhar no desenvolvimento pessoal é um ato de serviço<sup>3</sup></li> <li>- As causas fundamentais da crise são de natureza espiritual<sup>3</sup></li> <li>- A crise não poderá ser solucionada primordialmente ao seu nível sintomático<sup>3</sup></li> <li>- Existe uma força divina presente em toda a natureza, que deve ser respeitada<sup>3</sup></li> <li>- Ética de serviço e profunda noção de responsabilidade pelos outros e a terra<sup>7</sup></li> <li>- Sentido agudo de urgência e crise em relação à situação mundial, incluindo crise ecológica<sup>2</sup></li> <li>- Vivência num ambiente geral de experimentação cultural, renovação, inovação<sup>3</sup></li> <li>- Revolução cultural da base para o topo<sup>8</sup></li> <li>- Opera fora do confinamento do paradigma dominante<sup>3</sup></li> </ul>

Referências bibliográficas: <sup>1</sup>Houtman e Aupers (2007); <sup>2</sup>Hanegraaff (1996) citado em Hedlund-de Witt (2011); <sup>3</sup>Hedlund-de Witt (2011); <sup>4</sup>Heelas *et al.* (2005) citados em Hedlund-de Witt (2011); <sup>5</sup>Rose (2005); <sup>6</sup>Heelas e Woodhead (2005) citados em Hedlund-de Witt (2011); <sup>7</sup>Heelas (1996) citado em Hedlund-de Witt (2011); <sup>8</sup>Taylor (1999) citado em Hedlund-de Witt (2011); <sup>9</sup>Nicol (2010) citado em Hedlund-de Witt (2011)

**Anexo 6 – Fichas de identificação das visões do mundo de cada iniciativa e respetiva representatividade no discurso do líder (ou seus representantes).**  
(O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital).

Ficha 6.1. - Análise das visões do mundo no discurso do líder da iniciativa *Economia e Finanças*.

Visão do mundo: Espiritualidade contemporânea		
Dimensão	Valor(es) presente(s) no discurso	Citação
Ontologia	- Uma revolução espiritual ou viragem espiritual está a ocorrer	<i>estamos a passar por uma crise de consciência global, estamos a fechar um ciclo civilizacional e a iniciar um outro paradigma</i>
Axiologia	- A perfeição só pode ser encontrada para além do eu socializado (ego) através do crescimento pessoal  - Trabalhar no desenvolvimento pessoal é um ato de serviço	<i>Mas é necessário criar aquela função para servir a comunidade e depois entramos naquela dos egos dos portugueses e «ah, aquilo não é o meu projeto, então não vou apoiar..»</i>  <i>Porque é que não temos voluntários? Porque é que não temos voluntários para estas questões das políticas? Por que isto dá imenso trabalho, exige uma visão mais ampla da sociedade, uma capacidade de relacionar quem eu sou e qual o meu papel na vida e qual é o papel daquela função que vai servir toda a comunidade?</i>
Antropologia	- Trabalhar no desenvolvimento pessoal é um ato de serviço	<i>Porque é que não temos voluntários? Porque é que não temos voluntários para estas questões das políticas? Por que isto dá imenso trabalho, exige uma visão mais ampla da sociedade, uma capacidade de relacionar quem eu sou e qual o meu papel na vida e qual é o papel daquela função que vai servir toda a comunidade?</i>
Visão societal	- Sentido agudo de urgência e crise em relação à situação mundial, incluindo crise ecológica  - Ética de serviço e profunda noção de responsabilidade pelos outros e a terra  - As causas fundamentais da crise são de natureza espiritual  - Revolução cultural da base para o topo	<i>estamos a passar por uma crise de consciência global</i>  <i>Porque é que não temos voluntários? Porque é que não temos voluntários para estas questões das políticas? Por que isto dá imenso trabalho, exige uma visão mais ampla da sociedade, uma capacidade de relacionar quem eu sou e qual o meu papel na vida e qual é o papel daquela função que vai servir toda a comunidade?</i>  <i>estamos a passar por uma crise de consciência global</i>  <i>O intuito do encontro de 2012 do Revolucionar Portugal foi que as pessoas envolvidas no movimento percebessem que são muitas. Percebemos que realmente já somos bastantes, temos grandes ideias, estamos envolvidos em grandes projetos e vamos agora começar a pensar mais numa perspetiva de criação de uma rede que possa dar respostas a vários níveis.</i>
<b>TOTAL: 8 VALORES</b>		

Visão do mundo: Romantismo		
Dimensão	Valor(es) presente(s) no discurso	Citação
Ontologia	- Predileção pelo exótico, o remoto, o misterioso, o estranho, o oculto, o monstruoso, o doente, e até o satânico	- <i>Aos 4 anos de tudo há sempre uma crise, que é a quadratura do ciclo. Em qualquer relação, em qualquer projeto chega ao 4º ano e há uma crise</i> (Crença de que o projeto atravessou uma crise astrológica passados 4 anos) - <i>O nosso site está um caos, é mesmo os ciclos a confirmarem as coisas.</i> (Crença de que o ciclo astrológico de 4 anos está refletido nos problemas que tem havido em relação ao site e à comunicação) - <i>Já os sábios chineses diziam que é necessário que se chegue ao caos para vir a ordem</i>
Axiologia	- Rejeição da racionalidade, da ordem, da calma, da harmonia, do equilíbrio, da idealização (do Classicismo e Neoclassicismo)  - Interesse obsessivo pela cultura folclórica, origens culturais nacionais e étnicas, e a era medieval	- <i>Aos 4 anos de tudo há sempre uma crise, que é a quadratura do ciclo. Em qualquer relação, em qualquer projeto chega ao 4º ano e há uma crise</i> (Crença de que o projeto atravessou uma crise astrológica passados 4 anos) - <i>O nosso site está um caos, é mesmo os ciclos a confirmarem as coisas.</i> (Crença de que o ciclo astrológico de 4 anos está refletido nos problemas que tem havido em relação ao site e à comunicação)  - <i>Já os sábios chineses diziam que é necessário que se chegue ao caos para atingir a ordem</i>
Antropologia	- Preocupação com o génio, o herói, e a figura excecional no geral, e um foco nas suas paixões e batalhas interiores	<i>estamos a viver épocas completamente heroicas, mas já não há heróis, há é comunidades de heróis e que se estão a reunir para estabelecer na Terra uma nova visão do que é viver em sociedade.</i>
<b>TOTAL: 4 VALORES</b>		

Visão do mundo: Crescimento económico		
Dimensão	Valor(es) presente(s) no discurso	Citação
Axiologia	- Crescimento económico associado ao aumento do nível de vida  - Crescimento económico associado ao progresso	<i>eu adoro fazer isto, adoro inspirar pessoas, adoro levá-las a participar nesta transição que está a acontecer.. adoro estes temas mas não estou propriamente a trabalhar para mim. Está-me a roubar muito tempo e não estou a ganhar nada com isto. Não é que queira ganhar muito, mas todos nós temos despesas e sabemos como é que é.</i>  <i>Depois de 2013 eu tinha muito trabalho, vinha tudo para cima de mim, eu era o responsável, e eu faço isto tudo voluntariamente e está a ocupar muito tempo da minha vida e não estou a ter tempo e dinheiro para conjugar tudo</i>
<b>TOTAL: 2 VALORES</b>		

Quadro 6.1. - Representatividade de cada visão do mundo no discurso do líder da iniciativa *Economia e Finanças*.

Quantificação da representatividade de cada visão do mundo no discurso		
Visão do mundo	Número de valores mencionados no discurso	Representatividade no discurso (Nº valores da visão do mundo/ Nº total de valores presentes no discurso)
Espiritualidade contemporânea	8	$8/14 = 0,57$
Romantismo	4	$4/14 = 0,29$
Crescimento económico	2	$2/14 = 0,14$
<b>TOTAL</b>	14	1

**Anexo 7 – Fichas de apuramento dos fatores de sucesso de cada iniciativa e respetiva classificação.** (O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital).

**Ficha 7.1. – Fatores de sucesso e respetiva classificação da iniciativa Economia e Finanças.**

<b>Iniciativa: Economia e Finanças (1)</b>			
<b>Fator de sucesso</b>	<b>Hipótese: Um nicho/iniciativa tem sucesso quando...</b>	<b>Fonte: Ficha de identificação e caracterização da iniciativa e Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário (apenas um membro entrevistado)</b>	<b>Classificação (0,1,2)</b>
<b>1.Gestão das expectativas (internas e externas) e visões</b>	As expectativas sobre o que o nicho pode oferecer são amplamente partilhadas, específicas, realistas e atingíveis	Expectativas são específicas - definem objetivos, metas e prazos. Mas não foram atingidos todos os objetivos propostos e um novo projeto foi iniciado. Impossível saber se expectativas são partilhadas pois apenas um membro foi entrevistado. De acordo com esse membro, as decisões são tomadas em círculo (sociocracia). O único membro entrevistado acredita que a iniciativa se manterá como está, mas aguarda por pessoas que se disponibilizem a continuá-lo. O recrutamento é feito através de contactos pessoais e <i>website</i> (que não estava a funcionar na altura da entrevista). O nº de membros fundadores é alto (22), mas o nº de membros não aumentou muito e os que existem não parecem dedicados ao projeto, indicando que existe dificuldade em recrutar novos membros e a manter os antigos. O líder teria apostado inicialmente num programa de voluntariado, se pudesse voltar atrás.	1
	Tem um estatuto legal que facilita a interação com outros atores como as autoridades locais	Não tem estatuto legal. Reconhecida pela Prout International.	0
	Consegue limitar o conflito ideológico interno e/ou geri-lo positivamente	Possui uma estratégia específica de tomada de decisão (sociocracia) Possui uma estratégia de resolução de conflitos (aposta na prevenção)	2
	Aborda temas mais fáceis primeiro e temas mais complexos num estágio avançado	Não. Aborda temas puramente teóricos e complexos. Formação, consciencialização e divulgação inicialmente, atualmente a iniciativa está em <i>stand-by</i> .	0
SOMATÓRIO..... $\sum_1 = 3$			
MÉDIA..... $\sum_1/4 = 0,75$			
<b>2.Construção de redes (internas e externas)</b>	Está bem interligado com uma série de atores, que apoiam o nicho com recursos.	Iniciativa presente na Rede Convergir. Não tem estatuto legal. Gerida com fundos próprios (não beneficia de apoios financeiros). Divulgação: vídeos <i>online</i> (24 no <i>youtube</i> ) e um artigo publicado no próprio <i>website</i> (inativo na altura da entrevista) Integração de novos membros exige leitura e estudo e participação nas atividades do projeto Apenas uma parceria com uma revista alternativa Dão palestras	1
	Gere bem a comunicação interna	<i>Online</i> apenas (com iniciativa e nicho). <i>Website</i> inativo.	0
	Gere bem a comunicação externa	Diretamente com pessoas específicas.	0
	É capaz de cooperar ou agir em parceria com outras organizações (ex.: autoridades, empresas, <i>media</i> locais)	Parceria no passado com revista Progredir (revista <i>online</i> que promove o desenvolvimento pessoal). Parceria com Prout International.	1
SOMATÓRIO..... $\sum_2 = 2$			
MÉDIA..... $\sum_2/4 = 0,5$			

(continua)

Ficha 7.1. – Fatores de sucesso e respetiva classificação da iniciativa *Economia e Finanças*. (continuação)

<b>Iniciativa: <i>Economia e Finanças</i> (1)</b>			
Fator de sucesso	Hipótese: Um nicho/iniciativa tem sucesso quando...	Fonte: Ficha de identificação e caracterização da iniciativa e Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário (apenas um membro entrevistado)	Classificação (0,1,2)
<b>3.Processos de aprendizagem (internos e externos)</b>	A aprendizagem é de primeira (dentro do quadro de referência dominante) e de segunda ordem (questionamento desse quadro de referência, para mudar os padrões de pensamento e ação)	Aprendizagem apenas de 2ª ordem Divulgação/ consciencialização em prout (IE).	0
	Processos de aprendizagem estão estandardizados e há produção e circulação de conhecimento	Divulgação através de vídeos <i>online</i> (24 no <i>youtube</i> ) e um artigo publicado no próprio site (site em baixo na altura da entrevista). Integração de novos membros exige leitura e estudo e participação nas atividades do projeto Os membros do projeto tinham reuniões sobre temas específicos preparados por eles mesmos. Formação interna obrigatória em yoga e meditação.	2
	Formação interna em assuntos práticos / técnicos e ideológicos (incluindo aspetos psico-sociológicos que levam ao crescimento da iniciativa e do nicho)	Formação em vida em comunidade (interna e externa), economia ética e financeira (interna e externa), prout em geral (interna), sociocracia (interna); (assuntos práticos menos presentes)	1
	Formação externa em assuntos práticos / técnicos e ideológicos, com aprendizagem experiencial em vez de cognitiva.	Formação em vida em comunidade (interna e externa), economia ética e financeira (interna e externa), prout em geral (interna), sociocracia (interna); (assuntos práticos menos presentes)	1
SOMATÓRIO..... $\sum_3 = 4$			
MÉDIA..... $\sum_3/4 = 1$			
<b>4.Contexto social local</b>	Se localiza num <i>milieu</i> alternativo (= alta densidade localizada de instituições, redes, grupos e práticas contra culturais)	Projeto com localização oficial em Lisboa, não necessariamente um <i>milieu</i> alternativo mas com oferta de muitos projetos alternativos e contra culturais, apesar do problema da dispersão. Não cooperam com outros projetos da área envolvente para além da revista Progredir (no passado), apesar do coordenador conhecer e estar em contacto com pessoas da Rede Convergir, <i>Permacultura_1</i> e outros.	1
	Se localiza num local (rural, aldeia, vila) no qual as redes sociais são mais densas e o capital social mais alto	Lisboa, em que o capital social é alto mas as redes sociais são pouco densas.	0
	Está localizado num contexto em que os restantes atores vêm a iniciativa (transição) como positiva	É impossível saber se os restantes atores vêm a iniciativa como positiva.	--
SOMATÓRIO..... $\sum_4 = 1$			
MÉDIA..... $\sum_4/2 = 0,5$			

(continua)

Ficha 7.1. – Fatores de sucesso e respetiva classificação da iniciativa *Economia e Finanças*. (continuação)

Iniciativa: <i>Economia e Finanças</i> (1)			
Fator de sucesso	Hipótese: Um nicho/iniciativa tem sucesso quando...	Fonte: Ficha de identificação e caracterização da iniciativa e Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário (apenas um membro entrevistado)	Classificação (0,1,2)
5. Disponibilidade de recursos	Têm recursos	<b>Ausência:</b> espaço, recursos financeiros externos, tempo dedicado, pessoal remunerado, grupo coordenador grande. <b>Presença:</b> recrutamento ativo (limitado), grupo coordenador, organização em subgrupos (pouco eficaz por estar provavelmente dependente dos 3 do grupo núcleo), grupo de fundadores grande (cuja maioria está pouco ativo no projeto atualmente) <b>Incerteza:</b> idade específica dos membros e tempo que dedicam à iniciativa, nível de escolaridade e formação específica dos membros do grupo núcleo, representação da diversidade e minorias locais (apenas um membro entrevistado)	--
	Utiliza infraestruturas críticas (ex.: salas de reuniões, computadores, etc.)	No passado reuniam-se num espaço cedido, atualmente não têm espaço.	0
	Consegue assegurar financiamento	Apenas recursos financeiros próprios.	0
	Os seus membros têm um tempo significativo para se dedicar às atividades da iniciativa (de transição)	Apenas um membro entrevistado, que está desempregado, e dedica atualmente menos de 5h por semana ao projeto.	0
	Recruta ativamente os seus membros	Sim, mas apenas através de contactos pessoais e <i>website</i> .	1
	Pode depender de pessoal remunerado, não dependendo demasiado do trabalho de voluntários	Não, depende totalmente de voluntários.	0
	Tem um grupo coordenador	Sim, no qual se centram as decisões. Restantes membros são chamados quando são necessários.	2
	Tem um grupo coordenador grande	Não. 3 pessoas.	0
	Está organizado em subgrupos (temáticos ou de acordo com os projetos)	Sim, funcionais.	2
	A maioria dos seus membros tem uma idade específica	Não foi possível averiguar (apenas um membro entrevistado)	--
	Um nº significativo dos membros do grupo coordenador têm formação específica (gestão de grupos, motivação, <i>coaching</i> )	Apenas um membro foi entrevistado. Este membro tem formação em gestão de recursos humanos e liderança.	--
	Representa efetivamente a diversidade/ as minorias da comunidade local	Não foi possível averiguar (apenas um membro entrevistado) A comunidade local é a lisboeta que tem uma multitude de minorias.	--
	O grupo de fundadores é grande	Sim. 22 pessoas.	2

(continua)

Ficha 7.1. – Fatores de sucesso e respetiva classificação da iniciativa *Economia e Finanças*. (continuação)

<b>Iniciativa: <i>Economia e Finanças</i> (1)</b>			
<b>Fator de sucesso</b>	<b>Hipótese: Um nicho/iniciativa tem sucesso quando...</b>	<b>Fonte: Ficha de identificação e caracterização da iniciativa e Entrevista a membro/ voluntário/ estagiário</b> (apenas um membro entrevistado)	<b>Classificação (0,1,2)</b>
<b>5. Disponibilidade de recursos</b>	Um nº significativo de membros do grupo coordenador têm níveis de escolaridade altos e consequentemente competências necessárias para o desenvolvimento da iniciativa (transição)	Apenas um membro foi entrevistado. Possui o 12º ano e frequentou um curso universitário.	--
SOMATÓRIO..... $\sum_5 = 7$			
MÉDIA..... $\sum_5/9 = 0,78$			
<b>6. Perceção de existência de uma crise</b>	Indivíduos percecionam a existência de uma crise no regime (perceção dos indivíduos) e uma oportunidade para práticas do nicho oferecerem soluções.	Percecionada como existente e como sendo uma oportunidade para evoluir. A iniciativa é vista como fornecendo uma direção para essa evolução.	2
SOMATÓRIO..... $\sum_6 = 2$			
<b>TOTAL: 5,53</b>			

**Anexo 8 – Fichas de apuramento dos indicadores de sucesso de cada iniciativa e respetiva medição. (O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital).**

Ficha 8.1. – Apuramento e medição dos indicadores de sucesso da iniciativa *Economia e Finanças*.

<b>Iniciativa: Economia e Finanças (1)</b>			
<b>Modo de Transição</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Economia e Finanças</b>	<b>Classificação (0,1,2)</b>
<b>1. Replicação;</b> (Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013)  → Replicação das iniciativas (interna ao nicho) → Replicação dentro da iniciativa	Aumento do nº de iniciativas (transição) ao longo do tempo; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	Sim. Deu origem a 3 projetos-irmãos.	<b>2</b>
	Crescimento da distribuição geográfica das iniciativas; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	Não. Continua a atuar apenas em Lisboa.	<b>0</b>
	Envolvimento do grupo ou membros na formação de outra(s) iniciativa de base; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	Sim, nos 3 projetos-irmãos.	<b>2</b>
	Nº de edifícios construídos (usando técnica x) ao longo do tempo; (Seyfang, 2010)	0, não têm instalações próprias	<b>0</b>
	Aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias através de inovação, aprendizagem e experimentação; (Seyfang, 2010)	Sim, utilização da sociocracia para tomada de decisões.	<b>1</b>
	Nº de publicações (livros, artigos) acerca da tecnologia usada, ideologia, etc.; (Seyfang, 2010)	24 vídeos <i>online</i> , 1 artigo publicado no site (desativado na altura da entrevista, sem que líder soubesse)	<b>1</b>
	Nº de cursos oferecidos para disseminação das tecnologias, ideologias, etc.; (Seyfang, 2010)	Diminuiu ao longo do tempo, projeto em <i>stand-by</i> .	<b>0</b>
<b>Somatório (<math>\sum_1</math>) = 6</b>			
<b>Média (<math>\sum_1/7</math>) = 0,86</b>			
<b>2. Crescimento em escala;</b> (Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013)	Aumento do nº de membros (ativos) ao longo do tempo; (Seyfang e Haxeltine, 2012; Feola e Nunes, 2014)	Alguma: 22 fundadores para 38 membros em 4 anos, mas para o número de anos em funcionamento atraíram poucas pessoas novas.	<b>1</b>
	Aumento do nº de projetos desenvolvidos ao longo do tempo; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	As atividades oferecidas diminuíram, projeto em <i>stand-by</i> .	<b>0</b>
	Aumento da área geográfica de atuação ao longo do tempo; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	Não.	<b>0</b>
	As tecnologias/técnicas inovadoras têm a capacidade de serem produzidas/utilizadas em massa (planos, materiais e técnicas estandardizados, e podem resultar num negócio); (Seyfang, 2010)	A ideologia defendida em PROUT supõe uma alternativa à sociedade atual. Não podem resultar num negócio, porque o próprio projeto nunca teve o objetivo de criar rendimento e portanto nunca se desenvolveu nesse sentido.	<b>1</b>
	Progresso interno realizado (ingredientes de Transição, permacultura, passos completos para obterem algum tipo de acreditação ou pertencerem a uma rede, etc.). (Feola e Nunes, 2014)	Apesar de definir metas, objetivos e prazos hoje em dia a iniciativa está em <i>stand-by</i> . São acreditados pela PROUT internacional	<b>0</b>
<b>Somatório (<math>\sum_2</math>) = 2</b>			
<b>Média (<math>\sum_2/5</math>) = 0,4</b>			
<b>3. Transposição.</b> (Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013)	As mensagens do movimento são promovidas por atores <i>mainstream</i> ; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	Não. Parcerias apenas com uma revista alternativa, presença em e organização de encontros alternativos apenas.	<b>0</b>
	Nº de ideias/sistemas/processos desenvolvidos pela iniciativa e adotados por instituições do contexto dominante (ex: formações às autoridades locais); (Seyfang e Haxeltine, 2012)	0	<b>0</b>
	Nº de projetos/parcerias desenvolvidos em cooperação com instituições do contexto dominante; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	0	<b>0</b>

(continua)

Ficha 8.1. – Apuramento e medição dos indicadores de sucesso da iniciativa *Economia e Finanças*.  
(continuação)

<b>3. Transposição.</b> (Seyfang, 2010; Seyfang e Haxeltine, 2012; Seyfang e Longhurst, 2013)	Nº de projetos/parcerias desenvolvidos em cooperação com a comunidade local; (Seyfang e Haxeltine, 2012)	0	<b>0</b>
	Abertura do regime dominante: Beneficiam de medidas governamentais de encorajamento; (Seyfang, 2010)	Não.	<b>0</b>
	Adaptação do nicho ao regime: Nicho cede a pressões regulamentais para cumprir <i>standards</i> e sobreviver; (Seyfang, 2010)	Não.	<b>0</b>
	Projeto intermédio. (Seyfang, 2010)	Não.	<b>0</b>
			<b>Somatório (<math>\sum_3</math>) = 0</b>
			<b>Média (<math>\sum_3/7</math>) = 0</b>
<b>4. Duração.</b> (Feola e Nunes, 2014)	0-5 anos: 0 5-10 anos: 1 >10: 2	<b>4 anos</b>	<b>0</b>
	<b>Somatório (<math>\sum_4</math>) = 0</b>		
			<b>Média (<math>\sum_4/1</math>) = 0</b>
<b>TOTAL</b>	$\sum = (\sum_1/7 + \sum_2/5 + \sum_3/7 + \sum_4/1) = 0,86 + 0,4 + 0 + 0 = 1,26$		

Anexo 9 – Resultados da avaliação das práticas ambientais de cada iniciativa. (O conteúdo completo encontra-se apenas disponível em formato digital).

Quadro 9.1. – Práticas ambientais: água, energia, resíduos, biodiversidade e ecossistemas.

Práticas ambientais	Iniciativa									Média
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
<b>Água</b>										
S	-	15	12	19	10	19	18	16	18	15,88
N	-	5	-	-	3	-	2	1	1	
NS	-	-	-	-	-	-	-	2	-	
NR	-	-	10	1	1	1	1	1	2	
NA	22	2	-	2	8	2	1	2	1	
Total práticas	22	22	22	22	22	22	22	22	22	
<b>Sim/(Total-NA)</b>	-	<b>0,75</b>	<b>0,55</b>	<b>0,95</b>	<b>0,71</b>	<b>0,95</b>	<b>0,86</b>	<b>0,8</b>	<b>0,86</b>	<b>0,80</b>
<b>Energia</b>										
S	-	14	11	14	6	15	12	13	7	11,5
N	-	4	2	4	12	2	6	5	9	
NS	-	2	-	-	-	-	-	1	-	
NR	-	-	7	2	2	3	2	1	4	
NA	20	-	-	-	-	-	-	-	-	
Total práticas	20	20	20	20	20	20	20	20	20	
<b>Sim/(Total-NA)</b>	-	<b>0,7</b>	<b>0,55</b>	<b>0,7</b>	<b>0,3</b>	<b>0,75</b>	<b>0,6</b>	<b>0,65</b>	<b>0,35</b>	<b>0,58</b>
<b>Resíduos</b>										
S	-	18	15	18	17	16	16	16	17	16,63
N	-	-	-	-	3	2	1	-	3	
NS	-	-	-	-	-	1	3	3	-	
NR	-	1	5	1	-	1	-	1	-	
NA	20	1	-	1	-	-	-	-	-	
Total práticas	20	20	20	20	20	20	20	20	20	
<b>Sim/(Total-NA)</b>	-	<b>0,9</b>	<b>0,75</b>	<b>0,9</b>	<b>0,85</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	<b>0,85</b>	<b>0,83</b>
<b>Biodiversidade e Ecossistemas</b>										
S	-	18	20	20	14	20	16	18	20	18,25
N	-	2	-	-	6	-	3	2	-	
NS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
NR	-	-	-	-	-	-	1	-	-	
NA	20	-	-	-	-	-	-	-	-	
Total práticas	20	20	20	20	20	20	20	20	20	
<b>Sim/(Total-NA)</b>	-	<b>0,9</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>0,7</b>	<b>1</b>	<b>0,8</b>	<b>0,9</b>	<b>1</b>	<b>0,91</b>
<b>TOTAL</b>	-	<b>0,81</b>	<b>0,71</b>	<b>0,89</b>	<b>0,64</b>	<b>0,88</b>	<b>0,77</b>	<b>0,79</b>	<b>0,77</b>	<b>0,78</b>

Legenda: 1 – Economia e Finanças; 2 – Saúde e bem-estar espiritual; 3 – Regeneração rural; 4 – Gestão da Terra e Natureza\_1; 5 - Transição\_1; 6 - Permacultura\_1; 7 - Sensibilização e educação; 8 - Uso da Terra e Comunidade; 9 - Gestão da Terra e Natureza\_2; S – Sim; N – Não; NS – Não sabe; NR – Não responde; NA – Não aplicável.

Anexo 10 – Quadro-resumo das práticas sociais de cada iniciativa.

Iniciativa	Práticas Sociais			
	Gestão da vida pessoal e coletiva	Integração de diferentes gerações	Processo de tomada de decisão	Gestão de conflitos
1	Não aplicável.	Sem informação suficiente.	Sociocracia e consenso	<b>Prevenção:</b> trabalho de convívio e <i>team-building</i> .
2	- Não há separação entre vida pessoal e coletiva; - <b>Grupo acima do indivíduo.</b>	Todas, exceto crianças.	Hierarquia/ordem natural (paternalismo)	- <b>Meditação, questionamento, discussão em grupo;</b> - Conflitos são oportunidade para evoluir.
3	- Iniciativa não interfere; - <b>Indivíduo acima do grupo.</b>	Todas, inexistência de crianças.	Líderes, consulta de peritos (paternalismo)	<b>Diálogo</b> aberto, com possível mediação dos líderes.
4	- Iniciativa não interfere; - <b>Indivíduo acima do grupo;</b> - <b>Vida social</b> (convívio, lazer, arte) <b>não é uma prioridade.</b>	Todas, inexistência de crianças.	De baixo para cima em decisões do dia-a-dia. Hierárquica para restantes decisões.	<b>Discussão aberta, em privado</b> , com possível mediação de elementos mais antigos
5	Não aplicável.	Não aplicável.	Hierárquica quando líder está só, consenso quando em grupo.	<b>Diálogo</b>
6	- 1 indivíduo sempre totalmente dedicado ao projeto; - <b>Grupo acima do indivíduo.</b>	Cooperantes de diferentes idades, inexistência de crianças.	Democracia direta, confiança.	<b>Bom senso</b>
7	- Iniciativa não interfere; - <b>Indivíduo acima do grupo;</b> - <b>Vida social</b> (convívio, lazer, arte) <b>não é uma prioridade.</b>	Todas, inexistência de crianças.	Responsáveis de cada projeto (descentralizado), consenso.	<b>Sem estratégia</b>
8	- Não há separação entre vida pessoal e coletiva; - <b>Grupo acima do indivíduo.</b>	Todas.	Descentralizado (vários órgãos de decisão).	<b>Fóruns públicos</b>
9	- Iniciativa não interfere; - <b>Indivíduo acima do grupo;</b> - <b>Vida social é uma prioridade</b> (convívio, cooperação).	Todas.	De baixo para cima em decisões do dia-a-dia. Hierárquica para restantes decisões.	<b>Prevenção:</b> transparência das contas, respeito pela vida privada e incentivo ao convívio, estimulando o sentido de comunidade.

Legenda: 1 – Economia e Finanças; 2 – Saúde e bem-estar espiritual; 3 – Regeneração rural; 4 – Gestão da Terra e Natureza\_1; 5 - Transição\_1; 6 - Permacultura\_1; 7 - Sensibilização e educação; 8 - Uso da Terra e Comunidade; 9 - Gestão da Terra e Natureza\_2.

Fonte: Perguntas 17 e 18 da *Ficha de identificação e caracterização da iniciativa* («17. Tomada de decisão. Dê-me 3 exemplos de decisões importantes que o grupo tenha tomado durante o ano passado. Qual foi o critério de tomada de decisão?»); «18. Resolução de conflitos. Dê-me 3 exemplos de conflitos internos que ocorreram durante o ano passado. Como foram esses conflitos solucionados?») e pergunta 18 da *Entrevista a membro/estagiário/voluntário* («18. Práticas sociais. Esta iniciativa pertence à Rede Convergir, que «pretende mapear todos os projetos sustentáveis e inspiradores para que em rede» os projetos possam «cooperar, potenciar sinergias e contribuir para uma sociedade equilibrada e uma vida humana em harmonia». Se nos focarmos em práticas sociais, como a gestão da vida pessoal e familiar e a vida coletiva, a forma de distribuição dos rendimentos na sociedade, a integração de diferentes gerações, os processos de tomada de decisão e a gestão dos conflitos, de que forma é que esta iniciativa contribui para uma sociedade mais equilibrada?»)

Anexo 11 – Quadro-resumo das práticas económicas de cada iniciativa.

Iniciativa	Práticas económicas			
	Financiamento	Geração de rendimento próprio	Distribuição de rendimentos	Pagamento de despesas
1	Inexistente	Não	Inexistente	A cargo dos membros.
2	Contribuição dos residentes, cursos, retiros, doações, <i>fundraisings</i>	Sim	50% dos lucros para residentes que lideram eventos	Despesas conjuntas dos residentes pagas pelo projeto.
3	Líderes, venda de lotes e postais <i>online</i>	Sim, pontualmente	Alguns membros pagos por serviços especializados	Líderes.
4	Contribuição lunar dos residentes para despesas conjuntas; Empresas: capitais próprios, fundos do PRODER, banca	Não	Todos os membros são trabalhadores remunerados (30) ou sócios das empresas associadas (20)	Despesas conjuntas dos residentes pagas pelo projeto.
5	Família da líder.	Não	Não aplicável.	Família da líder.
6	Empréstimos a fundo perdido ou juros reduzidos, prémio sem devolução do valor, investidores sociais e um pequeno empréstimo bancário para infraestruturas	Sim	Meritocracia, atividades pagam o salário dos trabalhadores (segurança social+15% da margem de lucro para cooperantes)	Atividades cobrem despesas.
7	Renda paga pelos residentes, formação, produtos de valor acrescentado, serviços externos	Sim	Existe um bolo comum e gasta-se quando se decide investir em projetos, materiais, recursos.	Existe um bolo comum e gasta-se quando se decide investir em projetos, materiais, recursos.
8	60% dos fundos vêm dos visitantes, cursos, eventos; 20% de donativos e círculos de apoio financeiro; 20% vem dos colaboradores	Sim	Existe um bolo comum para despesas conjuntas.	Existe um bolo comum para despesas conjuntas
9	30% Subsídios, 70% rendimento gerado pela herdade na venda dos produtos	Sim	Existe teto mínimo e máximo de rendimento. Todos os trabalhadores são remunerados e ninguém ganha 3 vezes mais que outra pessoa.	30% Subsídios, 70% rendimento gerado pela herdade na venda dos produtos

Legenda: 1 – *Economia e Finanças*; 2 – *Saúde e bem-estar espiritual*; 3 – *Regeneração rural*; 4 – *Gestão da Terra e Natureza\_1*; 5 - *Transição\_1*; 6 - *Permacultura\_1*; 7 - *Sensibilização e educação*; 8 - *Uso da Terra e Comunidade*; 9 - *Gestão da Terra e Natureza\_2*.

Fonte: Perguntas 25.1., 25.2., 25.3. da *Ficha de identificação e caracterização da iniciativa* ( «25.1. Qual a percentagem de recursos financeiros provenientes de fonte externa à iniciativa?»; «25.2. Qual a origem dos recursos financeiros externos?»; «25.3. Como são repartidas as despesas e os ganhos dentro da iniciativa?») e ainda o tópico «forma de distribuição dos rendimentos na sociedade» da pergunta 17 da *Entrevista a membro/estagiário/voluntário*.

**Anexo 12 - Quadro-resumo das práticas espirituais de cada iniciativa.**

Iniciativa	Práticas espirituais
1	O grupo guiado por uma ideologia com caráter espiritual e espírito de serviço pela humanidade.
2	Todo o projeto está centrado na evolução espiritual do indivíduo e do coletivo com base nas ferramentas da meditação, comunicação aberta e questionamento.
3	Líderes seguem práticas espirituais e disponibilizam-nas aos voluntários.
4	Não estão dedicados a práticas espirituais ou de desenvolvimento pessoal, pois no início do projeto essa não era uma das prioridades dos fundadores e resto da equipa.
5	Parece haver uma prática de desenvolvimento pessoal por parte da líder, mas não existem práticas obrigatórias quando há visitas, nem se oferecem cursos ligados à espiritualidade.
6	Todos os cooperantes (exceto 1 pessoa) têm cursos de Permacultura, cuja filosofia tem uma dimensão espiritual. A espiritualidade está também presente na origem do projeto e em algumas atividades oferecidas pelo projeto: yoga, meditação, cuidados com o corpo e com a mente.
7	Não existem práticas espirituais na rotina dos membros do projeto.
8	Não tendo sido mencionadas práticas espirituais específicas, os membros, acreditam que sendo coerentes com a sua visão e praticando aquilo que defendem podem desencadear uma mudança global.
9	Não existe interferência do projeto nas práticas espirituais individuais.

Legenda: 1 – Economia e Finanças; 2 – Saúde e bem-estar espiritual; 3 – Regeneração rural; 4 – Gestão da Terra e Natureza\_1; 5 - Transição\_1; 6 - Permacultura\_1; 7 - Sensibilização e educação; 8 - Uso da Terra e Comunidade; 9 - Gestão da Terra e Natureza\_2.